VISÕES IMAGINÁRIAS DA CIDADE DA BAHIA
diálogos entre a geografia e a literatura

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Departamento de Geografia
Mestrado em Geografia

VISÕES IMAGINÁRIAS DA CIDADE DA BAHIA

diálogos entre a geografia e a literatura

Organizadores:
Délio José Ferraz Pinheiro
Maria Auxiliadora da Silva

EDUFBA /Mestrado em Geografia
Salvador, Bahia
2004

Para Milton Santos, cujo discernimento intelectual nos motivou a buscar um diálogo entre a Geografia e a Literatura. A ele, à sua afetuosa lembrança, dedicamos este livro.

"A meu ver, o maior erro que a Geografia cometeu foi o de querer ser ciência, em vez de ciência e arte."

Milton Santos

Prefácio

O fenômeno urbano se coloca para cada um de nós, hoje, como um enorme desafio, sobretudo, para quem o vê a partir do lado colonial do sistema-mundo moderno-colonial (Wallerstein, Quijano, Lander, Porto-Gonçalves entre tantos). Afinal, no imaginário eurocêntrico, a cidade é o destino a que a humanidade estaria votada, na busca de superação de seus atavismos naturais e de emancipação. Os alemães diziam, na Idade Média, que "o ar da cidade torna o homem livre". Dados recentes, de 2001, divulgados pela ONU, dão conta de que 53% da população mundial é rural e 47% é urbana. Embora saibamos que, com as transformações socioespaciais inscritas no que Milton Santos chamou de período técnico-científico informacional, essas distinções são menos claras do que já foram um dia, o fato é que a maior parte da população mundial, mesmo depois de mais de dois séculos de experiência industrial, vive de atividades rurais e, assim, tem seu cotidiano em contato direto com a terra (água, plantas e animais). E mais: desses 47% de urbanos, nada mais que 70% estão na América Latina e Caribe, na África e na Ásia. Somente 30% dos urbanos do mundo estão na Europa, América do Norte e Japão, ou seja, naquele urbano que nos é apresentado como o destino que deveríamos atingir. Afinal, a promessa urbana de progresso abriga uma pequeníssima parte da população urbana mundial. A cidade que nos é prometida não é a cidade que encontramos no nosso dia-a-dia latino-americano, africano e asiático, onde está, repito, 70% dos urbanos do mundo.

Houve um tempo em que se dizia que alguém tinha urbanidade no sentido de que tinha modos e hábitos tomados como cultos e superiores. Sabemos que essas hierarquias espaciais são afirmações de lugares sociais, de distinções sociais e, já ali, pelos

lugares, se discriminava cada qual. Entretanto, ainda que queiramos aceitar essa idéia de urbanidade como uma cultura superior, nossas cidades, sobretudo as deste lado colonial do sistema-mundo moderno-colonial, são tudo, menos urbanas, no sentido acima aludido. Nossos habitantes urbanos estão mais suscetíveis às catástrofes naturais do que se estivessem na área rural: chuvas, enchentes, deslizamentos, desmoronamentos e outros eventos.

Com a moderna colonização dos últimos 40 anos – revolução verde, agronegócio, modernização conservadora e, também, a revolução demográfica e a conseqüente des-ruralização generalizada –, nossas cidades sofreram um crescimento avassalador. A utopia do intelectual que se aproxima do povo e com ele convive, tão bem representado por Jorge Amado, cujos personagens povoam as páginas deste livro, já não mais predomina em nossas paisagens urbanas. Já não mais os pontos de encontro no porto com saveiros e, sim, a cidade rasgada por autopistas modernas, com edifícios modernos e arquitetura de ponta que mostram uma Salvador de uma classe média integrada aos "de cima", em nada diferente das maiores cidades brasileiras.

A sensação de uma Salvador que já não existe mais, saudosa, não deixa de permear este livro. É como se uma cidade tivesse sido invadida tanto por baixo, com a periferização, como por cima, com a presença de uma burguesia e uma classe média ciosas de que, finalmente, teriam chegado ao primeiro mundo. O Pelourinho, afinal, já não é mais aquela sujeira que Milton Santos afirmara e que aqui está reproduzida. Não. Agora, o Pelourinho recebe turistas numa atualização da mesma matriz moderno-colonial que fundava cada cidade com um pelourinho. ACM é lembrado aqui como um marco dessa nova moderna-colonização.

O mais interessante deste livro é que os(as) autores(as), instigados(as) pelos(as) professores(as) organizadores(as), não foram buscar na economia a compreensão da cidade. Foram à literatura e, assim, indicam que, mais do que progresso, querem significação identitária. Como dissera Pessoa "minha pátria

é minha língua". Com isso, colocam-se nas fronteiras entre a Ciência e a Arte, entre a compreensão objetiva do mundo e a sua significação imaginária. Não se quer somente a cidade-*habitat*, mas a cidade que é habitada, que tem hábitos, aquilo que, na linguagem popular, se diz: *gente* e não números.

É a compreensão da nova intersubjetividade urbana de Salvador que se busca neste livro, dessa cidade nova que parece nos escapar. E, agora, percebemos que, por trás de Vadinho, havia uma mulher que o servia, numa "dialética da malandragem" (Antonio Cândido e Roberto DaMata) que a clivagem social de hoje explicita numa "dialética da marginalidade", de que, talvez, os *rappers* do movimento *Hip Hop* sejam os principais poetas. O Zé do Burro de *O Pagador de Promessas*, que chega à cidade no início desse processo de transformação, é muito diferente do Zé Pequeno da *Cidade de Deus*. Que cidade é essa? Além disso, Vadinho teria de se haver com as feministas...

Visões Imaginárias da Cidade da Bahia, organizado por Délio José Ferraz Pinheiro e Maria Auxiliadora da Silva tem as marcas do que de melhor a produção acadêmica pode oferecer. Antes de tudo, pela resistência ao mundo, sobretudo a esse mundo que recusa a mundanidade para se recolher no único símbolo que reconhece como válido: o dinheiro. Abstração pura.

Numa época em que a cidade é pensada como mercado, *Visões Imaginárias da Cidade da Bahia* nos propõe a *geosemia* dos múltiplos sentidos da cidade como obra, fruto das mãos e da imaginação dos homens e mulheres mundanos, que aparecem mais na literatura do que na maior parte da literatura científica sobre a cidade (mais do que da cidade).

Visões Imaginárias da Cidade da Bahia, por suas diferentes qualidades, nos traz a riqueza de mestrandos que, instigados pelos organizadores, na disciplina O Espaço Geográfico na Literatura, do Curso de Mestrado em Geografia da UFBA, nos devolvem a dimensão subjetiva inscrita no espaço urbano *concretamente*.

O que se publica aqui são distintas visões sobre essa Salvador que se quer Bahia de Todos os Santos... e Silvas. Só a literatura permite ver essas almas que emergem dos diferentes lugares desse espaço-cidade – dos fundos dos becos, dos sobrados, dos edifícios, dos alagados. Neste livro, mergulha-se, pela literatura, nesse espaço-tempo de uma Salvador em que se buscou a utopia de integrar os "de baixo" (Florestan Fernandes), contraditória, sim, mas quem sabe não está aqui a chave que se busca no passado para a Salvador do futuro, contra todo o individualismo fóbico, a desigualdade e desagregação social que o mercantilismo hegemônico só faz aumentar. O leitor, com certeza, sairá melhor desse espaço imaginário que é esse livro, Salvador.

Itaipu-Niterói, dia internacional da Mulher – 2004.
Carlos Walter Porto Gonçalves[1]

Notas

[1] Carlos Walter Porto Gonçalves é doutor em Geografia, Coordenador do Programa do Pós-graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro, Brasil), ex-presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB (1998-2000); é autor de diversos artigos e livros publicados em revistas científicas nacionais e internacionais, sendo os mais recentes *A geograficidade do Social: uma contribuição ao debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina* em Movimientos Sociales y Conflicto en América Latina' (Seoane, José (org.) Clacso, Buenos Aires, 2003; "*Da Geografia às Geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades*" em "La guerra Infinita: hegemonía y terror mundial" Sader, E. e Ceceña, Ana Esther (orgs.), Clacso, Buenos Aires 2002; "*Geo-grafías: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentablidad*", ed. Siglo XXI, México, 2001 e "Amazônia, Amazônias", ed. Contexto, São Paulo, 2001.

Sumário

Apresentação

Visões imaginárias da cidade da Bahia é um trabalho surpreendente. Ele rompe com a aridez de uma geografia clérica, seguindo a orientação de Milton Santos, para o qual "*o maior erro que a geografia cometeu foi o de querer ser ciência, em vez de ciência e arte*".

A proposta dos autores é a de retornar ao pensamento sartreano, tão caro a Milton. Pensamento que expressa em *Esboço de uma teoria das emoções*, no qual "*... uma emoção remete ao que ela significa. E, o que ela significa é a totalidade das relações da realidade-humana com o mundo*", através da "*...queda brusca da consciência no mágico*".

Percorri os textos com a alegria de "ouvir" e "ver" as narrações, a procura das emoções, na garimpagem dos estados de magia de Ítalo Calvino, na racionalidade de Walter Benjamin, na razão e emoção de Milton Santos, através das narrativas dos escritores e poetas dos baianos, que compreendem o mágico, o que é compreender o mundo.

Nada mais geográfico do que essa narração sonora, musical e rítmica, capaz de perceber que as "*coisas têm sentido*" (Sartre). Geografia que os jovens baianos descobrem, com o auxílio criativo de Délio José Ferraz Pinheiro e Maria Auxiliadora da Silva.

Os textos surpreendem ao abandonar as enfadonhas, medíocres e pretensiosas *revisões teóricas*. Eles ousam ao formular as suas, o que resulta dessa situação do homem emocionado diante dos objetos emocionantes. Eles fazem viver a geografia, penetrando no mundo encantado e mágico das artes. Artes que revelam o espaço material e social, pleno de emoções e que fazem dos homens, humanos.

Tenho, em minha frente, acredito que a primeira edição do *O Centro da Cidade de Salvador*. Ouço Dorival Caymmi, ouço Jorge Amado; ouço o mar, ouço Castro Alves, ouço os alísios, ouço

as passadelas nas pedras do Pelourinho, do Mercado, da Baixa dos Sapateiros. Ouço os murmúrios nas ruas e dos largos e do mar de Salvador, ouço Milton Santos: "*O espaço dos geógrafos terminou por ser também tão fragmentado quanto o espaço reificado, e a geografia tornou-se ideológica, hostil ao real.*"

Nada mais real do que a emoção feita poesia, romance e crônica. Nada mais geográfico do que a emoção materializada em formas e comportamentos que os geógrafos baianos souberam interpretar a partir da planta e do movimento social que um dia Milton Santos empreendeu, ao estudar o centro da cidade de seus amores, na beira do mar que a conecta com o mundo.

Um belo livro. Uma terna lição.

Gervásio Rodrigo Neves
Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo-USP. Doutor e Livre Docente em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor TItular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Rio Grande do Sul.

A cidade e seus símbolos

Délio José Ferraz Pinheiro[1], *Maria Auxiliadora da Silva*[2]

"Toda cidade é uma metáfora"
Julio Cortázar

Sempre existiu uma íntima relação entre a literatura e a cidade. Na história, os dois fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase simultaneamente. Por outro lado, é evidente a analogia que existe entre a possibilidade de empilhar tijolos para construir cidades e de agrupar sons e letras para formar palavras que geram significados, símbolos e idéias. Construir cidades constitui, pois, uma forma criptográfica de escrita.

É na cidade, e através da escrita, que se registra a acumulação do conhecimento. Na cidade-escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa na memória. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, registros, mapas, plantas baixas, inventários etc) que fixam essa memória: a própria arquitetura urbana (ou, se preferem, a escrita enigmática do texto urbano) cumpre também esse papel. O desenho das ruas e das casas, das praças, dos templos, além de contar a experiência daqueles que os construíram, revela seu mun-

do. As formas e tipologias arquitetônicas podem ser lidas e decifradas como se faz com um texto. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto com o qual se montam e desmontam palavras e frases. É essa dimensão que permite que o desenho da cidade se encarregue de contar sua história. A cena escrita da cidade permanece, o passado subsiste.

A cidade, lugar de trocas, é um símbolo capaz de exprimir a tensão entre a racionalidade geométrica ou geográfica das construções e o emaranhado das existências humanas. Mesmo quando a demolição (ou desconstrução) gerada pela ambiciosa fúria do "progresso", determina o apagamento da memória urbana traçada na escrita das pedras e tijolos de suas construções, é possível resgatar essa memória através do livro, lugar de inscrição nostálgica do passado, frente ao que se vai transformando em ruínas. A cidade é o teatro por excelência dos literatos. A literatura visita o campo, porém vive na cidade. A exceção é o regionalismo.

Certamente, um dos temas mais presentes na história da literatura é o da cidade e tudo o que dela deriva. A cidade tem sido um motivo recorrente na obra literária, desde a emblemática Babel (da raiz *bll* = confundir). O tema da Torre de Babel, combinado com o da cidade, transforma-se, através de uma metáfora, na primeira condenação da civilização urbana. O escritor judeu de língua alemã Franz Kafka (1883-1924) em "O emblema da cidade" desenvolve esse tema de forma original, demonstrando que a torre e a cidade inscreveram-se num fazer permanente, perpétuo, incompleto, representativo da própria experiência humana. A construção interminável da Torre mostra, de forma arquetípica, a cidade moderna em seus excessos inesgotáveis, os quais a tornam, muitas vezes, destituída de sentido. Ao mesmo tempo, Kafka sabe que a cidade nada mais é que a soma da ambição e do desejo inesgotável de poder dos humanos que a habitam. Assim, conclui, clara e criticamente, que "enquanto existirem os homens, existirá o desejo de construir a obra até o fim".

As cidades estão e sempre estarão presentes nas indagações, nas angústias e descobertas dos escritores, como fonte da tessitura, da trama da experiência humana, como cenário da vida cotidiana. Somos parte dela, da urbe, somos urbanos. Seja a cidade natal, seja a cidade em que o homem constrói sua vida pessoal e, conseqüentemente, sua obra literária, seja a cidade ideal, imaginada, desenhada pela imaginação humana.

Os escritores e poetas realizam um trabalho arqueológico em busca da alma, da verdadeira essência das cidades e até "constroem" cidades imaginárias como as "Cidades Invisíveis" de Calvino ou a emblemática "Pasárgada" de Manuel Bandeira[3]:

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
...
E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Enganam-se, entretanto, os que pensam que a literatura de ficção implica a criação de um mundo apenas imaginado. O imaginado ou o imaginário, na verdade, é construído a partir de elementos da realidade, ressignificados e transpostos para um contexto imaginário, ou ainda de elementos imaginários sobrepostos no real. Toda boa obra literária ambiciona ser uma transposição poética da realidade. Nesse sentido, a literatura possibilita conhecer espaços e luga-

res, porque é da realidade concreta que o escritor recobra os elementos para a construção do universo ficcional de sua obra literária, um processo de re-criação no qual evidencia a relação entre o espaço e a literatura. A propósito, vale relembrar a cidade de Itabira, vista por Carlos Drummond de Andrade[4]:

> CONFIDÊNCIA DO ITABIRANO
> Alguns anos vivi em Itabira
> Principalmente nasci em Itabira.
> Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
> Noventa por cento de ferro nas calçadas,
> Oitenta por cento de ferro nas almas.
> ...
>
> Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
> Hoje sou funcionário público
> Itabira é apenas uma fotografia na parede.
> Mas como dói!

Desafiando o escritor a decifrá-la, a cidade exige dele uma percepção que penetre além das aparências e desvende a verdadeira essência das ruas, de seus múltiplos espaços. Pois cada cidade tem sua história, sua individualidade, sua fisionomia, ainda que muitos desses elementos se repitam entre elas, como nos diz Octávio Paz, nos versos admiráveis:

> Estamos na cidade. Não podemos sair dela sem cair em outra, idêntica, mesmo quando diferente.

Mas o desafio de decifrar também é do leitor, que consome e produz um novo texto, uma nova leitura do espaço, pela polissemia inerente ao texto literário. Portanto, as experiências do escritor e do leitor se confundem, parceiros que são na ressignificação dos espaços reais, a ponto de os dois se tornaram cúmplices e companheiros na viagem proporcionada pela leitura. E os discursos sobre o espaço se multiplicam tantas vezes quantas sejam as vozes que discursam e os ouvidos que as captam.

Para se fazer uma leitura do espaço real, vai-se além da aparência que é visível, chegando-se mesmo ao "que não se percebe", mas sem perder de vista que é principalmente o homem que molda o espaço. Não se deve esquecer que é a sociedade que produz, consome e ressignifica o espaço, e a Geografia, uma das possíveis leituras do espaço, é uma prática que também pode se fazer através do discurso literário.

Toda cidade pode nos parecer um discurso que articula variados signos. As cidades desenvolveram suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que ordena e exige a interpretação de sinais. Ainda que essa última só seja percebida por aqueles espíritos capazes de ler, de atribuir significações àquilo que, para os demais, constitui apenas significantes sensíveis, é possível reconstituir a ordem através da leitura. A cidade é um labirinto de caminhos, de veias de espaços rasgadas no espaço, que só a aventura pessoal pode penetrar, e um labirinto dos signos que só a inteligência pode decifrar, na busca do seu sentido ou da sua ordem.

O pensamento urbanístico, nos seus principais momentos, carrega um viés de idealizações que resvala em cidades imaginárias pouco compreendidas no momento em que são formuladas. Para Hall (1995)[5],

> "Howard, Unwin, Parker, Osborn, Geddes, Munford, Stein, MacKaye, Chase, Burnham, Lutyens, Le Corbusier, Wells, Webber, Wright, Turner, Alexander, Friedmann, Castells, Harvey…a maioria era de visionários, mas as visões de muitos quedaram por longo tempo estéreis, porque ainda não era chegada a hora. Amiúde utópicas, até quiliásticas, assemelhavamse nada menos que a versões seculares da cidade celestial dos puritanos seiscentistas, engastada no Monte Sião, e agora descida à terra e pronta para uma época que também na terra reclamava por recompensa... (p.3)

A ficção não é constituída apenas da fantasia, mas ela se desenha em lugares e épocas nos quais a ação se desenrola, e são determinantes dos contornos da ficção, ou seja, a invenção dos autores está associada às circunstâncias de espaço e tempo.

Desde a exatidão de Homero em sua descrição da cidade de Tróia, muitos são os escritores que nos ligaram à memória das cidades. As imagens pretéritas que conhecemos de São Petersburgo, de Londres, de Paris, de Lima, de Dublin, de Praga, de Berlim ou de Buenos Aires são devidas, respectivamente, à narrativa de escritores como Dostoiévski, Dickens, Baudelaire, Mario Vargas Llosa, James Joyce, Milan Kundera, Doblin e Jorge Luis Borges.

A Paris de Balzac, a Londres de Charles Dickens, a Lisboa de Eça de Queiroz, a Buenos Aires de Robert Arlt contêm uma geografia literária passível de ser estudada e representada em mapas físicos e mapas da organização da sociedade. É através desses mapas que desliza o universo de uma ficção ancorada no real, mesmo que transfigurado, ressignificado pelo autor. Nesse sentido, é possível falar-se em "mapas literários", tal como o faz o crítico italiano Franco Moretti. Paris, Londres, Lisboa e Buenos Aires, vistas respectivamente através da lupa de Balzac, Dickens, Eça de Queiroz e Arlt, são cidades constituídas como um caleidoscópio de micro-universos, constituídos por ruas, casas e paisagens que, mais do que cenários, constituem espaços que um dia foram reais e que são determinantes do vôo da ficção, que decola a partir de uma realidade. [6]

Os Sertões de Euclides da Cunha, depois de um século do seu lançamento, ainda é uma obra que ajuda a compreender o espaço do semi-árido nordestino. *Vidas Secas* de Graciliano Ramos também se insere no mesmo contexto. A mesma argumentação pode ser usada quando se estuda a relação da literatura de Jorge Amado, Ariovaldo Matos ou Vasconcelos Maia, por exemplo, com a cidade de Salvador, além de outros textos literários sobre os mais variados espaços urbanos do mundo.

Entre nós, o espaço geográfico da cidade do Salvador tem sido cenário e matéria-prima da obra de diversos poetas, contistas e romancistas: Gregório de Matos, João Cordeiro, Pedro Calmon, Dorival Caymmi, Vasconcelos Maia, Godofredo Filho, Ariovaldo Matos, Luis Henrique Dias Tavares, Guido Guerra, James Amado, Adonias Filho, Adroaldo Ribeiro Costa, Sônia Coutinho, Cleise Mendes, Állex Leíla, Carlos Ribeiro, Ruy Espinheira Filho, Odorico Tavares, Aydano Roriz, Jehová de Carvalho, Carlos Cunha, Adelice Souza, Darwin Brandão, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Narciso Neri, Zélia Gattai e muitos outros. Lugar de destaque é ocupado pelo romancista Jorge Amado. Ninguém contou melhor do que ele o mar, os becos e vielas, as ruas íngremes e os mistérios e magias da cidade da Bahia, espaço privilegiado na ficção amadiana. Não há, portanto, qualquer dúvida de que a cidade é fonte de inspiração de escritores e desafio cotidiano de seus habitantes e também não é casual que a maior parte dos textos desta coletânea insistam em debruçar o olhar sobre a obra romanesca de Jorge Amado, íntimo da Cidade da Bahia.

Muitos escritores, poetas, artistas e urbanistas imaginaram cidades que foram, em parte, resgatadas pelo futuro, sendo essa conexão o eixo central da disciplina, principalmente, no que toca à utopia urbanística.

O leitor tem em mãos um livro de conteúdo inovador. Os textos aqui reunidos, diversos no estilo, variados na forma, possuem uma temática compartilhada: pensar a cidade do Salvador em suas múltiplas representações na literatura de ficção, tendo em mente que a cidade é um texto diante dos nossos olhos, um conto em movimento, que permanecerá sempre inacabado. Nas leituras da cidade do Salvador, os autores não se detiveram somente na análise dos textos literários como transcrição da experiência dos lugares, a leitura como criação dirigida. Foram mais além: penetraram nos seus becos escusos, no mistério oleoso de suas ladeiras, no drama social da gente simples do seu povo,

cumprindo o objetivo de estabelecer uma dupla e recíproca relação entre literatura e o espaço geográfico, vale dizer, um diálogo entre a geografia e a literatura.

Nos trabalhos aqui apresentados, a obra literária não é tomada apenas como objeto, mas também como sujeito da pesquisa geográfica. Ainda são escassos os estudos dessa natureza, a partir dos quais se busca, através de textos literários, reconstituir a história das cidades, sua cultura e a percepção dos escritores sobre as transformações urbanas, considerando, sobretudo, que a imaginação e descrição das cidades na literatura são fontes para a construção de elos entre ficção e realidade.

Este é um livro coletivo. Comunica os resultados obtidos no curso das atividades da disciplina O Espaço Geográfico na Literatura do Mestrado em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia (2000-2003). Alegra-nos, sobremodo, que seja um livro de discentes, nossos alunos, muitos deles já mestres. Não intervimos nos textos. É, portanto, fortuita a circunstância de sermos os organizadores deste volume.

Notas

[1] Professor do Mestrado em Geografia da UFBA.

[2] Professora do Mestrado e do Departamento de Geografia da UFBA.

[3] BANDEIRA, Manuel. Libertinagem. In:____.*Poesia e Prosa.* V. 1. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. p. 221-2.

[4] ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do Mundo. In: _____. *Poesia Completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1002. p. 68.

[5] HALL, Peter. *Cidades do Amanhã.* São Paulo: Ed. Perspectiva. São Paulo, 1995.

[6] Ver, a respeito, a obra do crítico italiano Franco Moretti, com tradução recém lançada pela Editora Biotempo, no Brasil: *Atlas do romance europeu – 1800-1900.*

Referências

ABREU, M. de A. *O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação: contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro*. In: CARLOS, ANA F. A. (Org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 199-321.

AMADO, J. *Suor*. 49 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 164 p.

______. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. 86 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 130 p.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

PECHMAN, R. M. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. 200p.

PESAVENTO, S. J. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 1999. 349 p.

PINHEIRO, D. J. F.; SILVA, M. A. da. *A escrita das cidades*. Salvador: UFBA, Mestrado em Geografia, 2001. Texto introdutório à disciplina GEO-783 - O espaço geográfico na literatura.

RAMA, A. *A cidade das letras*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1985. 158 p.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador*: estudo da geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

______. *Espaço e método*. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

______. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.

______; SILVEIRA, M. L. *O Brasil*: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.

SEABRA, O.; CARVALHO, M.; LEITE, J. C. (Entrevistadores). *Território e sociedade*: entrevista com Milton Santos. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 200. 127 p.

SILVA, M. A. da. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio além do Carmo. In: VASCONCELOS, P. A.; SILVA, S. B. de M. e S. (Orgs.). *Novos estudos de geografia urbana brasileira*. Salvador: EDUFBA, 1999. p. 259-271

A cidade de Salvador, dos idos de 1959: os olhares de Jorge Amado e Milton Santos

Adriano Bittencourt Andrade[1]

A idéia de encontrar, nas linhas e entrelinhas de textos literários, imagens, paisagens e noções do espaço geográfico da cidade de Salvador pode parecer, de início, apenas curiosa. Entretanto, a reflexão e o aprofundamento nas pesquisas e leituras mostram uma pertinência e uma coerência não explícitas nessa proposta, ao primeiro olhar. Obras literárias como a selecionada para este texto – apesar de distantes do estilo e do rigor acadêmico, pois que obras de ficção – trazem, no seu bojo, informações e "leituras" do cotidiano de uma cidade que raramente são abordadas nos livros científicos.

Definidos o espaço geográfico e as intenções iniciais, objetivou-se entender as estruturas pretéritas a partir da comunhão complementar (o que se comprova viável no corpo deste artigo) entre obras literárias e acadêmicas do mesmo recorte temporoespacial. Para tal, foi necessário optar por livros que atendessem a esse fim. A escolha, adiante detalhada, pela vasta obra de

Jorge Amado foi imediata e óbvia. Entretanto fez-se a dúvida sobre qual seria o livro matriz, dúvida essa dirimida a partir da observação de uma feliz coincidência: o ano de 1959, que marca a conclusão de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, é o mesmo da edição do livro de Milton Santos *O centro da cidade de Salvador*.[2] A possibilidade de fazer uma análise comparativa entre as duas obras animou e norteou a pesquisa e os destinos deste trabalho.

Assim, definiram-se como objetivos principais: (1) buscar informações reais sobre o espaço geográfico na obra de ficção, partindo do pressuposto de que o autor da obra literária escreve a partir de uma pesquisa prévia ou de uma vivência no ambiente por ele reproduzido, o que parece ser uma situação bem própria aos livros de Jorge Amado; (2) identificar uma outra cidade, não explícita nos livros técnicos, típica de uma abordagem fenomenológica da Geografia Cultural Humanística; (3) conhecer a estrutura social e econômica (formal e cotidiana) de Salvador, antes das densas transformações das últimas décadas do século XX (daí a importância da escolha dos referidos livros); (4) compreender a conjuntura da época (década de 50 do século XX) e identificar nexos entre a produção literária de Jorge Amado e a científica de Milton Santos.[3]

Assim, para atingir esses objetivos, apresentam-se: uma breve referência biográfica – fatores relevantes à obra estudada – dos autores indicados; uma análise sumária dos dois livros, indicando aproximações e distinções (ou complementos); o contexto mundial, nacional e local em que foram pensadas as obras; a análise de fragmentos do livro *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* – a parte nuclear do trabalho – que expressem o espaço geográfico da cidade da Bahia, à luz da produção científica de Milton Santos, principalmente do seu livro de mesma data *O Centro da Cidade de Salvador*; e, finalmente, uma conclusão com abordagem de assuntos como a relação complementar entre a Literatura e a Ciência, a evolução da cidade de Salvador e a pro-

dução do espaço, além de uma retomada da área observada nos referidos livros (o antigo centro da cidade), com breve indicação do seu atual "papel" na metrópole em que se transformou a antiga cidade da Bahia.

A pequena diferença cronológica de 14 anos[4] já nos indica uma aproximação entre os dois autores, visto que viveram momentos históricos similares. Ao observar-lhes a origem e destinos espaciais[5], percebe-se que as diversas coincidências seguintes terão motivos de ser e, de fato serão, uma constante na vida desses dois eminentes baianos.

Além das já referenciadas coincidências, ainda é possível indicar que tanto Jorge como Milton formaram-se em Direito, em 1935, no Rio, e pela USP, com ingresso em 1944, respectivamente. Apesar de Jorge Amado nunca ter se apossado do diploma, essa formação certamente deu aos dois autores a fluência na linguagem e foi decisiva para uma ativa vida política estudantil, para a produção posterior (explícita na análise que faremos a seguir) e mesmo profissionalmente.[6] Apesar de não ter encontrado na literatura registro de amizade entre os dois, ambos tiveram, pelo menos, um amigo comum – Caio Prado Júnior. Existia, também, uma admiração notória de Milton em relação à obra de Jorge Amado, demonstrada na referência bibliográfica de seu livro (1959), em que inclui *Bahia de Todos os Santos*, e em entrevista concedida e publicada (SEABRA *et ali*, 2000: 88), quando, em resposta a uma questão sobre a atividade intelectual no final dos anos 50, afirma:

> E tentávamos imitar a métrica de Gilberto Freyre e de Jorge Amado. Tentávamos reproduzir a prosa dos dois, que era muito musical. Até hoje busco pôr uma música no que eu escrevo, quanto tenho tempo. Quando não tenho, vai como vai. Mas isso vem da nossa paixão por esses grandes autores. Sem contar Machado de Assis e o obrigatório Eça de Queirós, que nós líamos e comentávamos. E havia essa crença de que a cultura era um meio de se ir para frente.

Vistas essas semelhanças, existiu um fator dicotômico que os diferenciou decisivamente e, conseqüentemente, está exposto nas suas produções. Jorge Amado, não obstante a sua origem de uma rica família do sul do Estado da Bahia, teve uma vida próxima da cultura popular, conforme se verifica no *site* da Academia Brasileira de Letras[7], "livre e misturado com o povo", fato que o fez, em palavras do próprio autor, contar estórias e histórias vividas ou ouvidas. Milton Santos, por sua vez, teve uma criação aristocrática. Na entrevista citada[8], informa que foi criado para "mandar", distante dos apelos populares, como o candomblé e o futebol.

O conjunto desses pontos comuns e distintos entre os dois autores estarão expressos nas suas obras e, especificamente, nos dois livros analisados neste trabalho. Fato é que ciência e ficção contam histórias complementares, quanto à forma literária, aos espaços (lugares) e, principalmente, à observação diferenciada sobre os eventos.

A morte e a morte de Quincas Berro D'água é uma curta novela que conta a estória de um cidadão da Bahia formal (funcionário público aposentado), que levou boa parte de sua vida reprimido pelos ritos da formalidade da elite soteropolitana e pelo gênio dominante da esposa e da filha. Joaquim Soares da Cunha deu lugar ao Quincas Berro D'água, ao se entregar aos prazeres da vida na Cidade da Bahia. Apesar da vida humilde e vadia, foi em Quincas e nas ruas degradadas de Salvador que Joaquim encontrou a felicidade. A morte do indivíduo trouxe de volta os dois personagens. A família, que o havia relegado ao esquecimento e à vergonha, acreditava na necessidade de, justificando-se à sociedade baiana, enterrar formalmente o seu morto. Já os amigos e as amantes de Quincas prestavam-lhe as homenagens derradeiras, que culminaram com uma cena surreal, quando o morto ganha uma nova vida nos braços dos quatro grandes amigos, para, ao final de uma noite de intensa folia e bebedeira, voltar a morrer no mar da Bahia – seu professo desejo. Jorge Amado traz, nesse

livro, as marcas que acompanham toda a sua obra: territorialização dos contos e romances (neste caso, a Salvador da década de 1950), contextualização social dos seus personagens, o que viabiliza sobremaneira uma análise geográfica de seus trabalhos.

Em *O Centro da Cidade de Salvador. Estudo de Geografia Urbana*, o jovem doutor Milton Santos(33 anos) demonstra um conhecimento primoroso da cidade em análise. Segue os passos monbeigeanos[9] das monografias urbanas dominantes na produção geográfica brasileira de então, indo além de uma mera visão positivista e fragmentada do espaço. Faz diversas considerações teórico-conceituais[10] (fixos e fluxos, estrutura e processos, circuitos formais e informais, etc.) e avança por uma inserção da capital da Bahia no contexto mundial, não a entendendo como um fim em si mesma. Santos avalia, no primeiro capítulo, as relações entre Salvador e a sua hinterlândia, fazendo diversas considerações históricas sobre a evolução da cidade. No capítulo dois, de forma pontual, discorre sobre as funções do centro de Salvador, considerando a cidade alta, a cidade baixa e o entorno. No terceiro capítulo, trata da cidade vivida e dos óbices decorrentes de um sítio de difícil ocupação, bem como dos problemas que derivam de um crescimento acentuado do núcleo urbano e da necessidade de novos equipamentos. No quarto capítulo, trata da estrutura da cidade, fazendo referência, inclusive, a áreas degradadas (os cortiços, o Pelourinho) e concluindo brevemente com a retomada de alguns dados, especialmente a característica de núcleo comercial marcante da cidade de Salvador, explícita na observação da sua função portuária.

As obras supramencionadas caracterizam uma realidade local que será pormenorizada nas linhas seguintes. Antes, no entanto, faz-se necessária uma contextualização, em âmbito mundial e nacional, para o perfeito entendimento da estrutura e conjuntura na qual estavam inseridos os autores e fatos estudados. Como o próprio Santos diz:

> A idade das variáveis presentes em cada lugar acaba sendo medida com referência a fatores internos e externos, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde a história da produção é intimamente ligada à criação, nos países do centro, de novas formas de produzir. (Santos, 1996: 49)

Essa óbvia influência externa sobre a cidade da Bahia e, conseqüentemente, nos destinos dos livros em análise, merece a nossa observação.[11]

Em âmbito mundial, o marco referencial histórico é o fim da Segunda Grande Guerra, em 1945, e o início de um embate ideológico-militar entre o mundo capitalista (composto por um grupo de países desenvolvidos – EUA, Canadá, Europa Centro-Ocidental, Japão, Austrália e Nova Zelândia – e por diversos outros países periféricos, dentre eles, o Brasil) e o mundo socialista (URSS, Europa Oriental, China e outras experiências pontuais na Ásia e África). Havia uma necessidade preeminente de posicionar-se diante desse mundo bipolar, o que sugeria a negação (repressão) das forças opostas. Assim, nesse período, criam-se organismos reguladores do mundo capitalista emergente[12], tais quais a ONU, o FMI, o Banco Mundial e, posteriormente, a GATT (atual OMC – Organização Mundial para o Comércio), prenunciando uma regulação global e, mais efetivamente, a mundialização do capital. Da necessidade de reconstrução da Europa e do Japão decorrem os "30 anos gloriosos" do capitalismo, com grande pujança e crescimento econômico, além de um incrível advento tecnológico no Primeiro Mundo. Esses fatos trouxeram reflexos aos países do Terceiro Mundo, com a maciça entrada das transnacionais e a conseqüente internacionalização das economias periféricas.

O Brasil vivia, nesse período, um momento de turbulência política e econômica: um profícuo embate, dito por Fausto (1994: 407), entre os nacionalistas, que defendiam um Estado forte, autônomo, independente do sistema capitalista internacional

e atuante como regulador da economia e investidor em áreas estratégicas, e os adversários, depreciativamente chamados de "entreguistas", que propunham uma menor intervenção estatal e um alinhamento irrestrito aos EUA, com um marcante combate às idéias comunistas.

Dutra, que ocupou o governo nacional no período entre o Estado Novo e o retorno de Vargas, iniciou cedendo a pressões externas, à corrida liberalista com uma menor intervenção estatal. O retorno de Getúlio Vargas ao poder (1951 a 54)[13] marcou uma fase populista-nacionalista, com estímulos à Petrobrás, Eletrobrás e à indústria nacional, principalmente à siderurgia e à criação do BNDE (1952) – Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. Teve como ministro do trabalho João Goulart (que possuía ideais socialistas) e promulgou diversas leis e direitos trabalhistas.

O suicídio de Vargas, o governo "tampão" de Café Filho e a eleição de Juscelino Kubitschek marcaram um processo de transição, que trouxe estabilidade política e crescimento econômico, sustentados pelo capital internacional e legitimados pela propaganda oficial. Houve, no estabelecimento do plano de metas do governo de JK, um fator decisivo para a urbanização brasileira, a abertura de eixos rodoviários, que intensificou o fluxo de pessoas e determinou a forte migração rural-urbana (êxodo rural), o que levou ao inchaço das cidades, com uma urbanização concentrada em poucas metrópoles, além da conseqüente segregação e exclusão nos espaços urbanos.[14]

A partir desse longo preâmbulo, torna-se perceptível o enquadramento histórico-espacial que fazem Jorge Amado e Milton Santos nas suas respectivas obras. A leitura de trechos de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* permite visualizar a territorialização, no espaço banal[15] indicado por Jorge Amado, dos fenômenos que marcaram a sua vida e também a estrutura social e econômica da cidade de Salvador. Essa observação torna-se ainda mais pertinente quando da comparação com o olhar téc-

nico-científico de Milton Santos. Os tópicos a seguir seguem essa metodologia: primeiro as citações do referido livro de Jorge Amado e, em seguida, as asserções de Milton Santos sobre o mesmo espaço, hábito ou característica socioeconômica, e a nossa análise comparativa das duas obras.

1

> ...quando a lua se desfez sobre o mar e aconteceram mistérios na **orla do cais da Bahia**. Presenciada, no entanto, por testemunhas idôneas, largamente falada **nas ladeiras e becos escusos**... (AMADO, p. 1 e 2).[16]

Há uma indicação da região nuclear da cidade de Salvador, o seu porto, que, conforme Santos (1959:41), é "muito animado, é a base da importância regional da cidade." Esse fato, além das diversas outras referências, constitui um subitem no livro *O Centro da Cidade de Salvador* de Milton Santos (A Função Portuária, p. 71).

2

> Os patifes que contavam, pelas ruas e ladeiras, em frente ao **Mercado e na feira de Água dos Meninos** (...) cantadores populares na **entrada do Elevador Lacerda, por onde passa tanta gente de bem** ... (AMADO, p. 5)

> A roda, em frente **à rampa dos saveiros, na feira noturna de Água dos Meninos** aos sábados, nas **Sete Portas**, nas exibições de capoeira na **estrada da Liberdade** ... (AMADO, p. 51).

Merece atenção, nesse trecho, a indicação das rampas dos saveiros, o que Santos corrobora dizendo:

> Ao lado da extensão de cais, construída especialmente para os grandes navios, há as "rampas" onde podem abordar os saveiros. São duas: a "Rampa do Mercado", logo ao lado da Praça Cairu e a da Água de Meninos, no final da Av. Frederico Pontes, ambas muito pitorescas e ricas de cor local. (SANTOS, 1959: 73)

Essas rampas atendiam ao mercado grossista, e delas derivava uma feira local.

Há, também, uma referência à estrada da Liberdade, que Santos comenta: "...a formação de um núcleo comercial na Liberdade, bairro que atualmente tem mais ou menos 160.000 habitantes..."(1959: 50). Já em 1959, a Liberdade constituía uma extensão residencial-comercial que marcava a evolução da cidade pobre ao longo do *horst*, ao passo que a cidade formal seguia pela margem atlântica.

3

> ...curvado sobre cartas sebentas no átrio da **igreja do Pilar** ou ainda cantando com voz rouquenha na **ladeira de São Miguel**, abraçado a **negras e mulatas de má vida**. (AMADO, p. 7).
>
> Estranho: não havia a habitual barulheira dos botequins e **casa de mulheres de São Miguel**. Tudo naquela noite era diferente. Teria havido uma **batida inesperada da polícia, fechando os castelos, clausurando os bares**? (AMADO, p. 84).

A vida dos excluídos, que habitavam a área degradada da cidade – o Pelourinho, as suas ladeiras e adjacências da Baixa dos Sapateiros – foi um assunto pouco explorado por Milton Santos (certamente por não ser esse o foco da sua pesquisa), aparecendo apenas em breves referências de ordem quantitativa, sem uma análise mais apurada. Entretanto, o próprio Jorge Amado, aborda esse tema de forma íntima (até pela sua vivência nesses ambientes), a exemplo das citações acima e deste trecho do livro Suor[17]:

> Chegou ao buraco do quarto e ficou olhando os telhados negros da cidade anciã. As ladeiras eram os braços da cidade esticados para o céu. Ali embaixo, no centro da ladeira empedrada, ficava o Pelourinho, montado pelos colonizadores portugueses. Hoje, o pelourinho desaparecera, mas a ladeira que lhe tomara o nome era como um pelourinho também. Todos os que ali viviam passavam vida apertada, sem pão, sem trabalho.

Conforme nos mostra Silva (1999: 260), "O Centro Histórico de Salvador sofreu um processo de depreciação oriundo de sucessivas mudanças de funções", o que o levou a modificar-se na sua estrutura social e econômica, porém com rugosidades expressas no seu desenho arquitetônico e urbanístico, migrando de uma inicial ocupação residencial de elite para a situação, acima indicada, de degradação.

4

> A **negra** viera pelas ervas, urgia recebê-las, estavam na época sagrada das **festas de Xangô**. Como sempre, a porta do quarto, no alto da **íngreme escada**, encontrava-se aberta. (...) Filha e genro ouviram **sem prazer** aqueles detalhes com **negra e ervas, apalpadelas e candomblé**.(AMADO, p. 8). **Gente distinta**. O genro é **funcionário**, **mora em Itapagipe**. Casa de primeira... (AMADO, p. 13)
>
> E o transporte do cadáver do **Tabuão para Itapagipe**? Uma fortuna. (AMADO, p. 28).

Percebe-se, nesses trechos, um caráter preconceituoso entre um público de classe média e alta em relação à população pobre e aos seus mitos e ritos. Além disso, como marco de uma segregação espacial, há uma indicação de ocupação de bairros distintos a partir da diferenciação de classes ou funções. Sobre esse tema Milton Santos confirma:

> Assim é que as características fundamentais da atividade econômica regional fornecem uma explicação para a repartição social e profissional da população: uma classe rica, constituída por banqueiros, homens do alto comércio, da indústria e grandes proprietários, uma classe média formada de pessoas exercendo profissões liberais, pequenos comerciantes, proprietários de terras médios, funcionários públicos e uma classe pobre de operários, empregados no comércio, pequenos funcionários e gente sem profissão definida. (1959: 188)

5

> Discutiram na mesa de um **restaurante na Baixa dos Sapateiros**. Pela **rua movimentada passava a multidão**, álacre e apressada. Bem em frente, um **cinema**. (AMADO, p. 23)
>
> Um alto-falante berrava próximo as excelências do plano de vendas de uma **companhia imobiliária**." (AMADO, p. 28)
>
> Empregava ele seus múltiplos talentos na propaganda de **lojas da Baixa dos Sapateiros**. (...) Voltou cabisbaixo, entrou na loja, avisou ao **sírio** que não contasse mais com ele naquela tarde. (AMADO, p. 50 e 51).

Merece destaque a Baixa dos Sapateiros, como rua de intensa atividade comercial popular, em oposição ao comércio de elite, que acontecia na cumeada da Rua Chile.

Nas palavras de Santos:

> ... grande extensão da rua (mais ou menos 2 quilômetros), atravessada por várias linhas de transporte coletivo, o que facilita uma implantação disseminada do comércio. (1959: 153)

A diversidade das atividades era outra característica local, com presença de imigrantes (os ditos *gringos*, por Jorge Amado), que detinham pequenos comércios e até mesmo cinemas, o que Santos contabiliza como quatro, que, juntamente com as lojas, atendiam à demanda das pessoas de classes média e pobre. O cinema citado por Jorge parece ser o Olímpia, que também é indicado em Suor (1934: 56).

6

> Os ruídos de uma **vida pobre e intensa**, desenvolvendo-se pela **ladeira**, mal chegavam ao **terceiro andar do cortiço** onde o morto repousava após a canseira da mudança de roupa. (AMADO, p. 30).

Os cortiços eram marcas de um passado pujante, com a ostentação da riqueza explícita nos casarões e sobrados de até qua-

tro andares, o que contrastava com a degradação. Esses espaços foram ocupados por uma classe pobre, que subdividia em diversas partes os já ínfimos cômodos, cabendo um pequeno cubículo para cada família. Jorge Amado já houvera feito referência a esses mosaicos de pobreza (1934: 4 e 24).[18] Milton Santos não foi menos incisivo quanto tratou do assunto:

> Nesses cubículos não há luz, nem ar e inexiste higiene. A vida nesses cortiços é um verdadeiro inferno e as diversas famílias que ocupam um mesmo andar se vêeem obrigadas a se servirem de um único banheiro e de uma só latrina. Escadas estragadas, soalhos furados, paredes sujas, tetos com goteiras formam um quadro comum a toda esta zona de degradação. (1959: 166)

7

> ...as **ladeiras subindo pela montanha** ... (AMADO, p. 33)
> A lua fizera do mar um caminho de prata, ao fundo recortava-se **na montanha a cidade** negra da Bahia. (AMADO, p. 90 e 91).

O sítio onde foi "montada" a cidade original, trazida na planta por Tomé de Souza, também foi elemento de observação dos dois autores. Jorge Amado utiliza-se dele poeticamente. Santos(1959:52) faz referência à falha[19] e às implicações da sua existência para o posterior assentamento urbano, indicando inclusive ser esse um dos elementos da originalidade da cidade de Salvador.

8

> É bem verdade que os **pequenos comerciantes do Mercado** não fecharam suas portas em sinal de luto. (...) a notícia no ar, subindo o **Elevador Lacerda,** viajando **nos bondes para a Calçada**, ia de **ônibus para a Feira de Santana**. (AMADO, p. 41)

O Elevador Lacerda, inaugurado em 1869, era o mais efetivo eixo de ligação entre a densa atividade comercial, portuária e

financeira da Cidade Baixa e as residências e comércio atacadista da Cidade Alta. O trânsito[20], por sua vez, já experimentava um estrangulamento na região central da cidade, devido à inexistência de outros importantes centros comerciais na mancha urbana de então (Santos, 1959).

9

> ...aquele **saveiro** seria capaz de conduzi-lo mar afora, não para **Maragogipe ou Cachoeira,** ali pertinho (...)" (p. 43)

Tratando da importância dos saveiros para o comércio local, Santos disserta:

> ...as necessidades da vida quotidiana acarretam uma outra função ao porto, a de receber os produtos de subsistência. O Recôncavo, ainda hoje, é o grande fornecedor desses produtos, para uma cidade praticamente sem periferia rural imediata. O transporte das mercadorias faz-se por 'saveiros', barcos à vela, cuja capacidade varia entre 12 e 15 toneladas. São, maio ou menos, 5.500, e não só ligam a Capital do Estado ao Recôncavo como a outros portos do litoral atlântico do Estado. (1959: 73)

Cabe a ressalva que, nos dias de hoje, já não mais existe a feira de Água dos Meninos. Na rampa do Mercado, as trocas de peixes e frutos do mar acontecem ladeadas por um posto de gasolina da Texaco e, segundo dados fornecidos na palestra que propõe a revitalização do centro de Salvador (promovida, em maio e junho de 2001, pela Câmara de Vereadores de Salvador), são apenas três os saveiros que circulam na baía de Todos os Santos, sendo que apenas um deles possui a sua forma original.

10

> O *berro d'água* de Quincas logo se espalhou como anedota, do Mercado ao Pelourinho, do largo das Sete Portas ao Dique, da Calçada a **Itapoã**. (AMADO, p. 45).

A curiosa menção a Itapoã merece a nossa observação, pois, ao que tudo indica, Itapoã ainda era predominantemente uma vila de pescadores de difícil acesso. Santos, entretanto, apesar de não nominar o bairro, indica que: "As praias atlânticas também se povoaram recentemente. Os terrenos foram supervalorizados pela construção de uma auto-estrada ligando o aeroporto de Ipitanga ao centro da cidade e pela especulação que a isso se seguiu. É uma zona de residência rica." (1959:57). Isso é o prenúncio do que viria a acontecer com a cidade formal se expandindo pela orla atlântica; por outro lado, deixa-nos com uma dúvida da real paisagem que dominava esse bairro naquele período.

Essas considerações, bem como a análise comparativa de trechos da obra de Jorge Amado e de Milton Santos sobre Salvador, vêm a confirmar o caminho a que Pinheiro nos conduz, quando afirma que "sempre existiu uma íntima relação entre a literatura e a cidade", ou que "os escritores e poetas realizam um trabalho arqueológico, de busca da alma, da verdadeira essência da cidade" (2001: 05). A combinação de ficção e realidade científica nos leva a uma noção do total, nas suas múltiplas realidades, das forças e relações que compõem as cidades. É bem verdade que poucas são as cidades que detêm a graça, a descrição e o realismo das linhas de Jorge Amado, ou da precisa análise geográfica de Milton Santos, sendo esse um privilégio de Salvador. Preocupa-nos, entretanto, termos um número reduzido de relatos escritos, mesmo de outros poetas e escritores que se debruçam sobre a rica história da secular cidade da Bahia. Jorge e Milton (falecidos em 2001) muito fizeram após a publicação das obras aqui analisadas; mas a importância que tem Salvador na história do Brasil, do secular império português, mormente nos intensos 40 anos finais do século XX, com suas densas transformações, indica a carência quantitativa, intensa e apurada de leituras por olhos de poetas e escritores. Valoriza-se a produção existente, porém com a constatação de que ela se dá em números reduzidos, que deveriam ser muito mais significativos pela riqueza de nossa cultura e história.

A década de 50 do século passado, que foi abordada neste trabalho, marca um momento de ruptura no desenho e na evolução urbana de Salvador. Como foi visto, até o início dos anos 60, possuíamos uma cidade bucólica, com seus 400 anos de existência, com diversos problemas transparentes nas suas ruas e bairros, que marcavam, conforme assinalamos alhures, uma clara segregação urbana. Entretanto essa era uma cidade que não havia explodido demograficamente e que mantinha relações de exclusão no seio da sua sociedade, porém com índices passíveis de gestão e controle. A partir da década de sessenta, como marco de uma urbanização concentrada, abrupta e excludente, Salvador inchou (de 1960 a 2000, mais que quadruplicou a população local) e, com isso, viu-se nascer uma imensa cidade a revelia da gestão e da ação pública (cerca de 70% das habitações urbanas estão na ilegalidade). Por motivos óbvios, a mancha urbana também se expandiu, tendo como marco a reforma urbana de 1967 – da abertura das avenidas de vale e da concessão de terras a pequenos grupos de especuladores que dominaram e dominam o mercado imobiliário soteropolitano. A orla atlântica foi ocupada formalmente pela "elite" (salvo algumas poucas porém densamente povoadas invasões de pobres), margeada pela avenida Paralela – Av. Luiz Viana Filho –, formando uma conurbação até Lauro de Freitas. O "miolo" da cidade recebeu os imigrantes com pouca qualificação e dinheiro, do que resultou uma ocupação de baixa renda e desordenada, que se estende ao longo da rodovia 324 (SSA/Feira). A cidade baixa, na área posterior à Calçada, seguindo o chamado subúrbio ferroviário, vive uma realidade híbrida, com bairros residenciais de classe média e baixa, que ocupam historicamente aquela região e resistem a mudanças, e zonas de intensa pobreza, que seguem a linha da falha tectônica, no *graben* (Alagados, Paripe etc) e no *horst* (Liberdade, São Cristóvão, etc). O antigo centro da cidade passou por um intenso processo de degradação (já perceptível nas leituras de Jorge e Milton), que ganhou intensidade com o aparecimento de novos núcleos secundários e de uma nova *core area* (região do Iguatemi), que passaram a polarizar as atividades financeiras,

comerciais e econômicas e causaram um esvaziamento funcional, gradual e progressivo naquele núcleo histórico. Hoje sobrevive à custa do comércio de baixa renda e, a partir da década de 90, passou a experimentar tentativas de revitalização, com a restauração do Centro Histórico de Salvador e o aparecimento de shoppings populares nas suas imediações. A migração de bancos e outras grandes empresas para os novos núcleos da cidade levou também o Comércio (bairro que acompanha o porto) ao compasso da inviabilidade de circulação, à perda de sua importância econômica. Todos esses fatores culminaram com a já citada iniciativa da bancada de oposição da Câmara de Vereadores de Salvador de organizar uma série de seminários, a fim de discutir como viabilizar o antigo centro da cidade.

Esta breve análise da recente e conturbada evolução da cidade de Salvador nos remete às palavras que cantam aquela dita cidade bucólica, que existiu e resistiu até meados de 60, e faz rememorar importantes obras científicas e literárias, bem como reminiscências arquitetônicas, urbanísticas e artísticas, que nos dão um desenho preciso da Salvador antiga. Confirma-se, assim, a hipótese de que um espaço pretérito é passível de apropriação a partir da leitura e do entendimento dos livros e das paisagens[21], haja vista que esses são registros, em letras ou formas, das marcas de um antigo tempo presente, repleto de funções próprias e características de uma estrutura vigente, o qual se perderia na evolução dos processos, não fosse uma séria negação ao sentimento niilista, bem como a valorização e uma busca constante por esses registros (literários ou científicos, fictícios ou reais, virtuais ou concretos) da nossa história.

Notas

[1] Mestre em Geografia pela UFBA.

[2] Este livro foi resultado da sua tese de doutorado, defendida no ano de 1958, na Faculdade de Letras da Universidade de Strasbourg.

[3] A adjetivação da produção dos autores não tem, em momento algum, caráter valorativo em relação a uma suposta importância menor de obras literárias; ela apenas revela um traço distintivo e de referência em relação aos ritos e padrões acadêmicos das obras ditas científicas.

http://www.academia.org.br/cads/23/jorge.htm

[8] Seabra *et alii*, 2000.

[10] Conceitos que serão retomados e aprimorados em obras posteriores do mesmo autor (1985, 1996 e 2001).

[11] Para este trabalho de recuperação da estrutura social, política e econômica da década de 50, tem-se como referência Fausto (1998) e Santos & Silveira (2001).

[12] Não mais o "inocente" capitalismo concorrencial de livre mercado, mas uma fase avançada do capitalismo financeiro, onde predominam os monopólios e oligopólios.

[13] O segundo exílio de Jorge Amado (Paris e Praga), decorrente dos seus ideais socialistas e da sua ação pelo PCB, durou por cerca de 4 anos (1948 a 52). Quando, enfim, retornou ao Brasil, abandonou a militância política no PCB (em 1955).

[14] Salvador não foge a essa regra. Em declarações de cidadãos da cidade dos idos de 1960, é comum a afirmação de que "os pobres da cidade eram todos conhecidos".

[15] A ser entendido como o espaço do cotidiano, do acontecer diário, da solidariedade, das relações horizontais e, conforme Santos (1996:258) "a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar."

[16] Nas citações de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, os grifos são nossos; eles destacam termos, espaços e hábitos analisados na continuidade do texto.

[17] Terceiro romance de Jorge Amado, publicado em 1934 (com apenas 22 anos de idade), com uma linguagem de protesto e grito social, que trazia como núcleo do enredo a vida cotidiana do velho cortiço da Ladeira do Pelourinho n.º 68.

[18] "A espanhola alugara o quarto andar transformara os vinte quartos e três salas em quarenta e nove apartamentos que lhe rendiam bom dinheiro." (p. 24)

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. In: CARLOS, Ana F. Alessandri (org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994, pp. 199-321.

AMADO, Jorge. 1934. *Suor*. 49 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 164 p.

_______. 1959. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. 86 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 130 p.

FAUSTO, Boris. 1994. *História do Brasil*. 6 ed. São Paulo: EDUSP: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1998.

PINHEIRO, Délio José Ferraz & SILVA, Maria Auxiliadora. A Escrita das Cidades: Salvador: MGEO – UFBa, 2001. Texto de aula.

SANTOS, Milton. *O Centro da Cidade do Salvador*. Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Publicações da Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

_______. 1985. *Espaço e Método*. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

_______. 1996. *A Natureza do Espaço*. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.

SEABRA, Odete; CARVALHO, Mônica & LEITE, José Corrêa (entrevistadores). 2000. *Território e Sociedade. Entrevista com Milton Santos*. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.127 p.

SILVA, Maria Auxiliadora. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio Além do Carmo. In: VASCONCELOS, P. A. & SILVA, S. B. de M. e S. (org.). *Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999. p. 259-274.

O Corta-braço: uma análise geográfica de uma obra literária

Jânio Roque Barros de Castro [1]

Aspectos gerais do autor e da obra

Ariovaldo Matos era um jovem jornalista, integrante do jornal *O Momento*, quando chegou ao Corta-braço, na segunda metade dos anos 40, época em que aquela invasão começava a se formar, nos limites do Bairro da Liberdade, onde hoje é a Vila Nova Pero Vaz. Depois de vivenciar toda formação e consolidação daquela invasão, o repórter e ficcionista principiante transformou o que vira e vivera em romance, que foi concluído entre 1951 e 1952 e publicado em 1955.

Mesclando personagens imaginados com pessoas que realmente existiram, o autor escreve um romance que retrata, a partir do povo, toda a luta pela posse da terra e do teto na Bahia dos anos 40.

O romance expressa a luta de um povo muito pobre para construir e manter suas casinhas numa área de terra invadida. As terras pertenciam a um italiano chamado Montecano, também proprietário de cubí-

culos e casebres alugados à população miserável, a qual a duras penas, pagava aluguel ao cobrador oficial Dórea, pessoa de confiança do italiano. Do lado do povo, estava o Partido Comunista da época, que, através de seus representantes, chegou a contratar advogados para defender os moradores, uma vez que o proprietário reivindicara a reintegração de posse.

Em meio às mazelas sociais de uma época – concentração de renda e de terras, muita miséria, numa atmosfera social extremamente complexa, onde uns buscam seu pedacinho de terra e sua casinha por conta da necessidade imperiosa de um mínimo de dignidade, e outros procuraram manter o *status quo*, assentados na desigualdade – forma-se o Corta-braço. O social, o ideológico, o sentimental, o psicológico, o econômico e o político mesclam-se nesse romance, sobre o qual se pretende trabalhar numa perspectiva geográfica.

A cidade do Salvador na Literatura: drama real e ficção na formação do Corta-braço, na segunda metade dos anos 40

Ariovaldo Matos inicia a obra *Corta-braço* relatando aspectos do contrastante cotidiano do Beco do Vinagre, uma das vielas pobres de Salvador dos anos 40. Um barulhento jogo de futebol envolve garotos do bairro, talvez sua única forma de diversão, contrapondo-se ao silêncio, por conta da morte de uma moradora: Dona Cleodice. Aliás, o sofrimento, para aquelas pessoas, era uma coisa que já fazia parte de suas vidas. Dias após a morte de Dona Cleodice, ocorre um despejo, provocado provavelmente pela falta de pagamento do aluguel de casebres miseráveis.

Nesse trecho da obra, nota-se claramente a concentração da terra e dos imóveis urbanos por parte do italiano, proprietário daquelas terras.

Em outro trecho da obra, Ariolvado Matos faz menção aos saveiros e à Feira de Água de Meninos:

> Futuca transferiu o olhar das pernas atarracadas para os mastros dos saveiros que repousavam na enseada, em torno da qual, quase em círculo perfeito, estendiam-se milhares e milhares de tijolos empilhados em feixes de caibros. Tendas e barracas da Feira de Água de Meninos. (MATOS, 1988: 23)

Sobre o papel dos saveiros que abasteciam a Feira de Água de Meninos, Santos, discutindo a função portuária de Salvador, escreveu que:

> ... Ao lado da extensão de cais, construída especialmente para os grandes navios, há as "rampas", onde podem abordar os saveiros. São duas: a "Rampa do Mercado", logo ao lado da Praça Cairu, e a da Água de Meninos, no final da Av. Frederico Pontes, ambas, muito pitorescas e ricas de cor local. Recebem uma multiplicidade de produtos agrícolas: farinha, frutas, legumes. Assim como o "grande porto" acarretou a instalação do grande comércio nas proximidades, o outro provocou o aparecimento de feiras ao ar livre, espécie de "feira grossista", onde vêm se abastecer os comerciantes de outras feiras, os proprietários de armazéns, vendas e barracas, os restaurantes e hotéis, vendedores ambulantes e donas de casa previdentes. (Santos, 1959: 73)

É importante salientar que esses saveiros traziam produtos principalmente do Recôncavo baiano, como o carvão vegetal, que era muito vendido nessa época e hoje pouco se vende. Praticamente desapareceram os ancoradouros da capital baiana, assim como a Feira de Água de Meninos, atingida por um grande incêndio que chegou a vitimar fatalmente alguns feirantes e causar grandes prejuízos materiais.

Tanto a discussão acerca dos motivos que determinaram a quase extinção do transporte flúvio-marítimo de produtos do Recôncavo com saveiros, quanto o fim da tradicional Feira de Água de Meninos – lembrada tanto por Matos, no seu romance-reportagem, como por Santos, alguns anos depois, no seu trabalho de Doutoramento – são de grande importância para a compreensão das rupturas e permanências tanto espaciais quanto funcionais em Salvador.

Matos relembra um cruzamento de dois meios de transportes que não mais se verá no espaço urbano soteropolitano: os ônibus e os bondes, que se deslocavam da movimentada feira para a Península Itapagipana e para o comércio. Para as pessoas que viveram naquela época, talvez tão nostálgica quanto os bondes sejam as festas dos ternos, ranchos, festa de Reis e serenatas que aparecem no romance e que perderam o espaço para a Salvador dos grandes circuitos carnavalescos. O espaço atual do carnaval baiano estende-se do Pelourinho até Ondina, diferentemente da época que o romance retrata, um carnaval de fantasias e máscaras no Corredor da Vitória e na Ladeira de São Bento.

Ariovaldo Matos analisa o enriquecimento de fazendeiros e usineiros no interior do Estado e associa esse fato ao crescimento de bairros considerados nobres de Salvador:

> Os anos passaram. As pensões dos moços ricos, vitoriosas as lutas pela abolição e pela República, foram desaparecendo. Seus pais, que mais ricos ficavam com o progresso das usinas de açúcar, o desbravamento das fazendas de cacau, a ampliação do porto onde navios estrangeiros carregavam e descarregavam, aderiram à moda dos bangalôs e palacetes disseminados pela cidade, modificando-lhe a fisionomia... (MATOS, 1988: 25)

As casas nobres de bairros como Graça e Barra contrastavam com os casebres miseráveis das áreas pobres ou com os cortiços do centro da cidade. Essas áreas pobres – que Matos caracteriza como pardieiros no romance e Santos, alguns anos depois, chamará de áreas de degradação social – serão vistas de duas formas pelos jovens intelectuais, filhos da elite do interior, que vêm construir palacetes na capital: com críticas a essa situação, a ponto de alguns desses jovens de classe média, ou até mesmo da classe alta, engajarem-se em grupos comunistas, ou mesmo com desdém, por parte daqueles cujos objetivos eram tão somente a manutenção do *status* da família. Além de palacetes, construíram-se sobrados chamados de bangalôs.

Em outra passagem, aparecem os meninos de rua, que dormiam na Praça Cairu e em São Joaquim (o que ainda se nota com freqüência). Longe do beco, Mário acompanhava um jornalista que realizava reportagens sobre menores abandonados. Em poucas horas, encontraram centenas, dormindo sobre o chão molhado dos vetustos edifícios da Praça Cairu ou sobre as areias úmidas da praia de São Joaquim. .. (Matos, 1988:37)

Problemas como esses indignavam o comunista convicto Mário, que fazia críticas ao capitalismo, à influencia dos Estados Unidos no Brasil e ao significado de democracia que, segundo ele, consistia em deixar o rico cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre.

Além do engajamento político de alguns dos personagens, nota-se, nessa obra, o envolvimento dos personagens com hábitos que cada vez mais desaparecem dos grandes centros urbanos, como dormir embaixo de árvores ou ir ao tradicional cinema.

Os problemas sociais descritos no romance, que provocam tanta tristeza, depressão e revolta, persistem até os dias de hoje. A falta de habitação é um dos principais impasses, notadamente nos países periféricos. Além da falta de teto, a miséria urbana acompanha os personagens e os mantém praticamente presos aos bairros pobres da metrópole baiana. Nota-se que os bairros citados anteriormente situam-se no núcleo pobre de Salvador: Liberdade, Curuzu, Largo do Tanque. Aliás, como será analisado mais à frente, a segregação espacial imposta pela renda é uma tônica da trama em questão, uma vez que os pobres pouco saem dos bairros pobres, por força de um obstáculo muito forte: a renda. O professor Milton Santos deixa claro que "o espaço é a morada do homem e também pode ser a sua prisão." Em outra obra, Santos escreve que:

> Na grande cidade, há cidadãos de diversas ordens ou classes, desde o que, farto de recursos, pode utilizar a metrópole toda, até o que, por falta de meios, somente a utiliza parcialmente, como se fosse uma pequena cidade, uma cidade local.

> A rede urbana, o sistema de cidades, também tem significados diversos segundo a posição financeira do indivíduo. Há, num extremo, os que podem utilizar todos os recursos aí presentes, seja porque são atingidos pelos fluxos em que, tornado mercadoria, o trabalho dos outros se transforma, seja porque eles próprios, tornados fluxos, podem sair à busca daqueles bens e serviços que desejam adquirir. Na outra extremidade, há os que nem podem levar ao mercado o que produzem, que desconhecem o destino que vai ter o resultado do seu próprio trabalho, os que, pobres de recursos, são prisioneiros do lugar, isto é, dos preços e das carências locais. Para estes, a rede urbana é uma realidade onírica, pertencente ao domínio do sonho insatisfeito, embora também seja uma realidade objetiva. (Santos, 1987: 112)

É o ambiente da década de 40, época que Salvador, em relação à sua área de influência longínqua e imediata (Recôncavo), já se constituía-se num grande centro urbano. No entanto, a pobreza extrema, como aponta Santos, fazia a cidadania inexistente. Uma passagem da obra explicita a revolta de um dos personagens:

> O patrão é que se enche. Ele sim. Nós só temos o direito de chorar. O patrão é que pode sorrir. Assim foi com meu pai. Assim esta sendo comigo. Os anos vão se passando e eles cada vez mais ricos. E nós? Nós cada vez mais pobres. (Matos, 1988: 54)

No que concerne à moradia, Matos (1988: 60) faz menção a casas de sopapo. Esses casebres miseráveis, onde moravam pessoas e barbeiros, faziam parte da paisagem urbana da Salvador nos anos 40 e ainda aparecem mesmo que pontualmente, nos dias de hoje. A diminuição dos casebres de taipa, nas áreas pobres soteropolitanas, não se deu por conta de reformas sociais, uma vez que as casas de bloco ou madeira da atualidade, que predominam em encostas e morros da cidade do Salvador, são ocupadas por pessoas pobres, subempregadas e subalimentadas, com baixos níveis de escolaridade. Se não há mudanças sociais, a tendência dessa situação de exclusão social é se manter, ou até piorar, uma vez que o filhos da miséria, poderão estar predestinados

a essa mesma miséria urbana, como consta no trecho citado, que explicita a revolta de um dos personagens, cuja miséria atingira seu pai também. Chico Buarque de Holanda confirma isso, em "Pedro Pedreiro":

> Pedro Pedreiro, Penseiro
> Esperando o trem
> E a mulher de Pedro
> Esperando um filho
> Pra esperar também.

Fica claro, portanto, que os descendentes dos moradores dos "pardieiros urbanos", termo muito usado por Matos, da década de 40, retratada no romance, devem continuar enfrentando essas dificuldades, que se mantêm no tempo.

Do outro lado da hierarquia social, Montecano, o italiano proprietário das terras de Corta-braço e de vários quartinhos e casebres, além do temor do comunismo, convivia com as lembranças da terra natal. Apesar dos vários anos no Brasil, o Italiano apresenta um sentimento topofílico, um apego ao lugar, não por conta de patriotismo, mas por desejos subjetivos de satisfação pessoal.

Sobre Montecano, o autor escreve:

> Em 1934, fez-se dono de duas vilas de casinhas proletárias, e, também, do Beco do Vinagre. Além dos aluguéis sempre certos, as terras do Beco ganhavam rápida valorização, sobretudo porque, nas proximidades, construíram-se os boulevards Suiço e América, com centenas de bangalôs... (Matos, 1988: 68)

Contrapondo-se à ganância especulativa do italiano, um grupo de pessoas, provavelmente de bairros pobres de Salvador, como do Curuzu, que era mais próximo, e de outros mais distantes daquele local, como Brotas, iniciava uma invasão no Corta-braço. Na madrugada mesmo, iniciou-se a demarcação de áreas para as casinhas. Nesse grupo, estavam sem-tetos que dormiam na

praça Cairu e em praias, naquela época consideradas afastadas, como Itapuã e Chega Nego. Quanto aos boulevards Suíço e América, pode-se dizer eles representam a influência dos traços urbanos franceses em Salvador, apesar de esses boulevards a que o romance se refere serem bem diferentes dos parisienses. A passagem da obra a seguir destaca o início da invasão.

> Florimundo abriu a porta. Dezenas de pessoas envolveram-no. A maioria procedia de uma casa coletiva do Curuzu, escuro e severo pardieiro, velho de século, explorado por um árabe – Abutaribe – que ocupava, no último andar, três quartos, onde preparava os quibes por ele fornecidos a bares e restaurantes. (Matos, 1988: 77)

Trata-se do sonho da casa própria de muitos e da opulência econômica de poucos, como do italiano Montecano e do árabe Abutaribe, esse último dono de uma casa grande, habitada por várias famílias, que se convencionou chamar atualmente de cortiços. Sobre isso, Santos escreve que:

> As atividades que não têm força para criar um quadro alojam-se em um quadro preexistente. Assim, os palacetes e sobradões envelhecidos, que perderam seu antigo papel de residência dos nobres e da gente rica, conhecem agora outras utilizações. Alguns servem exclusivamente à residência pobre... (1959: 158)

Mais adiante, o mesmo autor analisa o espaço urbano soteropolitano no qual o contraste entre os arranha-céus modernos e os tradicionais sobrados é bastante expressivo:

> Essa luta entre o arranha-céu que tem necessidade de se levantar e o sobrado que não quer desaparecer não exprime apenas o conflito entre a especulação imobiliária e a herança do passado. Representa igualmente um imperativo do crescimento urbano de expansão dos negócios e da vida de relações, cujo espaço não poderá se alargar demasiadamente, sob pena de tornar-se impraticável.

> Das marchas e contramarchas dessa luta entre o arranha-céu e o sobrado, nasceram os cortiços... (Santos, 1959: 182)

Nesse caso, os sobrados já perderam as suas antigas funções e se constituem em áreas caracterizadas por Santos como de degradação social, como foi salientado antes. É importante destacar que o Centro Histórico de Salvador sofreu um processo de depreciação, oriundo de sucessivas mudanças de funções (Silva, 1999: 260).

E, assim, o complexo tecido social urbano de Salvador se apresentava, oscilando entre a ganância de uma minoria em busca de mais poder, espaço, status, dinheiro, e a luta pela sobrevivência com um mínimo de dignidade da imensa maioria. Essa dualidade social é uma constante em todo o transcurso da trama. Uns produziam toneladas de lixo, outros disputavam os restos. Atente-se para esta passagem:

> No lixo vinham colchões, utensílios domésticos, pedaços de vidros, ossos... Os caminhões que percorriam os bairros ricos e a Rua Chile – em virtude dos apetitosos restos – eram ansiosamente aguardados todas as manhãs. (Matos, 1988: 96)

O caminhão do lixo ainda percorre o centro da capital baiana, como naquela época, passando por bairros ricos, áreas nobres como a Barra e a Graça, nelas talvez despercebido; no entanto, seu atraso, ou sua não chegada nas áreas miseráveis, significava o desespero para aquelas pessoas que o aguardavam ansiosamente para catar os restos da elite baiana e matar a fome.

O subúrbio soteropolitano, atualmente, tem o seu comércio abastecido por caminhões, uma vez que a linha férrea só transporta passageiros. Na década de 40, entretanto, os saveiros transportavam produtos do Recôncavo e de outras regiões do Estado para estabelecimentos comerciais dessa vertente da capital baiana. Havia transporte não só de carga como de passageiros. Essas cenas, sepultadas pela imposição do automobilismo, ainda estão presentes na memória dos moradores mais antigos.

Um aspecto importante a se destacar na trama é a segregação espacial explícita. Os personagens que vivem nos bairros pobres já mencionados anteriormente, como Liberdade, Curuzu, áreas suburbanas, Alto do Peru, Corta-braço, entre outros, praticamente vivem presos a esses locais de morada e de lá só saem excepcionalmente, como para ir ao trabalho no centro, ou resolver algo da burocracia cotidiana. São "prisioneiros do lugar", como bem pontua o professor Milton Santos. No entanto, os moradores da invasão do Corta-braço, temendo a reintegração de posse que o italiano, dono daquelas terras, estava empreendendo na Justiça, foram para o centro, organizaram uma procissão religiosa para a Igreja do Senhor do Bonfim. Nessa procissão, de um lado estava latente a forte religiosidade daquela gente humilde, que deseja apenas direito a uma casinha e a um pedaço de terra, e, do outro, os líderes comunistas, ateus convictos que, sob os ideais marxistas, enxergavam aquele movimento com olhos ideológicos e não religiosos, ou seja, como um embrião de reação do popular contra a opressão dos grandes grupos econômicos. Diferentemente do que ocorrera na China, onde a revolução foi mais camponesa, os jovens comunistas encaravam a questão do Corta-braço como um momento da revolução urbana, a partir de uma grande cidade brasileira: Salvador.

Sobre essa procissão, que virou passeata, o autor escreve:

> A multidão chegava no início da Rua Chile. Maneca correu, abandonando o jovem, colocando-se na vanguarda, empunhando a bandeira. O trânsito foi interrompido. Buzinas de carros e ônibus tonitroavam intensamente, num protesto de sons misturados. Transeuntes e habituês da rua elegante, tomados de surpresa, trocavam perguntas. (Matos, 1988: 153)

A passeata fez com que parte dos pobres de Salvador saíssem dos pardieiros, para usar um termo do autor, para tomar as ruas importantes do centro, como a Rua Chile, provocando um certo estranhamento para a elite e para os políticos, uma vez que

o povo estava quebrando o protocolo capitalista e saindo da sarjeta social que este mesmo capitalismo excludente lhe impusera. A cidade, nesse momento, para quem estava na passeata, aparece como campo de luta, de busca da cidadania, ou mesmo como "lugar revolucionário", para lembrar o mestre Milton Santos, no livro *Metamorfoses do espaço habitado*, ao se referir à cidade como palco da luta pelo desmantelo do sistema feudal.

Na obra *Corta-braço* aparece, portanto, uma Salvador que persiste e outra que mudou. Essa última, ou seja, a que deixou de existir, é aquela dos saveiros, das roças da Federação que aparecem na obra, da Fazenda Garcia, de onde vem um dos personagens da trama, o líder comunista Maneca, e ainda dos bondes, entre outras formas e funções que desapareceram no tempo, algumas por contingências endógenas, outras por imposição exógena, como a do automóvel, para atender a interesses da indústria automobilística e do imperialismo tão criticado pelos comunistas no romance. Já a Salvador que continua, a que persiste, é a cidade das grandes desigualdades sociais, da segregação espacial, da fome, da exclusão, dos badameiros que esperam o carro do lixo, das invasões, do capitalismo excludente, das casas de taipa, dos meninos de rua dormindo na Praça Cairu, dos cortiços, da omissão dos políticos que se comprometem com grandes grupos econômicos. No entanto, existe a Salvador que, da década de 40 para cá, ainda persiste, representada por coisas boas, como a grande diversidade cultural, e algumas heranças históricas, como a feira do Japão, na Liberdade, citada na obra, e que é uma tradição de décadas, dentre outras coisas.

Enquanto o italiano e especulador imobiliário Montecano dançava e se divertia com sua filha no Clube Baiano de Tênis, os pobres do Corta-braço, dormiam mal e pensavam sem entusiasmo no amanhã. Isso ainda persiste. É importante destacar, na obra *Corta-braço*, as coisas boas que ainda existem e são patrimônios do povo da Bahia. Recordar as coisas boas que se foram

e lutar por uma Salvador mais humana e mais justa, tal como fizeram os moradores do Corta-braço, atual Vila Nova do Pero Vaz, ou seja, ousar e usar a metrópole como um campo de luta para se construir um mundo melhor.

Notas

[1]Mestre em Geografia pela UFBA.

Referências

MATOS, A. *Corta-braço*. 2 ed. Salvador: EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador*: estudo da geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

______. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987. 142 p.

______. *Metamorfoses do espaço habitado:* fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988. 124 p.

SILVA, M. A. da. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio além do Carmo. In: VASCONCELOS, P. A.; SILVA, S. B. de M. e S. (Orgs.). *Novos estudos de geografia urbana brasileira*. Salvador: EDUFBA, 1999. p. 259-271.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia:* um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980. 288 p.

O imaginário urbano: a cidade do Salvador no final do século XVIII

Paulo Roberto Baqueiro Brandão[1]

Introdução

A percepção da cidade é algo instigante e, ao mesmo tempo, extremamente agradável, ainda que a paisagem possa nos parecer vulgar em excesso, como nos diz Lynch (1988). Tal percepção pode ocorrer de forma fragmentada, através de imagens que se materializam por fotografias, pinturas, pelo olhar, por reflexos que se formam nas superfícies espelhadas dos edifícios ou mesmo pelo viés do imaginário produzido pela literatura.

A análise do imaginário da cidade, o exercício da percepção espacial através de uma obra literária se faz como uma forma de perpetuação do lugar, posto que, segundo Pinheiro & Silva (2001) "a cena escrita da cidade permanece". É possível, pois, decifrar a cidade lendo-se a sua história contada nos romances.

O presente estudo faz uma revisão da literatura como meio para a análise do espaço urbano, explorando a obra *Um Cavalheiro da Luz*, escrita por Borges (1999), romance histórico que tem como cenário Salvador

colonial em fins do século XVIII, período marcado por revoltas e conspirações, sendo esse inclusive o foco central da trama. O romance, marcante pela fidelidade histórica de fatos e personagens, reconstitui, no imaginário, uma cidade que, mesmo perdendo a condição de capital colonial em 1763, mantinha a opulência gerada pelo capital não só pelas suas funções portuária e comercial, mas também através da importação e tráfico de escravos e da economia agrária do Recôncavo Baiano.

Configuração socioespacial de Salvador no final do século XVIII

Apesar de ter perdido a condição de capital da Colônia em 1763, a cidade do Salvador manteve-se como mais importante cidade brasileira e principal porto. O fluxo de navegações marítimas era intenso, proporcionando uma acelerada difusão de estabelecimentos comerciais, de proprietários, em sua maioria, de origem portuguesa, principalmente nas áreas próximas do porto, na Cidade Baixa.

Duas citações da obra de Borges nos dão conta da importância das funções portuária e, em segunda instância, comercial, adquiridas pela freguesia da Cidade Baixa, principalmente naquelas áreas próximas do cais de atracamento, por onde as mercadorias eram desembarcadas. O narrador observa o local de nascimento e residência de uma das personagens, Rodriguinho ou René Monguey, filho do comerciante e traficante de escravos português Manoel Francisco, um abastado proprietário de estabelecimento, que tinha ainda a função residencial nos andares superiores, na freguesia da Praia:

> Nascera em um sobrado, a menos de 50 metros da igreja de Na. Sa. da Conceição da Praia, em Salvador, Capitania da Bahia.

Nas palavras da personagem Manuel Francisco:

> – Sou comerciante de secos e molhados – omitiu o tráfico de escravos, sua atividade de maior crescimento. – Tenho uma casa comercial de frente para o mar, facilitando-me o recebimento de mercadorias que chegam do Recôncavo baiano e de fora.

Isso é confirmado por Santos (1959), segundo o qual a função portuária da cidade surge com a própria vida urbana local, sendo preponderante na realização das demais funções.

Por outro lado, durante o período, a cidade sofre poucas modificações na sua forma, apesar do contínuo crescimento, notadamente nas cumeadas, de forma linear, acompanhando o traçado das vias e caminhos, tendo o centro se consolidado como área principal. O crescimento da cidade, orientado inicialmente na direção norte, para além das Portas do Carmo – que, em 1780, foram demolidas por absoluta falta de funcionalidade –, ocorreu também em direção ao sul, forçando a demolição das Portas de São Bento entre os anos de 1788 e 1796. A cidade ia perdendo progressivamente seu caráter defensivo, ao passo que o seu crescimento determinava a abertura de novos espaços, principalmente para a moradia das classes mais favorecidas, demonstrando a crescente importância dos agentes econômicos locais e regionais. Em sua narrativa, Borges cita tal fenômeno:

> Os ricos comerciantes, em sua quase totalidade portugueses, ou seus descendentes diretos, eram os maiores beneficiários locais dos lucros financeiros gerados pela economia colonial e escravista. Faltavam-lhes, entretanto, os privilégios político-sociais (...). Para mudar tal situação, os que moravam e tinham negócios na Rua da Praia começam a ostentar riqueza. Deixaram os seus desconfortáveis e calorentos sobrados e foram habitar em ricas residências na parte alta da cidade. No início a Rua de São Bento foi o local escolhido. Anos depois, novas e mais cuidadas construções começaram a aparecer em direção ao sítio da Barra.

A sociedade soteropolitana de então, que contava, segundo estimativas da época, com cerca de 52 mil habitantes em 1780 e 115 mil em 1818 (Vasconcelos, 1995), calcada no escravismo, apresentava características claras de segregação social e étnica. Apesar da crescente incorporação de mestiços na economia local, notadamente em estabelecimentos de prestação de serviços, como alfaiataria, barbearia e ourivesaria, os principais empreendimentos e a totalidade de cargos e títulos nobiliários estavam sob o domínio de indivíduos de famílias de origem portuguesa, como já se observou anteriormente. A localização das moradias da população mestiça e negra variava de acordo com o seu nível de inserção na economia local.

A população mestiça possuidora de estabelecimentos comerciais ou de prestação de serviços habitava no próprio local de trabalho, em cômodos internos ou nos andares superiores. Aqueles menos favorecidos, mestiços e negros, habitavam a periferia da cidade, tanto em direção ao norte, como nas áreas menos privilegiadas da Península Itapagipana, ou nas aglomerações localizadas nas proximidades da ermida de Monte Serrat, ou ainda em direção ao sul, na Gamboa, por exemplo. As adjacências do atual bairro do Pelourinho passavam, já nesse período, a abrigar população pobre, negros e mestiços. No primeiro caso, tomemos como exemplo o trecho abaixo, onde é citada a localização da residência do alfaiate João de Deus, um dos mártires da Revolução dos Alfaiates e personagem do romance:

> Chovia a cântaros, quando Lucas entrou no café Saracura. Lá estava o alfaiate João de Deus, com tenda localizada na Rua Direita do Palácio, distante dali poucos passos.

E sobre o duplo uso do imóvel:

> Quando Luíza atravessou a sala onde funcionava a alfaiataria, o mestre João de Deus percebeu o semblante carregado da mulher. Antes que ela entrasse para o interior da casa, o marido perguntou-lhe por que voltava zangada das compras.

Quanto àqueles mestiços menos favorecidos e negros que habitavam Salvador, os trechos seguintes nos dão uma noção da já mencionada segregação socioespacial e étnica. Sobre a localidade de residência da jovem negra Joaninha e a sua distância em relação ao centro, vejamos:

> Filha única, órfã de mãe, Joaninha morava em uma choupana, na praia de Pedra Furada, com o pai, um pescador de nome Gil.
>
> (Manuelzinho) Fora namorado de Joaninha, mas a distância que teria de percorrer a pé, do centro da cidade até Monte Serrat, fez com que ele desistisse do namoro.

Já o trecho abaixo, além da localização da residência de uma escrava, caracteriza a sua precariedade:

> Já escurecera quando Cypriano foi procurado por um dos seus inúmeros compadres, que morava na Gamboa, pedindo-lhe para socorrer uma escrava às portas da morte. Ao chegar a uma cabana, coberta de palha, o cirurgião encontrou uma bela negra, inconsciente, com ferimentos espalhados por todo o corpo.

E ainda sobre as áreas adjacentes ao Pelourinho, é possível observar, nas citações abaixo, que essas já contavam com significativa população pauperizada, formada por negros e mestiços:

> Reconheceu a voz do esmoler encontrado no cais do porto. Sorriu para o velhinho, enquanto verificava a sua pulsação.
>
> - Onde moras, meu velho? – indagou, preocupado com a baixa pressão encontrada.
>
> - Ali... na Baixa do Maci...el...
>
> Descendente direto de escravos, Luiz Pires tornara-se lavrista, o que chamamos de ourives, ocupando uma pequena loja no Taboão. Morava em um quarto humilde, juntamente com a sua mãe, no fundo de um sobradinho nas portas do Carmo.

Aos escravos, por outro lado, era permitido viver nas habitações dos seus senhores, nos cômodos mais insalubres – geralmente nos andares superiores, o que lhes dificultava a fuga. Àqueles que contraíam doenças ou eram mutilados por força do trabalho, ou lhes sobrava a mendicância como meio de vida. As personagens Mentira-Seca e Estevam são exemplos dessa realidade.

Diante desse quadro de intensa segregação socioespacial e étnica, tornou-se crescente a insatisfação da população negra e mestiça de Salvador, o que favoreceu a organização de movimentos sociais urbanos, iniciando-se um período de rebeliões e fugas em série, que culminaram com a Revolução dos Alfaiates, sufocada violentamente em 1798. Tal fato é, aliás, o tema principal do romance histórico aqui analisado.

A dualidade entre "cidade alta" e "cidade baixa" e as áreas periféricas

A dualidade entre as duas partes da cidade separadas pela escarpa de falha não era apenas física, mas refletia também uma outra dualidade, marcada pelas diferentes funções predominantes em cada uma dessas áreas de Salvador, no período analisado.

À chamada Cidade Baixa cabia exercer as predominantes funções portuária, comercial e, em menor escala, residencial daqueles proprietários de empreendimentos fixados no andar térreo dos grandes sobrados localizados ao longo das ruas que margeavam a orla da baía.

Havia, então, toda uma estrutura voltada para a atividade portuária, com trapiches, cais e oficina alfandegária, além dos imóveis comerciais estrategicamente localizados na Cidade Baixa, na Rua da Praia, com o intuito de facilitar o transporte de mercadorias desembarcadas nas proximidades. Observemos o seguinte trecho:

> Às vezes, quando não estava carregando mercadorias ou a cadeira de arruar, um escravo, de nome Estevam, colocava o seu *Ioiozinho* no pescoço e saíam os dois margeando as águas da baía, até encontrarem o cais do Pedroso, do Ramos e das Amarras. Paravam na Praça do Comércio, tomando o caminho de volta entre as duas fileiras de sobrados da Rua Nova do Comércio e da Rua Nova das Princesas.

Na Cidade Alta, no centro da cidade, além da função residencial e de pequenos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, uma outra função de importância capital e que fora estabelecida desde a fundação de Salvador era a de caráter administrativo e religioso, com grande concentração de imóveis públicos no entorno da atual Praça Municipal e de igrejas nas áreas centrais. Borges nos revela a presença do poder oficial na área citada, no trecho que se segue, quando da busca de Manuel Francisco por seu filho seqüestrado:

> Desesperado, Manuel Francisco saiu pela porta principal (do palácio do Governo), que dava para a praça. A Casa da Moeda, em frente, na esquina com a Rua da Misericórdia, estava totalmente fechada. A Casa do Senado da Câmara tinha uma sentinela conversando com dois escravos. Do lado do mar, à esquerda, a Casa dos Passos da Relação apresentava uma janela ainda aberta (...). O português passou em frente ao Corpo da Guarda Principal do Palácio, cumprimentou um sargento, e foi buscar um local onde pudesse ver o mar...

Segundo Santos (1959), a função administrativa foi responsável pelo enriquecimento da paisagem urbana de Salvador, graças às construções erguidas para tal função no seu sítio.

Quanto às construções de caráter religioso, dentre as mais freqüentadas e de maior importância ou dimensão, na área central da cidade, apenas a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia fora fixada na Cidade Baixa. As demais se estabeleceram na Cidade Alta, nas proximidades do centro do poder administrati-

vo local e na sua periferia, sendo inclusive um dos agentes da expansão urbana, como é o caso dos conventos que, em alguns casos, estando estabelecidos nas áreas mais distantes do centro, acabaram por motivar a ocupação de localidades como, por exemplo, o Desterro:

> Os dois cavaleiros atravessaram a Rua da Vala, subiram a ladeira de Sant'Anna, vendo em frente a igreja do mesmo nome e, mais adiante, encontraram outro templo religioso, cercado de muros altos. Lembrando-se de uma descrição feita pelo mestre Joaquim, o jovem médico concluiu que estava ao lado do convento do Desterro.

Por outro lado, vale destacar que, as áreas de menor densidade populacional, mesmo aquelas não tão distantes do centro, eram palco de eventos extraordinários ou de caráter militar, desvinculados de qualquer caráter religioso,como se pode observar através da passagem em que Borges cita o local do enforcamento dos conjurados de agosto de 1798:

> O último enforcamento acontecera, há anos, no Campo da Casa da Pólvora. Até mesmo a forca já não mais existia, (...). Para o enforcamento exemplar dos conjurados, que deveria ter grande repercussão, decidiu-se abandonar aquele local, substituindo-o pelo Campo de Nossa Senhora da Piedade, até então usado para treinamento militar.

É importante ressaltar ainda que, embora não fizesse parte da malha urbana da cidade durante o período analisado, localidades como Quinta das Beatas e Santo Amaro de Ipitanga (atual município de Lauro de Freitas) são citadas na obra, de modo a nos permitir a clara noção de que, apesar das distâncias e das dificuldades de acesso, havia uma rede de vias terrestres que as interligava à capital, possibilitando contato entre habitantes de áreas distintas.

Conclusão

Dissecar uma obra literária para, através da mente do seu autor, formular um conjunto de idéias sobre o imaginário urbano do cenário narrado é tarefa que nos impõe um grato esforço, visto que é possível deparar-se com descrições e "realidades" únicas do lugar. Descrições e "realidades" que se destinam a contribuir com aqueles que pretendem desvendar a cidade real e imaginária.

A análise da obra *Um Cavalheiro da Luz* de Jafé Borges, um romance histórico sobre a Revolta dos Alfaiates, a partir do seu contexto socioespacial, permite-nos tecer algumas considerações acerca da realidade urbana da cidade do Salvador, em finais do século XVIII, muito em função do realismo e da riqueza de detalhes históricos e geográficos da narrativa do autor. Ao confrontar as passagens da obra com textos de caráter científico que tratam da cidade no período analisado, é possível perceber que houve, por parte do autor, um criterioso estudo do contexto soteropolitano da época, o que credita a obra como fonte segura para este trabalho.

A obra literária enfoca a cidade do Salvador, seu centro e áreas periféricas, de modo a denunciar uma realidade de intensa segregação socioespacial e racial, na medida em que, no seio da sociedade local, já havia, nesse período, distinções claras de moradia das populações ricas e pobres viventes na cidade. A área do atual Centro Histórico de Salvador, notadamente o Pelourinho, é citada na obra a partir de trecho que demonstra um início de decadência e degradação, pela ocupação do espaço por segmentos sociais pauperizados. Nos espaços de ocupação mais recente, no sul, na freguesia da Vitória, concentravam-se as áreas residenciais da burguesia local.

Verifica-se, em algumas passagens da narrativa, que há distinção nos usos dos espaços internos da cidade, notadamente no que se refere às funções predominantemente exercidas na Cidade Baixa, onde se concentram os armazéns e estabelecimentos comerciais, que estavam diretamente relacionados às atividades do porto, abrigando,

nos andares superiores, as residências de seus proprietários, enquanto que, na Cidade Alta, concentravam-se, além das residências, as construções do poder oficial e a grande maioria dos templos religiosos. Tal agente, aliás, proporcionou o crescimento da cidade para as áreas além da malha urbana, criando novos espaços de ocupação.

A cidade "imaginada" pelo autor aproxima-se muito da cidade real, citada nos textos científicos daqueles que a estudaram no período, possibilitando-nos, através da leveza do estilo romanesco, uma análise dos seus espaços, ainda que, em virtude das diferentes formas de uso e de percepção proporcionada pela narrativa, observe-se o espaço urbano de maneira fragmentada, o que não invalida o esforço que se empreende em tal obra.

Notas

[1] Mestre em Geografia pela UFBA.

Referências

BORGES, J. **Um cavalheiro da luz**. Salvador: EGBA, 1999. 287 p.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 136 p.

PINHEIRO, D. J. F.; SILVA, M. A. da. **A escrita das cidades**. Salvador: UFBA, Mestrado em Geografia, 2001. Texto introdutório à disciplina GEO-783 - O espaço geográfico na literatura.

SANTOS, M. **O centro da Cidade do Salvador**: estudo da geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

VASCONCELOS, P. de A. Salvador: transformações e permanências (1549-1990). In: CHRISTOFOLETTI, A. et al. (Orgs.). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 97-117.

Os Pastores da Noite – um diálogo entre a geografia, a literatura e o cinema na obra de Jorge Amado

Lílian Andrade[1]

Construir um diálogo entre a Geografia, a Literatura e o Cinema a partir de um romance de Jorge Amado, *Os Pastores da Noite*, com abordagem na "cidade da Bahia", dentro de uma visão imaginária, como linguagem artística, e uma visualização real, como espaço urbano, no meu entender, é unir a geografia dos sonhos e a realidade geográfica, o erudito e o popular, o sagrado e o profano, e outros tantos extremos que a própria cidade representa.

Ao circular no sítio histórico de Salvador e seu entorno, o leitor de qualquer um dos romances de Jorge Amado, cuja trama se passe na "cidade da Bahia" (como ele costumava identificar Salvador, dentro e fora da sua obra), poderia facilmente se deparar com Dona Flor descendo o Largo do Pelourinho, de braços dados com seus dois maridos; ou com Tibéria em seu "castelo", também no Pelourinho; ou com o bedel Pedro Arcanjo, na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus; ou ainda com o cabo Martim, numa roda de

capoeira, na antiga rampa do Mercado Modelo. Lívia, Guma, Rosa Palmeirão, Pedro Bala, Otália, Jesuíno Galo Doido, Quincas Berro D'Água, sem falar nos capitães da areia, estavam por toda parte, a povoar a velha cidade, real ou imaginária.

Esse encontro entre leitor e personagens se dá por uma razão muito simples: os personagens de Jorge Amado foram inspirados no próprio povo baiano e, por essa razão, tomam forma, ganham vida nas páginas dos romances e, como por uma magia que a própria terra emana, fogem das páginas para os becos sombrios, ruas, esquinas, vielas, terreiros e ladeiras da velha cidade.

A história e a formação do território do pelourinho

Para compreender esse diálogo entre Geografia, Literatura e Cinema, é necessário conhecer a forma de ocupação e a formação desse território urbano, que é o Pelourinho. Quando interpretamos o texto sobre zonas de densidade e de rarefação em *O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI*, do mestre-geógrafo Milton Santos – de saudosa e recente memória - e da autora Maria Laura Silveira, podemos compreender o que aconteceu no Pelourinho, desde o início da sua ocupação até os dias de hoje.

> O território mostra diferenças de densidades quanto às coisas, aos objetos, aos homens, ao movimento das coisas, dos homens, das informações do dinheiro e também quanto às ações... Na realidade, trata-se de um verdadeiro palimpsesto, objeto de superposições contínuas e descontínuas, abrangentes ou localizadas, representativas de épocas, cujos traços tanto podem mostrar-se na atualidade como haver sido já substituídos por novas adições. (p.260).

A superposição de diferentes classes sociais em diferentes épocas, no decorrer da história, nos dá a exata idéia do palimpsesto que foi e continua sendo o Pelourinho.

No artigo "De picota a Ágora. Las transformaciones del Pelourinho" (1977) os autores Maria Auxiliadora da Silva e Délio Pinheiro afirmam que

> ... para percorrer os caminhos do Pelourinho se exige a construção de uma "geografia urbana retrospectiva", que não dispensa a colaboração da história. Não se pode entender uma cidade, um bairro antigo, um lugar, se não se pode compreender seu passado. Além disso, no espaço do Pelourinho, os símbolos e significados do passado se entrecruzam com os do presente. (p.69)

O espaço urbano, que somente no século XIX veio a chamar-se Pelourinho, segundo os mesmos autores, surgiu com a primeira expansão da cidade, na segunda metade do século XVI, quando padres carmelitas calçados construíram o Convento de Nossa Senhora do Carmo fora dos limites da cidade, da paliçada, acontecendo, nesse espaço vazio, entre o Terreiro de Jesus e o Convento do Carmo, a primeira ocupação da área. Já a primeira devastação do Pelourinho aconteceu no século seguinte, com a ocupação holandesa entre 1624 e 1625. "Os holandeses queimaram e destruíram casas, incluindo o bairro do Pelourinho, para deixar espaço livre e fortificar a cidade que acabaram de tomar".

No século XVIII, afastado o perigo holandês, a Bahia experimenta a prosperidade com o cultivo da cana-de-açúcar no Recôncavo e a exploração do ouro da Chapada Diamantina: é "a idade de ouro da cidade de Salvador".

> ... a área do Pelourinho sofreu profundas transformações: as casas construídas com materiais frágeis foram substituídas por outras de melhor qualidade construtiva, mesmo se mantendo o antigo traçado das ruas. Na construção desse casario foram utilizadas as pedras de Lisboa, que chegavam como lastro dos navios, e as fachadas se decoravam com os azulejos de Portugal. Nos sobrados conviviam os Senhores de Engenho, nos andares superiores, e os escravos, no térreo. (p.78).

O poder econômico vigente imprime, pois, sua marca e faz do Pelourinho seu território.

O tronco para castigo dos escravos, instalado quase em frente à Igreja de Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos em 1807, veio a batizar o Largo do Pelourinho, que só viu desaparecer o instrumento do castigo em 1835. Mas o nome do logradouro permaneceu, ainda que oficialmente a praça se chame José de Alencar.

> *Hay mucho significado invisible en el espacio visible del Pelourinho"*
>
> O espaço elegante da cidade, a zona residencial de ricos e aristocratas, morada de barões e coronéis, o bairro do Pelourinho, alcançou seu apogeu durante o século XVIII, período que deixará a maior herança de sua arquitetura colonial. (p.83).

Com o declínio do ciclo da cana-de-açúcar e o fim da escravidão no Brasil, a aristocracia se empobrece. A cidade se expande no sentido Sul, em direção ao Porto da Barra. A classe abastada, agora composta de banqueiros e comerciantes, instala-se em palacetes, no Corredor da Vitória. O Pelourinho deixa de ser um bairro aristocrata, eminentemente residencial, para tornar-se uma zona mista: pequenos comerciantes e artesãos passam a residir nos andares superiores, enquanto o andar térreo dos antigos casarões passa a abrigar pontos comerciais. São novos agentes que redefinem o mesmo território.

Em seu artigo "A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador", a geógrafa Maria Auxiliadora da Silva nos informa que:

> ... no final do século XIX, no entanto, com o crescimento da cidade, surgiu uma redefinição dos espaços sociais (reestruturação urbana) e a conseqüente substituição progressiva da antiga população – pertencente à classe dominante – por outra, de poder econômico muito inferior, o que contribuiu para a decadência da área e para uma profunda alteração funcional: de zona exclusivamente residencial, tornou-se zona do setor terciário inferior ou informal. (p.260).

Entre 1880 e os primeiros anos do século XX, segundo os autores de "De picota a Ágora...", o Pelourinho é habitado por uma elite cultural, composta de bacharéis e doutores, altos funcionários da administração pública, oficiais militares e magistrados, que ocupavam uma posição social importante na sociedade baiana. Esses mesmos moradores começam a abandonar a área a partir dos anos 20, por diversas razões, que vão desde a opção pelos novos bairros mais nobres, até o alto custo na manutenção dos velhos sobrados que, a partir de então, começam a se deteriorar. Atraída pelos baixos aluguéis, em conseqüência da perda do valor dos imóveis, a classe pobre se instala no Pelourinho. A degradação continua com sobrados se transformando em cortiços, castelos e pardieiros habitados por prostitutas e marginais. É nesse ambiente que perdura até a década de 90 que o jovem grapiúna Jorge Amado, então com 15 anos, bebe na fonte de sua inspiração mais realista e se instala, em 1928, em um dos casarões da rua Alfredo Brito (hoje Hotel Pelourinho) – personagem e cenário do romance *Suor*, escrito em 1934, quando o autor ainda lá residia.

A partir de 1990, informa-nos a geógrafa Maria Auxiliadora, inicia-se uma nova requalificação socioespacial, agora não mais espontânea, mas comandada pelo Governo do Estado, que estabeleceu uma política de organização espacial visando à requalificação do centro histórico, com vistas ao atendimento prioritário das demandas do turismo. Mais uma vez, novos agentes se apropriam do território, imprimindo suas marcas, agora... no Pelô. O Pelourinho de hoje é território de turistas e empresários, que imprimem novas atividades comerciais e de lazer, voltadas para os visitantes externos e as camadas média e alta da sociedade.

A figura do negro escravo transformou-se na imagem do negro *rastafari*, do "*reggae*", do percussionista do Olodum, objeto de desejo de turistas nórdicos e louros(as). Virou moda ser negro no novo Pelourinho. Mas em que esse negro de agora se

assemelha ou se identifica com o Cabo Martim, com Pé-de-vento, Guma e tantos outros personagens amadianos? Será que o leitor de Jorge Amado ainda tem chance de encontrar, nas praças Tereza Batista, Quincas Berro D'Água ou no largo Pedro Arcanjo, esses mesmos personagens que até bem pouco tempo faziam parte dessa geografia humana do Pelourinho?

A Geografia e a Literatura

O espaço urbano da "cidade da Bahia", na obra de Jorge Amado, transita no imaginário do escritor, percorre becos, caminha na noite da rampa do Mercado Modelo e no mar da Baía de Todos os Santos, sobe ladeiras e, inevitavelmente, chega ao Pelourinho. Tanto em sua cronologia literária quanto em seu imaginário, Jorge Amado tem o foco no Pelourinho, fonte de inspiração das suas histórias inventadas e da sua própria história, contada em "Suor", cujo personagem central é um velho casarão na rua Alfredo Brito, habitado pelo próprio autor quando chegou das "terras do sem fim" para estudar na cidade da Bahia.

Em seu depoimento, durante o ciclo de palestras "A Bahia de Jorge Amado", a escritora Myriam Fraga identifica o Pelourinho como

> ... ponto inaugural da obra de Jorge Amado, centro mítico, mandala para onde convergem ruas e praças, a geografia física e a geografia humana, arquitetura exemplar do modelo colonial e o arcabouço do amplo edifício das desigualdades sociais...

Podemos perceber que a escritora utiliza os mesmos elementos do escritor grapiúna para descrever a Bahia física e culturalmente e comprova que falar dele e de sua obra é falar da Bahia, física e culturalmente.

O professor Ordep Serra, em seu texto sobre "O sagrado na obra de Jorge Amado: a cidade de todos os santos", pontua as três categorias de lugar em que "o mestre Jorge encarna o sagrado no

espaço da cidade amada... na geografia dos sonhos: igrejas, terreiros e castelos...” É possível observar, tanto no artigo do professor como na obra do mestre, a defesa do patrimônio histórico de Salvador, tantas vezes ameaçado e algumas vezes destruído, como ocorreu com a demolição da antiga Igreja da Sé, alvo da crítica de ambos. Mais adiante, Ordep Serra declara: “O mestre Jorge fez uma autêntica revelação de Salvador. Na verdade, ele resgatou uma cidade que suas elites cegas tentavam esconder...”. refere-se o autor aos “castelos” localizados no centro histórico e aos terreiros de candomblé na periferia da cidade, ambos identificados como “quartéis” das classes menos favorecidas e redutos contra a repressão. Em *Os Pastores da Noite*, essa luta urbana de classes é evidenciada na invasão do Morro do Mata Gato.

Muito embora a imagem real da cidade hoje – moderna e cosmopolita – não se identifique mais com o cenário dos romances de Jorge Amado (incluindo o Pelourinho, agora com seus casarões e sobrados transformados em restaurantes e butiques), paira ainda no ar qualquer coisa de mistério que nos transporta a uma época não muito distante, em que o Pelourinho era abrigo de boêmios e prostitutas e também de um povo simples, que habitava os velhos sobrados, casarões desbotados de outros tempos de luxo e pompa, de um Brasil colonialista e escravocrata, cuja herança maior, o conjunto arquitetônico colonial, lhe valeu o título de Patrimônio da Humanidade.

Os Pastores da Noite

É nesse cenário do Pelourinho da década de 60 (mais precisamente 1964, quando a obra foi escrita) que Jorge Amado nos apresenta “Os Pastores da Noite”: homens do povo, pessoas simples, fantasiadas de heróis, no imaginário do romancista. No largo do Pelourinho, no castelo de Tibéria e no candomblé de Mãe Doninha, o cabo Martim, o negro Massú, Jesuíno Galo Doido,

Pé-de-Vento e Curió circulam fazendo vibrar as noites baianas, confirmando a crença de tantos boêmios, baianos reais, que viveram as noites do Pelourinho, e despertando a curiosidade de leitores incrédulos, do outro lado do mundo, entre eles o cineasta francês Marcel Camus, que tão logo os ventos lhe sopram a favor, ruma em busca dessa Bahia mágica e feiticeira.

Em síntese, *Os Pastores da Noite* se compõe, na verdade, pela justaposição de três narrativas, que, embora entrelaçadas e brotando de um mesmo universo, podem ser degustadas separadamente. Em tela, aspectos fundamentais da existência negro-mestiça na Cidade da Bahia e seu Recôncavo. Uma existência quase sempre "lúmpen", evoluindo entre o cais, a cachaça e o "castelo", sob o signo e o axé dos orixás. "Mundo do Mercado, da Rampa, do Pelourinho, da Feira de Água de Meninos, das Sete Portas e dos Quinze Mistérios." E, mais uma vez, encontramos Jorge em seu papel favorito, o de defensor das putas e dos vagabundos, celebrando os prazeres da vida e os "ritos sagrados da amizade". Por suas páginas desfilam tipos como o Cabo Martim, rei do baralho e da picardia, e Curió, incorrigível romântico; o sábio Jesuíno Galo Doido, que vira caboclo num terreiro-de-angola; a mãe de santo Doninha; a maternal e rigorosa cafetina Tibéria; o padre Gomes, neto de um obá de Xangô; ou o aluado Pé-de-Vento, com a sua fantasia de mandar vir da França um navio abarrotado de mulatas. E são focalizados temas que vão do sincretismo religioso à solidariedade popular – "encontros e confrontos no tear em que se tece a trama diária da sobrevivência, em vista do mar azul e das noites que encalham com carregamentos de estrelas."

O imaginário do escritor se associa ao real traçado urbano da cidade, exatamente na década em que o romance foi escrito, provocando até um certo saudosismo, por conta de uma Bahia que não mais existe. A Bahia dos saveiros na rampa do Mercado Modelo, da feira de Água de Meninos e das Sete Portas, dos bondes rasgando a avenida Vasco da Gama, das hortas e plantações de banana no fundo do vale avistado do alto da Vila América, até

"a invasão das terras do Mata Gato, além de Amaralina, por detrás da Pituba" – seria o Alto de Ubaranas? Traçando um paralelo entre a abordagem literária e os aspectos urbanos da Cidade da Bahia, constatamos que o desenvolvimento atropelou... e matou a cidade dos anos 60.

A arte revelando a geografia

Nesse mesmo cenário, onze anos mais tarde, exatamente em 1975, vamos novamente encontrar os "pastores" recriados pelo cineasta francês Marcel Camus, que reinventa, numa cidade maquiada, como a esconder as marcas do envelhecimento não tão precoce, a atmosfera mágica em que viveram os personagens de Jorge Amado. Muito embora o escritor não pontue diretamente, em sua obra, a época em que o romance acontece, subtende-se que a narrativa se passa na primeira metade do século XX, quando ainda existiam os bondes.

Passada uma década entre as duas obras – romance e filme – o Pelourinho, principal pano de fundo de ambas, pouco se modificou. É possível identificar, no filme de Camus, as mesmas feições arquitetônicas descritas por Amado, o mesmo cenário decadente e prostituído nas ruas do baixo meretrício, a exemplo do Maciel de Cima e do Maciel de Baixo.

Já em outras cenas, em outros logradouros da cidade, como o terreiro de Mãe Doninha e o Morro do Mata Gato, podemos perceber, na fotografia do filme, o imaginário do cineasta transpondo as barreiras do real urbano, em busca do cenário descrito pelo romancista.

Do ponto de vista do desenvolvimento urbano de Salvador, o espaço de tempo entre a obra literária e a cinematográfica corresponde, aproximadamente, ao período em que surgiu, na administração pública, a figura de Antonio Carlos Magalhães, primeiro como prefeito, em 1967, e logo em seguida como governador, que deflagrou

a maior revolução urbana em Salvador, que, em 1974, estava irreconhecível, como nos informa Scheinowitz, em *O Macroplanejamento da Aglomeração de Salvador*.

Reportando-nos à cidade imaginária, podemos encontrar, nessa "revolução urbana", a razão pela qual Camus utiliza o recurso de planos fechados em muitas cenas externas, justamente para não mostrar essa transformação por que passou a cidade real.

Assim, a Vila América, ao invés de localizar-se na encosta da avenida Vasco da Gama, parece estar mais deslocada para o subúrbio, com vista para o mar da baía de Todos os Santos. O cineasta também insere o Morro do Mata Gato em uma praia da Pituba (seria real ou imaginário?). Dunas, restinga e coqueiral entram em cena para mostrar uma orla marítima que, um dia, já foi assim.

Já não existe bonde na Vasco da Gama, nem saveiros na rampa do Mercado; aliás, nem rampa existe mais. Até o terreiro de Mãe Doninha, na ficção, torna-se, na realidade, o terreiro de Mãe Mirinha do Portão, no município vizinho de Lauro de Freitas, comprovando a modificação do espaço urbano, uma vez que os chamados "terreiros" de hoje eram roças, no sentido estrito e lato, instaladas na periferia da cidade.

Entre o imaginário da obra de Jorge Amado e o de Marcel Camus, chegando ao espaço urbano real, eu ousaria dizer que até a geografia do Pelourinho existe, porque primeiro existiu no imaginário do criador.

Da literatura ao cinema e à vida real, melhor dizendo, à geografia física, cultural e humana, o Pelourinho adquire diversas feições, sem nunca perder seu traço característico mais forte, o de espaço popular. Se hoje já não vivem malandros e prostitutas em seus antigos casarões, essa população vive a rondar seu território, como à espera do momento certo para apropriar-se dele e voltar à cena. Porque a história desse espaço urbano foi escrita por seus próprios habitantes e, entre eles, o que lhe deu mais fama: Jorge Amado.

Notas

[1] Mestranda do Curso de Pósgraduação em Geografia da UFBA.

Referências

AMADO, J. *Os pastores da noite*. Rio de Janeiro: Livraria Martins, 1964. 320 p.

FRAGA, M. A cidade de Jorge Amado. In: *BAHIA a Cidade de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000. Atas do Ciclo de Palestras "A Bahia de Jorge Amado".

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasi*l: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471 p.

SCHEINOWITZ, A. S. *O macroplanejamento da aglomeração de Salvador*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; EGBA, 1998. 314 p.

SERRA, O. O sagrado na obra de Jorge Amado: a cidade de todos os santos. In: *BAHIA a Cidade de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000. Atas do Ciclo de Palestras "A Bahia de Jorge Amado".

SILVA, M. A. da. A evolução urbana do Centro Histórico de Salvador e a preservação da continuidade funcional do bairro de Santo Antônio além do Carmo. In: VASCONCELOS, P. A.; SILVA, S. B. de M. e S. (Orgs.). *Novos estudos de geografia urbana brasileira*. Salvador: EDUFBA, 1999. p. 259-271.

______.; PINHEIRO, D. J. F. De picota a ágora: la transformaciones del Pelourinho. *Anales de Geografia de la Universidad Computense*, Madrid, n.7, 1977.

MATERIAL DE PESQUISA

Otália da Bahia, *Os Pastores da Noite*. Filme baseado no romance homônimo de Jorge Amado. Direção Marcel Camus. 1985.

Visões literárias da Cidade da Bahia

Déa Maria Araújo Monteiro de Souza[1]

Preâmbulo

O desafio era escolher um livro que atendesse à proposta de interseção entre Literatura e espaço geográfico, porque muitas idéias surgiram durante o curso. Entretanto, a literatura disponível que tematiza a cidade de Salvador é muito restrita. Quando o professor Délio Pinheiro, com sua vasta experiência e sensibilidade, sugeriu-me o Morro do Conselho, localizado no Rio Vermelho, então pensei: por que não Rio Vermelho? Trata-se de um bairro pelo qual sempre mantive uma certa paixão, principalmente pelo fato de nele encontrar as minhas raízes. Foi nesse bairro bucólico que nasci, passei minha infância, adolescência e continuo na vida adulta.

O Rio Vermelho tem uma história datada da época anterior à fundação da própria cidade de Salvador. Segundo o historiador baiano Luís Henrique Dias Tavares, o primeiro homem branco que teria chegado nesse local foi Diogo Álvares Correia, que,

após um naufrágio ocorrido entre 1509 e 1511, buscou abrigo na Pedra da Concha, um rochedo na praia da Mariquita, sendo descoberto pelos indígenas, que o chamaram de Caramuru, na língua dos índios "peixe que sai do mar".

A lenda, conta que Caramuru só sobreviveu por ter despertado o amor de uma jovem índia Tupinambá, filha do chefe da tribo. Ele se casou com essa índia, que recebeu o nome de Catarina Álvares Paraguaçu, e, em 1536, ajudou o donatário Francisco Pereira Coutinho a erguer a Vila do Pereira, ou Vila Velha, onde hoje se situa o largo da Graça. Caramuru também ajudaria ao primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza, a fundar a cidade de Salvador, em 29 de março de 1549.

Tudo isso foi importante e decisivo na escolha do livro "A Casa do Rio Vermelho", da autora Zélia Gattai, para a construção do meu texto.

Inicialmente, será feito um breve resumo da obra literária da autora, para melhor compreensão do trabalho; em seguida, o texto partirá da citação de trechos da autora que posicionam o bairro no momento em que esses fatos aconteceram, dentro do contexto da cidade do Salvador.

É importante assinalar que, durante a realização deste trabalho, emergiram saudades dos tempos das matinês, com direito a entrada franca no Cine Rio Vermelho, do sorvete de coco de seu Valdemar e do acarajé da minha "freguesinha", do bando anunciador, dos passeios pelas ruas do bairro sempre em grandes turmas, dos finais de tarde na balaustrada, com direito a muitas paqueras, para apreciar o pôr do sol e a chegada dos barcos repletos de xixarros e outros peixes, dos banhos de mar na Praia da Avenida do Morro do Conselho, onde empinei muita arraia e corri picula.

Resumo da obra

A Casa do Rio Vermelho, de Zélia Gattai, narra, numa linguagem simples, algumas passagens do dia-a-dia da autora, desde

a sua decisão de mudar para a Bahia, no final da década de 50, até a sua chegada, no início dos anos 60, passando pelos anos 70 e 80, com algumas pinceladas nos anos 90.

A escritora relata, em toda a obra, sua vida de mulher, mãe e dona de casa, seus problemas domésticos, sua relação e adaptação com os empregados, a casa movimentada pelos amigos locais e amigos ilustres de outros lugares, suas viagens pelo mundo.

A mesa baiana com seus temperados pratos e quitutes suculentos, também foram lembrados pela autora. Não foi esquecido também o sincretismo religioso do baiano, várias vezes discutido na obra.

Finalmente, a autora também expõe o seu medo de o marido ser preso, quando da ditadura no Brasil: um período sombrio, marcado pela perseguição política, a tortura, o desaparecimento de opositores ao regime. Os anos 70 também foram lembrados pelas manifestações de resistência cultural e pela diversidade dessas manifestações ocorridas nas ruas de Salvador, tendo ela e sua filha como participantes.

A Bahia, na década de 60, era vista pela própria população como uma cidade não polida, atrasada, perdida no tempo e não inserida no movimento vivo do mundo: era tal como veio da natureza. Esse fato é evidenciado na página 17, do livro *A Casa do Rio Vermelho*, quando Zélia Gattai, numa conversa com seus sogros, participa sua intenção de morar na Bahia:

> Menina, vocês estão malucos? Deixar uma cidade linda como Rio de Janeiro, com praias e jardins, para irem se meter naqueles matos? (...) Fia, vê se da uns conselhos pra Jorge. Diga pra ele, que o lugar de vocês é na cidade. Não é no mato.

Além disso, existia a crença de que seus habitantes eram rudes e não eram instruídos, como pode ser constatado na página 19, num outro diálogo, quando a autora, esperando impressionar a sogra, argumenta que o lugar é bonito, tranqüilo e que iria ser bom para os meninos.

> Bom para os meninos? Ta ... Que bom, o quê? Bom, coisa nenhuma! Teus filhos vão virar dois tabaréus tu pensa que lá tem as facilidades daqui? Tu pensa que lá tem recepções nas embaixadas? Vai ver que nem embaixadas têm por lá. Tu pensa que lá é como aqui, todo mundo convidando pra festas? Vá atrás disso...

Nessa ofensiva, a sogra da autora esquecia que, a partir da década de 50, a Bahia estava entrando, gradualmente, no movimento industrial brasileiro, com a criação de um setor petroleiro em nossa economia e, na década de 1960, com a implantação do Centro Industrial de Aratu.

É muito importante dizer que a instalação do CIA, em Aratu, só foi possível com o governo entrando em cena, providenciando através de incentivos ficais, a oferta de capitais necessários à montagem desse setor industrial. Foi justamente com essa política do governo federal, via Sudene, que se iniciou a industrialização nordestina. Em conseqüência, assistimos, nessa década, a uma modificação na ocupação do espaço da cidade de Salvador, e o bairro do Rio Vermelho não escapou dessas mudanças. Sofreu modificações profundas em sua estrutura paisagística, a exemplo da demolição dos restos do Forte, no local onde foi erguida a nova Igreja de Santana, dentre outras que serão mencionadas mais adiante.

Mas voltemos ao setor petrolífero. "Ao se implantar no Recôncavo, a Petrobrás significou nada menos do que um volume de investimentos inéditos em toda a história econômica da Bahia", descreve Antônio Risério, em seu livro *Uma História da Cidade Da Bahia*. Nessa época, com a construção de estradas na área petrolífera, as cidades do Recôncavo foram o trampolim para o início do crescimento da cidade de Salvador. As moradas situadas na Vitória e na Barra somente eram permitidas a quem fosse abastado, e o Rio Vermelho era utilizado somente para a pesca e o veraneio. Esse fato é comprovado na página 35, quando a autora relata a participação aos amigos da compra da casa: "Todo mundo se ad-

mirou: por que no Rio Vermelho e não num bairro nobre, como a Barra, o Corredor da Vitória, por exemplo?" (p. 35)

É bem verdade que o Rio Vermelho, até a década de 60, também era considerado um bairro distante do centro da cidade, representado pela Praça Castro Alves e pela Rua Chile. Para se chegar ao Centro, que o povo denominava de "ir à cidade", o bairro dispunha de dois itinerários: pelo "Rio Vermelho de cima" (o itinerário era largo da Mariquita, Praça Colombo, Rua João Gomes, Rua Eurícles de Matos, Avenida Oceânica com fim de linha na Praça da Sé) ou pelo "Rio Vermelho de Baixo" (o itinerário era Largo da Mariquita, Praça Colombo, Rua João Gomes, Largo de Santana, Travessa Santana, Rua Conselheiro Pedro Luís, Avenida Vasco da Gama, com fim de linha na Praça dos Veteranos).

A paisagem urbana, nessa época, era definida pelo vasto acervo de bens arquitetônicos, formados de palacetes, casarões e casas antigas; muitas ruas eram de barro batido, e outras calçadas com paralelepípedos. Havia asfalto na Avenida Oceânica (inaugurada em 1922, quando J. J. Seabra governava o Estado pela segunda vez), que ligava o Rio Vermelho à Barra, e na Avenida Otávio Mangabeira (inaugurada em 1949, no governo de Otávio Mangabeira), que ligava o Rio Vermelho aos bairros de Amaralina, Pituba e Itapuã. Assim, a comunicação entre o centro da cidade e os bairros de Amaralina, Pituba, Itapuã e até mesmo para o aeroporto e vice-versa tinha de ser feita através do Rio Vermelho. Mesmo com esse fluxo de veículos pelo bairro, o Rio Vermelho continuava um lugar tranqüilo, guardando grande parte de suas tradições e características. Na página 34, a autora faz referências a uma dessas tradições do bairro: "... assistiríamos de nossa casa, de nosso terraço, a festa da Mãe d´Água, a procissão marítima seguindo até o fim." A festa da Mãe d´Água a que a autora se refere é a festa em louvor a Yemanjá, que acontece no dia dois de fevereiro. Não se sabe exatamente quando ela começou, todavia os pescadores mais antigos afirmam que começou em 1924.

Segue a descrição da festa feita pela autora:

> ...o espetáculo do pôr-do-sol, na hora da Viração, é inigualável...Dezenas de embarcações a vela, carregadas de oferendas as mais diversas... levadas pelo povo que, pacientemente, em filas quilométricas, aguarda a sua vez de depositar o presente num balaio e fazer seu pedido. O balaio, quando cheio, é colocado no barco... Eles se distanciam... Só então os cestos, transbordados de prendas, são depositados no mar." (p. 34)

A festa de Yemanjá, uma das maiores festas populares da Bahia, além de acontecer no mar e na Casa do Peso, acontece também, nas ruas, com milhares de pessoas divertindo-se, dançando, comendo e bebendo, registro feito na página 47:

> ... nas barraquinhas de bebidas e peixe frito, o povo abrigava-se do sol, descansava, emborcava cerveja, batia papo, cantava. Nos sentamos numa barraca, escolhemos uma que dava sobre o mar ...

Na página 33, a autora afirma: "Em outubro de 1961, assinamos finalmente a escritura de nossa casa na Bahia, localizada à Rua Alagoinhas, bem no alto de uma ladeira, no Rio Vermelho." Mas a autora não sinaliza, talvez por uma questão de privacidade, que essa rua fica no Parque Cruz Aguiar. O Parque, carinhosamente chamado pelos moradores, construído entre 1945 e 1955, foi o primeiro loteamento destinado à classe média a ser construído em Salvador. Possuía infra-estrutura completa, com casas prontas para morar, muitas delas com arquitetura que lembra a de um bangalô.

Embora no bairro existissem diversos bares, armazéns, panificadoras e alguns centros de abastecimento, a população carecia de estabelecimentos que vendessem gêneros mais sofisticados: "...haviam aberto na Barra, no Alameda, uma casa que vendia frutas e verduras vindas de São Paulo. Era a primeira e única freguesia enorme ..." (p. 96). É importante assinalar que o comércio da época colonial de Salvador ainda se fazia presente no bairro,

pois era comum a figura de vendedores ambulantes, com um balaio de cipó na cabeça, que levavam seu produto à porta de quem pudesse comprar.

É claro que o bairro, na época, já contava com vários estabelecimentos educacionais, mas o eleito para os filhos estudarem foi o Colégio Manoel Devoto, que, em 1962, era considerado um modelo de estabelecimento de ensino: "... Conseguimos a transferência de João Jorge e Paloma do Colégio Andrews, no Rio, para uma escola pública em Salvador, o colégio Estadual Manoel Devoto." (p. 88).

Desde a década de 50, o Rio Vermelho conquistou status de ser um bairro dos artistas e intelectuais, haja vista a quantidade de artistas plásticos, músicos, cantores, compositores, atores, poetas etc que moravam no bairro: "A casa do escultor Mário Cravo, no Rio Vermelho, era ponto de intelectuais da Bahia e dos que vinham de fora ..." (p. 44); "Caribé e Nancy moravam no Rio Vermelho, no largo de Santana." (p. 5) "O Rio Vermelho é o local preferido para residência de artistas. É o Montparnasse baiano...", descreve sinteticamente Darwin Brandão & Mota e Silva em *Cidade do Salvador, Caminho do Encanto.*

Em função disso, era bastante visível a existência de visitantes ilustres que entravam e saíam da residência de algum nome famoso.

Era freqüente essa agitação cultural ocorrer na casa da autora, o que está registrado em vários trechos de sua obra:

> ...muitos amigos foram nossos hóspedes, no correr dos anos: Roseana Sarney e Jorge Murad, Pablo Neruda e Matilde, Chico Anísio, Sônia Braga, Sérgio Porto, Anny, Claude Basset, entre outros vindos de todas as partes. (p. 114)

> ... reunidos em torno dos queijos e vinhos estavam: Caribé e Nancy, João Ubaldo Ribeiro, Jenner e Luísa. (p. 123)

> ... nossa casa era freqüentada por Dorival Caymmi, Vinicius de Moraes, João Gilberto, Tom Jobim, Sérgio Porto e outros bambas, sem contar os estrangeiros e os artistas importantes da terra. (p. 119)

> ... na época de nossa chegada a Bahia, Caetano Veloso, Maria Betânia, Gilberto Gil e Calasans Neto freqüentavam pouco a casa do Rio Vermelho.(p. 124).

Ubaldo Marques Porto Filho conta, em seu livro *Rio Vermelho*, que, por muito tempo, o bairro guardou muito das suas relíquias do passado, mas não podemos nos esquecer de que foi na década de 60 que chegaram os primeiros agentes realmente transformadores da sua fisionomia urbanística, com a implantação do Loteamento Jardim Caramuru, nos arredores da Mariquita, e a construção de duas fábricas que, para o modelo da época, foram consideradas de grande porte: a dos Biscoitos Águia Central e a da Coca-Cola, construídas na Avenida Vasco da Gama, numa área onde havia uma ampla plantação de hortaliças.

Nos anos 60 e 70, com a explosão da construção civil e a criação do Sistema Financeiro de Habitação, houve a construção do Conjunto Santa Madalena e do Parque João XXIII, que continuam mudando a paisagem da Vasco da Gama.

Do ponto de vista urbanístico, os anos 70 foram transformadores para o Rio Vermelho, em conseqüência do crescimento da cidade de Salvador. Foi sob o comando de Antônio Carlos Magalhães, em administrações mais ou menos sucessivas, que a cidade mudou realmente de fisionomia:

> ... a população de Salvador aumentava. Tornava-se quase impossível o trânsito pelas ruas do Centro, cada vez mais sufocado. Fazia-se necessário abrir as comportas, estender a cidade ... (p. 17)

Salvador então foi rasgada na sua construção, não se respeitando sua população vivente.

Essa ideologia urbanística fez Salvador copiar o modelo de destruir a cidade, visando ao favorecimento do transporte:

> ... arregaçou as mangas e foi em frente: abriria vales e montes, na direção do aeroporto, construiria avenidas, pontes e eleva-

> dos nos quilômetros e quilômetros de terras abandonadas, mato desprezado, expandira a cidade de Salvador. (p.177)

E foi nesse contexto que o bairro foi “beneficiado” com duas grandes avenidas de vale: a Juracy Magalhães Júnior e a Anita Garibaldi.

Nessa ofensiva demolidora, a especulação imobiliária caminhou lado a lado com esse urbanismo predatório. Em poucos anos, monumentos históricos e arquitetônicos do bairro foram demolidos, antigos casarões, localizados no trecho conhecido como Paciência, foram colocadas abaixo, as áreas verdes significativas do bairro também não foram poupadas. Com empresas adquirindo terras “a preço de banana”, ou simplesmente as incorporando, reeditava-se, de certa forma, um sistema em vigor nas capitanias hereditárias. A construção de prédios de apartamentos proliferou de forma espantosa.

Em 1972, foram iniciadas as obras do emissário submarino, obra de grande porte, que integra o sistema de esgotamento da cidade. A obra significou um sacrifício para os moradores do bairro, para os pescadores, e para a praia da Mariquita, que deixou de ser própria para o banho.

A construção desse emissário é lembrada na página 178: “... pois o pioneiro das obras do esgoto da cidade foi Antônio Carlos Magalhães. (...) Fazemos parte dos sacrificados e recompensados depois, já que nossa casa da rua Alagoinhas ...”

Essas mudanças, iniciadas no Rio Vermelho a partir década de 60, fizeram com que seus tradicionais moradores migrassem para outros bairros. Os poucos moradores antigos que insistem em viver no bairro, dentre várias perdas, não mais contam com as suas praias de águas tranqüilas e límpidas, com a vista privilegiadíssima do mar, com o acesso a dois morros importantes e até históricos: o Morro do Conselho e o do Menino Jesus.

A década de 80 foi marcada por vários movimentos organizados pelos moradores, intelectuais e outras pessoas, que queriam transformar a Fábrica de Papel da Bahia (Sapelba), já semidesativada, em um Centro Cultural para o bairro. Essa fábrica, por muitos anos, fez parte do bairro, pois começou a operar inicialmente, na década de 20, como fábrica de cerveja, passando, nos anos 30, a funcionar como fábrica de papel.

Apesar das diversas mobilizações dos moradores e de a imprensa assumir a bandeira na defesa da não demolição da fábrica, o sonho dos moradores do Rio Vermelho não se concretizou: no lugar da antiga fábrica, hoje se encontra um posto de gasolina e uma lanchonete do Mc Donald. Entretanto, a chaminé da fábrica permanece ainda no seu antigo lugar, como apitando por socorro, para que novas demolições não surjam no bairro.

Também foi alvo de discussão a velha igrejinha de Santana, quando cogitaram demoli-la, para alargar a rua. A luta pela preservação da Igreja foi vitoriosa: ela continua até hoje no meio da pracinha, agradecendo aos que lutaram pela sua permanência e convivendo com as mudanças ocorridas na praça, atualmente reduto de famosas baianas de acarajé.

Claro que a beleza do bairro não foi destruída, mas, inegavelmente, foi comprometida. Muitas coisas deixaram de existir, enquanto novos elementos apareceram, compondo a nova paisagem do Rio Vermelho. Hoje, além de ter se tornado uma área densamente povoada, o Rio Vermelho conta com o surgimento de novos edifícios, novas instalações econômicas e culturais, como bancos, centros comerciais, restaurantes, hotéis, supermercados, escolas, lanchonetes, clínicas, faculdades, shopping center, bibliotecas, galeria de arte, casas noturnas, bares, famosas baianas do acarajé, dentre outras coisas.

Embora achando necessário o progresso, creio que essa transformação urbana, ocorrida com a expansão e a modernização de toda a cidade de Salvador, a partir da década de 50, afetou a fei-

ções urbanísticas do bairro. O meu Rio Vermelho, local onde nasci, passei a adolescência e a juventude, com as profundas mudanças sofridas, perdeu a imagem de bairro pacato, por força do tráfego intenso de veículos e pelo corre-corre da vida moderna.

Notas

[1] Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

Referências

GATTAI, Z. **A casa do Rio Vermelho**. Rio de Janeiro: Record, 1999. 301 p.

LOPES, L. **O Rio Vermelho e suas tradições**: memórias. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984. 107 p.

PORTO FILHO, U. M. **Rio vermelho**. Salvador: AMARV, 1991.

RISÉRIO, A. **Uma história da Cidade da Bahia**. Salvador: [s. n.], 2000.

SOUZA, A. A. de. **Nas bandas do Rio vermelho**. Salvador: Associação Atlética do Rio Vermelho, 1961.

SOUZA, A. P. **Salvador, capital da colônia**. São Paulo: Atual, 1995. 39 p.

Geografia e literatura nas obras de Milton Santos e Jorge Amado: o estudo da cidade de Salvador

Jânio Roberto Diniz dos Santos[1]

Este artigo tem por objetivo realizar um paralelo entre a Tese de Doutorado de Milton Santos, *O Centro da Cidade do Salvador*, e a obra do escritor Jorge Amado, *Tenda dos Milagres*, a primeira realizada em 1958 e publicada em 1959, e a narrativa de Jorge Amado, que ocorre entre o período de 1943 a 1968, cuja primeira edição foi publicada em 1969, identificada na vida do personagem Pedro Arcanjo. Assim, o trabalho tem por finalidade realizar uma inter-relação entre a obra científica e a literatura expressa na obra de Amado, a fim de que se possa melhor conhecer os segredos e os mistérios de uma parte tão significativa da cidade do Salvador – o Centro Histórico, ou Pelourinho. Ao mesmo tempo, busca-se resgatar e homenagear a vida e a obra desses dois autores baianos, falecidos recentemente. Entretanto, não foi descartada a utilização de outras obras importantes para entender a cidade, sobretudo no seu contexto atual. Recorreu-se, assim, a trabalhos

realizados por: Raillard (1990), Carlos (1996) e Tuan (1983). Nesse sentido, para entender o contexto do espaço geográfico, utilizou-se Tuan (1983: 61-2), que conceitua:

> O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. (...) Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar.

Tratando-se especificamente do espaço pesquisado neste trabalho o Pelourinho, Santos em sua tese de doutorado intitulada *O Centro da Cidade do Salvador* , destaca que:

> O Pelourinho é uma ladeira-praça, de forma irregular, rodeada de edifícios dos séculos 18 e 19, grandes casas nobres de dois e de três andares que serviram como residências a famílias ricas, mas que hoje caíram em ruínas. O interesse do estudo dessa praça reside no fato de que ela se situa no coração mesmo da área resguardada pelos regulamentos que asseguram proteção aos monumentos históricos da cidade. Assim ela representa, a um só tempo, um exemplo da influência dos fatores jurídicos sobre os fatos de estrutura urbana e um exemplo de degradação. (1958: 165-6).

Santos utiliza ainda, como exemplo, uma casa do Centro Histórico, para demonstrar a situação que se encontrava, naquele período, esse pequeno pedaço da paisagem urbana de Salvador, e já indicava possibilidades da recuperação do Pelourinho, conforme pode-se observar na seguinte afirmação:

> No Pelourinho, uma velha casa, inteiramente reparada interiormente, teve os quartos, redivididos depois, do mesmo modo que nas casas vizinhas, que se encontram em um estado lamentável.

> Essa relação entre os aspectos formais da paisagem e os do seu conteúdo é dotada de uma força de permanência, que contribui para conservar não apenas os aspectos miseráveis do quadro, como as suas características funcionais.
>
> (...) Isso provocará a tendência à conservação do mesmo estado de coisas, se não houver intervenção direta do poder público. É o caso do Pelourinho. (1958: 164-5)

Esses aspectos citados pelo autor acabaram se concretizando, com a intervenção do Estado no Centro Histórico, na década de 90 do século XX, o que possibilitou uma revalorização e uma mudança na função do Pelourinho.

A fim de aprofundar conhecimentos acerca do espaço do Centro Histórico do Salvador, da sua evolução histórica aos dias atuais, que nos permitam compreender as intervenções planejadas e executadas nesse espaço, entendemos que esta análise só se torna possível a partir de um enquadramento histórico. Por isso, é mister resgatar o Pelourinho descrito nas obras de Jorge Amado, por entender que nenhum outro autor da literatura brasileira teve tamanha vivência com esse espaço. Além disso, busca-se resgatar também todo um lado místico e religioso desse autor, que expressa o cotidiano e a cultura baiana advinda das raízes africanas, tão retratadas por suas obras e que, no espaço passado do Pelourinho, ganhou tamanha expressividade, e pôde ser levada a todo país e mesmo a várias partes do mundo.

Neste trabalho específico, buscou-se destacar mais profundamente a obra *Tenda dos Milagres*, que relata a história do Ojuobá Pedro Arcanjo, que viveu no Pelourinho entre a década de 40 até final da década de 60, tendo com esse espaço toda uma identidade espacial e cultural. Na história desse personagem, está explícito o cotidiano vivido por grande parcela da população baiana, sobretudo a que residia no Centro Histórico, convivendo com a exclusão social, e o desemprego. Através da sua história, são demonstradas também as estratégias de sobrevivência dessas

populações, num momento historicamente difícil de superação dos reflexos da 2ª Guerra Mundial e as novas imposições do sistema Capitalista, sobretudo em direção aos países subdesenvolvidos. Essas questões de ordem mundial e mesmo os problemas mais especificamente brasileiros são refletidos pelo autor na caracterização do Centro Histórico nesses períodos, sobretudo, a partir dos relatos da história de vida de Arcanjo.

O romance *Tenda dos Milagres* subdivide-se em vários capítulos, com narrativas diversas, cujo palco é o Pelourinho, as relações existentes e as manifestações culturais do povo da Bahia. Assim, têm-se, no romance, os seguintes capítulos:

· De como o poeta Fausto Pena, bacharel em Ciências Sociais, foi encarregado de uma pesquisa e a levou a cabo.
· Da chegada ao Brasil do sábio Norte-Americano Levenson e de suas implicações e conseqüências.
· Da morte de Pedro Archanjo, ojuobá, e de seu enterro no Cemitério das Quintas.
· Do nosso vate e pesquisador em sua condição de amante (e corno) com amostra de poesia.
· Onde se trata de gente ilustre e fina, intelectuais de alta categoria, em geral sabidíssimos.
· Onde se conta de entrudos, brigas de rua e outras mágicas, como mulatas, negras e sueca (que, em verdade, era Filandesa).
· Onde Fausto Pena, indócil, arrivista, recebe um vale (pequeno), uma lição e uma proposta.
· De como a sociedade de consumo promoveu as comemorações do centenário de Pedro Arcanjo, capitalizando-lhe a glória, dando-lhe sentido e conseqüência.
· Onde se conta de livros, teses e teorias, de catedráticos e trovadores, da rainha de Sabá, de Condesa e da iaba e, em meio a tanto ipsilone, se propõe uma advinha e se exprime ousada opinião.

· Onde Fausto Pena conta a sua experiência teatral e outras tristezas.
· Onde Pedro Archanjo é prêmio e assunto de prêmio, com poetas, publicitários, professorinhas e o gaiato crocodilo.
· Da batalha civil de Pedro Archanjo Ojuobá e de como o povo ocupou a praça.
· Filosofando sobre talento e sucesso, despede-se Fausto Pena: já era tempo.
· Da glória da Pátria.

A partir da análise desses capítulos do livro *Tenda dos Milagres*, percebe-se que o autor, além de narrar as histórias de vida de Arcanjo, buscou também caracterizar a sociedade baiana da época, a partir do estabelecimento de um contato entre a intelectualidade e a população do Pelourinho, objeto de constantes pesquisas, por ser dotada de formas e manifestações culturais específicas. Tamanha é a representatividade desse espaço, que o autor o caracterizou como "universidade da vida".

A fim de conhecer melhor o autor Jorge Amado, recorreu-se ainda a Raillard (1990), que realizou com o autor ampla entrevista. Nessa entrevista, Jorge Amado se apresenta como um Obá, um dos doze ministros de Xangô, considerando-se gente do povo que pertence ao candomblé. Afirma que construiu Pedro Arcanjo com base em outro Obá já falecido, Miguel Santana. Obá é uma pessoa que o povo conhece, ama e respeita. No candomblé, a mãe-de-santo põe o jogo e o santo designa aquele que deve tornar-se obá. Afirma que o candomblé era poderoso nas grandes igrejas populares da Bahia. Destaca ainda que está ligado ao candomblé em razão da luta contra o racismo, e não por motivos religiosos.

Jorge Amado afirma em relação ao Pelourinho: "Nesse território popular nasceram à música e a dança, tanto representadas pela Capoeira como pelo Candomblé."

Trata ainda de demonstrar a interação entre a Igreja Católica, de um lado, e a manutenção da cultura africana, através das crenças e das danças, e demais rituais ligados ao Candomblé, de outro. No Pelourinho, essas características ganham maior visibilidade. Sobre isso, Amado (2000) destaca que:

> Ao lado da Igreja do Rosário dos Pretos, o Largo do Pelourinho, mestre Budião instalava sua escola de capoeira de Angola. (...) Os rapazes jogam ao som dos berimbaus, na louca Geografia dos toques. Nesse território a capoeira de Angola se enriqueceu e transformou: sem deixar de ser luta, foi balé. Aqui no território do Pelourinho, nessa Universidade livre, na criação do povo nasce a arte.

Assim o autor caracterizava o Pelourinho, como uma universidade, onde a cultura do povo afro-baiano ganhava expressividade e se manifestava com toda liberdade, sendo, portanto, o Pelourinho um espaço, um símbolo de resistência e luta de um povo. Essa expressividade pode ser observada na seguinte colocação:

> No amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam. Universidade vasta e vária, se estende e ramifica no Tabuão, nas portas do Carmo e em Santo Antonio além do Carmo, na Baixa dos Sapateiros, nos Mercados, no Maciel, na Lapinha, no Largo da Sé, no Tororó, na Barroquinha, nas Sete Portas e no Rio Vermelho. (Amado, 2000: 01).

Dessa forma, na sua obra, o autor demonstrava também conhecer profundamente a geografia do lugar e do seu entorno, destacando que as manifestações culturais desenvolvidas no Pelourinho não ocorriam apenas nesse espaço, mas se relacionavam e refletiam o que acontecia em outros pontos da cidade, sobretudo, os localizados nas proximidades.

O autor, profundo conhecedor do sincretismo religioso, em diversos momentos da sua obra, menciona a fé das pessoas que viviam no Centro Histórico, narrando acontecimentos importan-

tes da vida de diversos representantes da sociedade e esclarecendo a relação entre o Catolicismo, o Candomblé e a Umbanda. Esses aspectos podem ser observados no trecho abaixo, onde Amado diz que:

> Quem fez promessa a nosso Senhor do Bonfim, a nossa Senhora das Candeias, a outro santo qualquer, e foi atendido, mereceu graça, benefício, vem às terras dos riscadores de milagres para lhes encomendar um quadro a ser pendurado na Igreja, em grato pagamento. (2000: 02)

Além disso, o autor demonstra a relação existente entre o Candomblé e a Natureza, pois diversas plantas passam a ser identificadas a partir das figuras do Candomblé. Essa relação entre cultura e natureza, na Geografia, foi e é bastante destacada pela corrente denominada Geografia Cultural, que passa a analisar a relação de cada povo com o seu meio como fator preponderante nas relações culturais e sociais que se estabelecem. Na obra de Amado, esta relação é demonstrada na afirmativa abaixo:

> Na terra de Agnaldo, as madeiras de Lei – o Jacarandá, o Pau-Brasil, o Vinhático, a Peroba, o Putumuju, a Maçaranduba – transformam em oxís de Xangô, em Oxuns, em Yemanjás, em figuras de Caboclos, rompe mundo, três estrelas, sete espadas fulgurantes em suas mãos poderosas. (...)Agnaldo fez um Oxossi diferente que parecia com bandido do sertão que até o babalorixá o recusou como profana imagem. Que segundo dizem, foi parar no museu, em Paris. (2000: 3)

Assim, o livro *Tenda dos Milagres* de Jorge Amado busca destacar os diversos aspectos da cultura e as estratégias desenvolvidas pela população do Centro Histórico, nas esculturas, nos quadros de artistas da terra, em diversos desenhos, na arte, na dança, no gingado, no teatro e na culinária. Essa culinária passou a ser reconhecida a partir da figura de Pedro Arcanjo, que, em contato com intelectuais de renome internacional,

começa a divulgar a cultura baiana para todo mundo. Aos poucos, essa divulgação da cultura baiana, passa a se referendar também na venda do Produto Bahia, respaldada, sobretudo, a partir da intervenção e do planejamento estatal, em parcerias com instituições internacionais operadoras e agências de turismo, que passam a atuar no projeto de requalificação da área denominada Centro Histórico ou Pelourinho, lugar divulgado internacionalmente nas obras de Amado. Assim, o Pelourinho assume uma outra função, o de lugar turístico e de lazer, tornando-se lugar de produção e reprodução do capital, via turismo. Dessa forma, a cultura passa a ser vendida como mercadoria. Essa transformação é destacada por Carlos quando, tratando do território mágico e real representado na imagem, permite-nos resgatar a realidade do Pelourinho. Assim, a autora diz:

> ... as trocas fragmentam o espaço, processo que afeta profundamente a vida cotidiana, através da sua institucionalização que cria uma vida programada e idealizada pelo consumo manipulado. (1996: 66)

De uma maneira geral, os lugares se distinguem e, a cada dia, ganham novos aspectos, o que, na visão de CARLOS, se apresenta da seguinte forma:

> São áreas de poder, de riqueza, de lazer, espaços nobres, vulgares, residenciais, comerciais, industriais, áreas de migrantes, conjuntos para elite, onde cada vez mais os laços entre formas espaciais e culturais são mais tênues e difíceis de serem estabelecidas na metrópole. (1996: 66-7)

Na nova infra-estrutura do Pelourinho, percebe-se que, apesar de todas alterações nas suas funções, pode-se considerar que esse é ainda um local de resgate de cultura e da história baiana, onde se torna visível a presença de casarões e igrejas que refletem a influência portuguesa e onde as manifestações culturais demonstram a forte presença da cultura afro-baiana.

Finalmente, a imagem que fica do Pelourinho, nas obras de Jorge Amado, está bem representada na *Revista Os Caminhos da Terra* que procura resgatar a sua riqueza histórica e Cultural e serve como uma síntese do romance *Tendas dos Milagres*, que mostramos a seguir.

> No bar do preto velho, por exemplo, a tradicional figura do candomblé está ao lado de Nossa Senhora de Aparecida, (...) logo na entrada, servido de velas e fitinhas do Bonfim. Nesse lugar mágico, no qual Jorge Amado declarou ter "aprendido a acreditar em milagres, nos milagres do povo",não haveria porque ser diferente. OS CAMINHOS DA TERRA (1997 : 59).

Retomando a análise dos trabalhos realizados por Santos (1958) e Amado (1969), pode-se concluir que a obra de Santos constitui-se num trabalho de grande relevância científica, contribuindo para o entendimento da estrutura, do processo, da forma e da função do Centro Histórico de Salvador. Também a narrativa de Amado constitui um importante referencial, já que resgata a leitura do cotidiano do lugar, o que, somado à obra de Santos, vem complementar a análise e o entendimento do Pelourinho, permitindo, assim, na relação entre o científico e o literário, um conhecimento mais aprofundado dessa parte tão importante cultural e historicamente da cidade do Salvador.

Notas

[1] Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

Referências

AMADO, J. *Tenda dos milagres.* 40 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 323 p.

O BRASIL no Pelô. *Os Caminhos da Terra*, São Paulo, ano 6, n. 3, p. 54-59. 1997.

BRASIL 97. *Guia de Turismo Quatro Rodas*, São Paulo. 1997.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. 150 p.

RAILLARD, A. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador:* estudo da geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

O povo e as ruas fazendo história: são vidas de rua

Ibalmar Maria Vianna e Cláudio Silva Rabaçal[1]

Este estudo resultou de uma análise sobre a cidade do Salvador que procura estabelecer relações entre espaço, literatura, linguagem e ficção, cuja interação imprime significado à ciência, à arte e à cultura. Para tanto, o aporte teórico, no âmbito da literatura, recaiu sobre Calvino (2001) e Reyes (1997), ao lado de Santos (1985; 1997), Ferrara (1988) e Carlos (1997). A metodologia, pelas características do estudo, não poderia ser direcionada de outra forma que não fosse relacional, através da comparação do livro *Vidas de Rua* com textos de outros autores que tratam as questões da cidade, entre eles *As Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino, que foi utilizado como suporte e ponte para a ligação entre o conhecimento geográfico e a literatura, trabalhando-se o espaço real, o espaço ideal e o espaço imaginário. São descritas, analisadas e relacionadas as metáforas utilizadas pelo autor de *Vidas de Rua*, para descrever o espaço geográfico urbano de Salvador, considerando-se também a visão do pesquisador que habita esse mesmo espaço. Enfim, tenta-se

manter um diálogo constante entre os diversos textos – inclusive não-verbais –, para, finalmente, tentar perceber e compreender tanto a construção da ficção literária de um determinado espaço quanto a produção desse espaço pela sua sociedade.

As cidades acolhem a multiplicidade mundial, diversa, desigual, porém são compatíveis com a sociedade que as constrói, as redes técnicas e culturais entrelaçadas e interdependentes nas relações entre objetos e ações e entre suas relações. Embora acolhendo objetos e ações mundiais em seus espaços, cada cidade é um lugar particular em sua forma de acolher, selecionar e combinar o mundial a seu tempo, impondo o seu sentido singular, construindo significados próprios ou ressignificando objetos e ações.

Construir cidades, mapas, plantas, é construir praças, templos, ruas, vias para pessoas e transportes. Desvendar cidades é ver, perceber, sentir, ler e viver a cidade, texto não-verbal, locus de conflitos humanos e entre esses e seus espaços. A cidade é como um livro macro, em que homens inscrevem e escrevem suas histórias, a serem decifradas, desveladas. Desvendá-las é buscar, em cada símbolo, seu significado.

Participar desses embates, buscar entender, descobrir e viver a cidade, requer olhares diversos dos que para ela voltamos no dia-a-dia. É nesse sentido que tento entrelaçar as *Vidas de Rua* de Alejandro Reyes às C*idades Invisíveis* de Ítalo Calvino, sob o olhar particular da Geografia, pela cidade apresentada na literatura, e analisar o espaço geográfico da "Cidade da Bahia." O objeto é Salvador e sua diversidade, cidade escancarada como texto não verbal, em seus lugares, praças, viadutos, fortes, casarios, igrejas, avenidas e ruas onde circulam veículos e pessoas, todos signos, espraiando-se em micro-linguagens a serem decodificadas e articuladas para a compreensão da cidade em todas as suas dimensões e escalas, especialmente na dimensão sociocultural, aquela dos homens, habitantes e personagens, em suas questões pessoais e nas ações da cidade sobre as suas vidas.

Em *Vidas de Ruas*, Reyes convida o leitor a com ele se perder pelas ruas de Salvador – histórias na história da cidade de metáforas. Em, *As Cidades Invisíveis*, criadas por Marco Pólo, em conversa com o imperador Kublai Khan, Calvino constrói cidades através de metáforas.

Cidades e literatura abrem-se, exibindo, em seus espaços, vidas vividas em formas diversas, contrastes que se confundem na ficção da linguagem e nos emaranhados das ruas, mas tornam-se palpáveis se aproximarmos a visão à realidade dos espaços cotidianos.

O espaço geográfico é apresentado por Reyes através de quatro vidas vividas em ruas de Salvador, a "Cidade da Bahia", onde os protagonistas dos contos passeiam os seus viveres em espaços segregados, marginais e mortos da cidade, contrapondo-se à Salvador, oficial e da mídia, bela, alegre e feliz cidade. Homens e meio ecológico mortos, pois relegados a meros coadjuvantes na realidade da cidade.

A inserção de Salvador nos novos processos produtivos aparece em A *Promessa de Onorina*, através da requalificação urbana do Centro Histórico de Salvador, que o transformou e a cidade em objetos de consumo, que se produzem para serem consumidos como signos de alegria e festa, seu povo, feliz e contente, o que lembra a Eusápia de Calvino:

> Não existe cidade mais disposta a aproveitar a vida e a evitar aflições. (...) E, a fim de que o salto da vida para morte seja menos brusco, os habitantes construíram no subsolo uma cópia idêntica da cidade (...) Destas, as preferidas são as que reproduzem momentos de despreocupações: a maioria é posicionada em torno de mesas servidas, ou colocada em posições de dança ou no gesto de tocar trombeta. (Calvino, p.101)

Literatura, ficção, metáforas significantes para alguns, com significados diferentes para Onorinas, que vêem o espaço vivido faltar a seus pés, a partir do momento em que a *Ordem e o Pro-*

gresso chegam à rua da Oração, retirando-as dos velhos e deteriorados casarões onde moravam há anos, junto com diversas outras famílias.

> Não fosse porque a Ordem e o Progresso, que até então haviam percorrido todo o Pelourinho, detendo-se no terreiro de Jesus, decidiram avançar até o bairro de São Dâmaso, libertando, assim, seus habitantes da miséria, ou para ser para ser mais exato, libertar o resto da população da necessidade de olhar a miséria de tão perto. (Reyes, p.29)

A requalificação urbana do centro histórico, transformando um conjunto de velhas ruas e casarões em parque temático, recoloca e ressignifica o comércio e as moradias antigas, no interior de um cenário de exposição de objetos de consumo. Surge, daí, um novo comércio e uma nova moradia que se apresentam como cena urbana de entretenimento, em que imagens desagradáveis não são permitidas.

Quanto ao acolhimento do mundial por Salvador, é interessante ressaltar que, ao mesmo tempo em que se requalifica o meio urbano, requalifica-se também o homem, o baiano. Músicas, danças, roupas, cabelos, festas, todo um jeito de vida passa a ser elaborado, utilizado para ser visto como signo de baianidade, forjando-se, assim, a sensualidade e a voluptuosidade de seus filhos, machos e fêmeas, essas, em especial, novas mercadorias.

> A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer. (Calvino, p. 16)

Explorando um pouco mais essa baianidade, pode-se observar o mundial nos prazeres, aqui explorados nas redes virtuais, nas casas de massagem, nos motéis e ainda nos antigos casarões, um deles cenário escolhido por Reyes para ambientar o conto *Mariana*, um “castelo-puteiro”, espaço ainda hoje existente em

Salvador, signo de prazeres, que esconde e dissimula, em novas formas espaciais e novos nomes, funções antigas, problemas agudos e intocados.

> Tou direitinha mamãe, (...) você não sabe como eu sinto saudade de você (...). Eu sei que a gente é muito pobre e não tinha comida todo dia (...), tenho tanta saudade(...). A casinha tão pobre, a roça, os bichos... (Reyes, p. 44)

Na fala de Mariana, criança de sete anos, vê-se a representação de situações pelas quais passam milhares de Marianas em todos os níveis e dimensões de escala, o êxodo rural, o inchamento de cidades, a prostituição, que reproduz e alimenta ambigüidades e hipocrisias em cidades, em especial numa cidade signo de prazeres e gozos.

> Anastácia, cidade enganosa, tem um poder, que às vezes se diz maligno e outras vezes enigmas (...). A fadiga que dá forma aos seus desejos toma dos desejos a sua forma, e você acha que está se divertindo em Anastácia, quando não passa de seu escravo. (Calvino, p.16).

No terceiro conto, *A Caridade*, Reyes continua a trafegar pelas vias da desigualdade da cidade, deslocando-se do centro de Salvador para espaços mais novos, avenidas e ruas largas, claras, onde a arquitetura exibe o luxo, o belo, o conforto.

> No jardim de uma casa ampla, sob o amparo de uma mangueira luxuriante (...), duas lindas mulheres (...) radiantes com a vivacidade encantadora daqueles venturosos seres que olham com alegria despreocupada para as vastas possibilidades do futuro conversam...
>
> (..) O pequeno ser de quem falam (...) é um menino (...) que, um ano antes, sobrevivia das escassas moedas que recebia lavando e tomando conta de carros nas ruas turbulentas do centro da cidade.Teria talvez uns dez anos, ainda que ninguém o soubesse com certeza. (Reyes. p. 87-8)

Dois mundos em uma só cidade, a divisão da sociedade na configuração dos objetos espaciais e um submundo vivido nas ruas do centro de Salvador, vagando, flanelando nas sinaleiras, percorrendo centros periféricos, vendendo, cheirando cola. Uma cidade apartada por muros, medos, luxo, Salvador de Reyes ou Leônia de Calvino?

> Mais do que pelas coisas que todos os dias são fabricadas, vendidas, compradas, a opulência de Leônia se mede pelas coisas que todos os dias são jogadas fora para dar lugar às novas. Tanto que se pergunta se a verdadeira paixão de Leônia é de fato, como dizem o prazer das coisas novas e diferentes, e não o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente (...) ou talvez apenas porque, uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar neles. (Calvino, p. 105-6).

A Leônia de Calvino confunde-se com a Salvador de Reyes, nos percursos de Manduca, que cuida de meninos de rua, no conto "Manduca do Forte", em que degradação humana e arquitetônica também se confundem.

> Espessos muros pintados de cal, manchados de sujidade e descuido, cobertos pela patina dos séculos (...) Cheiro de lixo e de urina, confundido com o do azeite-de-dendê. Um rato observa com olhos miúdos. As baratas correm de um lado para o outro. Lá dentro, um pátio grande e, em torno dele os muros antigos, pontuados por vãos escuros (...) é o forte de Santo Antonio. (Reyes, p. 51)

> É um malandro, mas tem bom coração (...) estava envolvido em todo tipo de atividades ilícitas, liderava um pequeno grupo de assaltantes que vivia de roubos menores e, em certas ocasiões, do tráfico de drogas (...) e não perdoava ofensas, gostava é de uma briga. (Reyes, p. 61)

A escória da cidade, reunida fazendo festa, ouvia e fazia história:

> ... durante a festa de Nossa Senhora da Conceição, quando a procissão já havia passado e a benção na igreja havia termina-

> do, que surgiu uma roda, apertada entre as barraquinhas atrás do Mercado Modelo, onde grupos bebiam cerveja e cachaça... dançavam ao ritmo do Tchan, e "passavam embaixo da cordinha". Coisa pouco comum nesses dias, uma roda de capoeira espontânea numa festa de largo, pois o antigo código de honra tem sido esquecido, e o que antes era uma respeitosa e sutil (...) hoje virou uma mistura de boné, luta livre e malabarismo de circo.

A cultura no velho, a não cultura no novo ou a luta entre duas culturas, que, para Argan, é a cultura da destruição, em Salvador, nos seus espaços, é difundida como signos de baianidade.

Nesse conto, a ação da polícia é apontada por Reyes, na função que se tornou comum na nossa cidade: o extermínio de marginalizados, ou a "limpeza" das ruas, no diálogo entre Manduca e um menino de rua:

> - E ele tá onde? Sei lá. Polícia levou. – E como você sabe que ele ta morto? – Só pode estar, o Soneca me disse que arrebentaram ele pra valer.

> Se não é a sua primeira viagem, o viajante já sabe que cidades como esta têm um avesso, basta percorrer um semicírculo e ver-se-á a face obscura (...). A cidade parece continuar a multiplicar o seu repertório de imagens. No entanto, não tem espessura, consiste somente de um lado de fora e de um avesso, (...) que não podem se separar nem se encarar." (Calvino, p. 97).

O enigma resultante do entrelaçamento das cidades invisíveis de Calvino com a cidade de Reyes e as observações dessa mesma cidade com olhar geográfico apontam para uma leitura de Salvador como um signo, um símbolo de cidade como local de entretenimento. A associação que dela se faz com alegria, festas, prazeres e cidade feliz, embora essa seja apenas uma visão reduzida, é contraditória com a sua natureza de multiespaço, múltiplas formas e múltiplas funções, que devem ser vistas e decifradas como hipertexto, a ser lido na sua complexidade. Ferrara toma o

espaço urbano como o lugar do texto não-verbal, parceiro mutante em nosso cotidiano na cidade. "Os textos não-verbais acompanham nossas andanças pela cidade e produzem-se, completam-se, alteram-se no ritmo dos nossos passos, motorizados ou não. A cidade é o lugar do texto não-verbal."(Ferrara, p. 12). É ainda Ferrara que propõe a cidade relativizada, contexto conformado à dinâmica das ações que nela ocorrem e as metamorfoses delas resultantes, apontando a dimensão sociocultural como identitária nas análises espaciais das cidades.

Como texto não-verbal, a cidade mostra, nas linhas de suas ruas, nos pontos e paradas, praças, jardins e monumentos, sua história. A partir das formas da cidade, pode-se perceber e interpretar os modos de apropriação por todos que nela circulam ou que nela vivem, os quais ganham conteúdo, atendendo à relação signo, objeto e interpretante, esses e os usuários também signos, conforme sua ação no espaço urbano.

Se as formas-conteúdo representam uma cidade, suas funções representam as sociedades que as gestaram e a dinâmica que as movimenta. Nesse particular, Salvador é o produto das diversas organizações espaciais através dos tempos, uma acumulação de elementos: homens, instituições, firmas, infra-estrutura e meio ecológico, constituindo uma paisagem com diversas e desiguais geografias, mistura de rugosidades e inovações como propõe Milton Santos (1997): "A paisagem, certo, não é muda, mas a percepção que temos dela está longe de acabar em sua realidade profunda... O objeto possui duas faces: a verdadeira que não se entrega diretamente ao observador e a face visível, amoldada à ideologia" . Assim, nos esforçamos para fazer falar essas duas faces da "Cidade da Bahia", embora cientes de que muito haveremos de fazer para que sua face invisível torne-se visível, desfetichizar Salvador, paisagem e homens.

Notas

[1] Mestrandos do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

Referências

ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1998. 280 p.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis.* 15 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2001. 150 p.

CARLOS, A. F. A. *A cidade.* São Paulo: Contexto, 1997. 98 p.

FERRARA, L. A. *Ver a cidade:* cidade, imagem, leitura. São Paulo: Nobel, 1988. 81 p.

FRAGA, M. A cidade de Jorge Amado. In: *BAHIA a Cidade de Jorge Amado.* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000. Atas do Ciclo de Palestras "A Bahia de Jorge Amado".

GOMES, R. C. *Todas as cidades, a cidade:* literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 182 p.

KOTHE, F. R. (Org.). *Walter Benjamin:* sociologia. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991. 256 p.

REYES, A. *Vidas de rua.* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. 94 p.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador:* estudo da geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

______. *Espaço e método.* 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

______. *Pensando o espaço do homem.* 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 60

A literatura como instrumento de análise para a compreensão do espaço urbano de Salvador

Selma Paula Batista [1]

Este artigo visa a contribuir com a discussão já lançada no âmbito da Geografia, e esta publicação é o resultado do empenho, da visão e da perseverança dos professores Délio José Ferraz Pinheiro e Maria Auxiliadora da Silva, que estimularam em nós, geógrafos, o uso da Literatura como instrumento de análise para a compreensão da formação do espaço urbano, em especial o da cidade de Salvador.

Num primeiro momento, uma proposta lógica: a de se perceber que a prática deste exercício requer a aplicação e o uso de um conceito geográfico que possibilite ultrapassar o nível da ficção, resgatando o processo de formação espacial da estrutura urbana da cidade.

O ponto de partida tem seu foco na leitura que fazemos do espaço compreendido na literatura como o espaço apreendido pelo autor, podendo ser real ou imaginário, fruto da leitura que o mesmo faz do ambiente no qual insere cada personagem ao longo da trama. Na Geografia, segundo Santos (1985), o espaço é o todo, natural ou psíquico, onde o homem intrinsecamente está inserido.

Para validar a análise da formação do espaço urbano da cidade de Salvador, optamos por aplicar o conceito geográfico de espaço de Santos (1985), contemplando as categorias que o compõem – forma, função, estrutura e processo –, na interpretação do romance *Suor*(1934) de Jorge Amado, a partir de três casos:

· o Casarão, nº 68 da Ladeira do Pelourinho, como objeto de investigação;
· a escada, como o fixo contido no objeto de análise;
· as ações, os diálogos e a narrativa dos personagens, como os fluxos que atravessam o fixo.

O Casarão nº 68 da Ladeira do Pelourinho é o cenário escolhido pelo autor, para onde convergem os fatos narrados. Na análise geográfica, ele representa a compreensão do espaço. Como objeto, determina sua localização geográfica no território.

A escada é uma parte do Casarão que representa um importante papel no cotidiano dos personagens. Ela é vista pelo autor como ponto de partida e de chegada de todas as angústias, emoções e esperança dos moradores. Na análise geográfica, ela é um fixo que interage com o objeto contido no espaço, através de seus fluxos.

As ações, os diálogos e as narrativas dos personagens são movimentos que percorrem a escada ao longo da trama, criando neles um elo invisível de amizade, de familiaridade. Na análise geográfica, esses movimentos assumem a forma de fluxo que age diretamente no fixo – a escada.

À combinação dos fluxos que atravessam o fixo é atribuída uma nova análise do conceito espacial, possibilitando descobrir uma estrutura social real que perpassa a ficção. Essa será uma ferramenta indispensável para a fundamentação da dinâmica espacial vivida pela cidade de Salvador, e que nos propomos a resgatar.

Suor (1934) começou a ser escrito em 1928, fase em que Jorge Amado vivia intensa militância política. Nessa época, com 16 anos, trabalhava também como repórter policial do Diário da

Bahia. Residente na Rua dos Quinze Mistérios, no Pelourinho, criou ali o cenário de sua trama, tendo como objeto de análise o Casarão de número 68 da Ladeira do Pelourinho, onde hoje está instalado o Hotel do Pelourinho.

> Visto da rua o prédio não parecia tão grande. Ninguém daria nada por ele. É verdade que se viam as filas de janelas até o quarto andar. Talvez fosse a tinta desbotada que tirasse a impressão de enormidade. Parecia um velho sobrado como os outros, apertado na Ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos raros. Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandes na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina. Nos 116 quartos, mais de 600 pessoas. Um mundo. Um mundo fétido, sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente. Operários, soldados, árabes de fala arrevesada, mascates ladrões, prostitutas, costureiras, carregadores, gente de todas as cores, de todos os lugares, com todos os trajes, enchiam o sobrado. Bebiam cachaça na venda do Fernandes e cuspiam na escada, onde, por vezes, mijavam. Os únicos inquilinos gratuitos eram os ratos. Uma preta velha vendia acarajé e mugunzá na porta. (*Suor*, 1934. p. 10)

Na obra, a trama transcorre através dos diálogos e narrativas do cotidiano da população residente no Casarão, administrado por imigrantes que para cá vieram, transformando os solares em lugares para morar, para comércio clandestino, para acampamento de retirantes fugitivos da seca e, sobretudo, para abrigo da prostituição, crescente nessa época.

O Brasil vivia um rápido processo de desenvolvimento econômico, com o aumento de suas reservas, enquanto, dialeticamente, promovia a exclusão social. No contexto local, grandes investimentos eram injetados na zona do cacau, favorecendo a agricultura e promovendo a especulação imobiliária, que, para atender à demanda da elite soteropolitana e de investidores estrangeiros, criava novos espaços para morar. A classe média e a elite, que residiam no Pelourinho, abandonaram os solares e ocuparam novas construções, mais arrojadas, conforme ditavam os padrões europeus.

Nessa dinâmica da cidade, novas funções são atribuídas aos lugares. Ao Pelourinho, na época ignorado no projeto urbanístico proposto pelo Estado, coube abrigar um grande contingente da população desassistida, que não contava com nenhuma infraestrutura. Seu processo de urbanização só ocorreria a partir dos anos 90, quando o Estado, num projeto de recuperação do Patrimônio Histórico, concede-lhe o título de Centro Histórico, sendo roteiro turístico obrigatório nos circuitos nacional e internacional, muito embora, por trás das fachadas multicores, ainda haja grandes vestígios de pobreza, miséria e exclusão, herdadas da década de 30, quando as dissidências oligárquicas culminariam na chamada Revolução de 30, o que gerou um grande movimento de oposição desde o Rio Grande do Sul até o Nordeste do país, num amplo trabalho de conscientização da classe operária a respeito da práxis do capitalismo. Em Salvador, o movimento estourou entre os operários das linhas de bonde. A mídia, já começava a ser um veículo favorável às ações do poder político, em oposição às questões sociais.

> O jornal estava com muita matéria política, de forma que deu uma notícia de meia coluna com o retrato do morto, no necrotério. O título, em letras gordas, opinava:
>
> COVARDE, COMO ESTAVA SEM TRABALHO ENFORCOU-SE
>
> [...]O jornalista se esqueceu de dizer que Manuel de Tal procurava trabalho por toda a cidade e que os patrões lhe respondiam com a única palavra: CRISE. Que o operário não comia há dois dias e ia ser posto fora do quarto, etc. (*Suo*r 1934. p. 91)

A esperança de melhores condições e qualidade de vida eram retratadas através das ações de Álvaro, personagem de conduta revolucionária, e da tímida, porém militante Linda, que lutavam para colocar em prática os seus ideais.

Enquanto uma parte da cidade crescia, a outra se transformava em periferia, a depender dos interesses de cada grupo. Lugares como a Rua Chile, que outrora fora o local de compras da elite, passavam a ser ocupados pela população pedinte.

> Procurava-a todos os dias na Rua Chile, onde ela mendigava mostrando os filhos aos passantes:
> - Tenha pena dessas crianças sem pai... (*Suor* ,1934. p. 113).

Mas há de se perguntar: em que difere o que é apresentado, na citação acima, do livro publicado em 1934, da leitura que podemos fazer hoje, quase sete décadas depois, da mesma Rua Chile, da Ladeira do Pelourinho, do atual Centro Histórico e da cidade de Salvador, numa base territorial historicamente determinada?

Jorge Amado, em *Suor*, foi uno e singular, no seu olhar. Na leitura dos fragmentos sobre o cotidiano do povo que naquele lugar habitava, depreende-se não haver fronteiras entre pessoas, conceitos, etnias e culturas; pelo contrário, lá se homogeneizavam, tornavam-se unos e singulares em suas ações.

> – Você não vê? Nós fizemos uma outra escada na casa.
> – Como? – O Vermelho não entendia...
> – Sim. A escada era a única coisa que ligava os inquilinos... Hoje há outra, a solidariedade que nós despertamos...
>
> Álvaro Lima comentou:
> – Trabalho silencioso...
>
> Linda sorriu. Ouviu os ruídos todos:
> – É verdade. Outra escada...
>
> O judeu concluiu:
> – Hoje não são apenas homens e mulheres, inquilinos. É uma multidão...
>
> Como era um dia de sessão grátis no Olímpia, a casa se movimentava e daí a pouco se jogaria pela escada. Ouviram a voz de Julieta no sótão:
> – Anda depressa se não a gente perde a comédia...(*Suor*, 1934. p. 158).

A escada, paralela e invisível, aos poucos foi sendo construída, alicerçada em princípios de dignidade e solidariedade, o que permitia àquele "povo" adotar conceitos de vida peculiares ao cotidiano da comunidade que haviam criado e na qual estavam inseridos, apesar da pressão dos movimentos externos que os comprimia cada vez mais para o interior do espaço periférico que lhes havia sido "designado" habitar.

Conclusões

O exercício proposto nos mostra, assim, como, com os personagens amadianos, uma nova escada se constrói no âmbito das práticas pedagógicas da Geografia.

Subir ou não depende da postura ética e social que cada geógrafo deve ter como educador. O uso da literatura como instrumento de análise para a compreensão do espaço geográfico, com certeza, já trouxe bons resultados para a base teórica e metodológica que nos propomos a discutir, atendendo à premissa maior proposta por Milton Santos, segundo a qual o espaço, constitui-se numa instância da sociedade.

> ... o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada - subordinante. E, como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia... (Santos, 1978. p.145)

Que arrisquemos os primeiros degraus, saindo do "status quo", para uma atuação se não global, ao menos local.

Notas

[1] Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

Referências

AMADO, J. *Suor*. Rio de Janeiro: Record, 1934. 164 p.

FRAGA, M. A cidade de Jorge Amado. In: *BAHIA a Cidade de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2000. Atas do Ciclo de Palestras "A Bahia de Jorge Amado".

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador:* estudo da geografia urbana. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

______. *Espaço e método*. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

______. *A natureza do espaço:* técnica e tempo, razão e emoção. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.

______. *Técnica, espaço, tempo:* globalização e meio técnico científico informacional. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1994. 190 p.

O imaginário da cidade de Salvador nas canções de Dorival Caymmi – uma reflexão geográfica

Jânio Laurentino de Jesus Santos[1]

Representando um misto de cultura e etnias oriundo da miscigenação, Salvador é, para alguns, a "cidade da magia", com encanto singular. No entanto, traz consigo também profundas marcas de um processo de formação e evolução desigual, comum, aliás, a várias outras cidades brasileiras. Assim é a *Capital da Bahia*. Um lugar que é canto, verso e prosa para muitos artistas, cada qual, porém, destacando e exprimindo, a partir do seu posicionamento ideológico, as diferentes facetas que compõem a totalidade desta cidade.

Apesar de serem vários os artistas que abordaram Salvador em suas obras, um destaca-se pela sua identificação com a referida cidade – Dorival Caymmi. Suas obras trazem uma forte influência das experiências vividas em cada esquina, cada praça, cada igreja, cada praia... Nesse sentido, percebeu-se a relevância de analisar o imaginário da cidade de Salvador nas obras desse cantor e compositor baiano. A partir da "leitura" de suas músicas, foi desenvolvida uma

investigação sobre a forma como o mesmo representa e percebe o espaço geográfico, não como palco das ações dos personagens, mas como meio, condição e processo para a realização dessas ações.

Pelo fato de Caymmi não ter como objetivo específico fazer descrições espaciais ou se prender, em todas as suas obras, a um espaço em particular, mesmo que em alguns momentos o faça, algumas dificuldades são evidentes. A principal delas foi tentar separar, no conteúdo total de suas canções, aquelas que tivessem a cidade de Salvador como espaço singular, ou que, pelo menos, fizessem alguma referência à cidade. O conteúdo do trabalho, então, limitar-se-á a analisar apenas as obras que abordam, de uma maneira ou de outra, Salvador como recorte espacial da investigação.

Inicialmente, será desenvolvida uma análise epistemológica da questão do espaço para a Geografia. Em seqüência, será analisado o conteúdo teórico e metodológico do referido conceito na pesquisa, destacando a categoria espacial utilizada para a investigação – o lugar. Por final, serão discutidas a vida e a obra de Dorival Caymmi, destacando-se o imaginário espacial contido em ambas – vida e obra.

O trabalho apresenta grande relevância, pois é uma mostra da importância do espaço geográfico (com ele, da Geografia como ciência) no processo de evolução ou desenvolvimento da humanidade. A evidência dessa indissociabilidade entre homem e lugar constitui a base do pensamento de Caymmi ao longo de suas canções, sendo a Geografia fundamental para entender a vida da sociedade.

Um pensar sobre o espaço

Eleita pela maior parte dos geógrafos da atualidade como o objeto de estudo, por excelência, da Geografia, a palavra espaço apresenta uma multiplicidade de sentidos e definições, aplicados às mais diversas situações cotidianas. Consultando, brevemente,

alguns dicionários e enciclopédias da língua portuguesa, torna-se perceptível a veracidade dessa afirmação, em virtude da pluralidade semântica que a referida palavra possui. Apenas a título de exemplo, foi verificado que "espaço" pode, de forma paradoxal, exprimir a idéia de intervalo de tempo – *"no espaço de um ano"*; pode significar limite para alguma argumentação –*"não há espaço para este comentário"*; também, pode vir como dimensão para qualquer objeto material – *"o espaço do caderno"*; ou, ainda mesmo, como uma extensão (limitada ou ilimitada) da superfície terrestre – *"o espaço ocupado pelo território brasileiro"*. Além desses exemplos, poderiam ser feitas várias outras constatações da polissemia do termo. Entretanto, a análise proposta no momento limitar-se-á a discutir a última acepção, na qual está contida a dimensão epistemológica que é relevante para a Geografia – o espaço como uma extensão da vida da sociedade.

No cerne da evolução do pensamento da Geografia, o espaço foi definido e especificado como *geográfico*, por um lado, para enfatizá-lo como objeto de estudo da referida ciência e, por outro, para fazer a devida separação entre ele e os demais sentidos que acima foram brevemente explicitados. Como espaço geográfico pode-se entender, de forma simplificada, aquele que é o *habitat da humanidade.* No entanto, nas discussões e debates epistemológicos verificados em bibliografia específica, percebe-se que vários autores o definem de forma singular, não se perdendo, contudo, a sua essência principal como o *local da vida do homem.*

O mais relevante, nessa análise sobre a construção teórica que fomentou a discussão conceitual do espaço geográfico, é que, a partir das contribuições dos autores, respeitando-se suas devidas singularidades, foi possível elaborar um parecer no qual estão contidas as características fundamentais que embasam as pesquisas sobre o espaço geográfico. A primeira delas é a percepção do *espaço como uma totalidade*, utilizando-se para isso, uma visão holística da realidade; a segunda diz respeito à necessidade

de, ao se analisar esse espaço, procurar *ir além da forma*, buscando relacioná-lo ao conteúdo que lhe é peculiar; finalmente, nunca perder de vista que o espaço é *um objeto de mediação (mas também é mediador) nas inter-relações do homem com a natureza.*

Em busca da totalidade espacial

A realidade, bem como tudo que nela está contido, apresenta-se como um todo, cuja dificuldade de *empiricização* é notória. Essa realidade é fundamentalmente constituída por dois elementos essenciais que possibilitam a sua existência concreta – o espaço e a sociedade. Juntos, eles vão formar um conjunto que é o cerne da existência tanto social quanto espacial. Cada um desses elementos (espaço e sociedade), por sua vez, apresentar-se-á também como totalidade interdependente, por apresentar objetos e ações singulares. No entanto, pensadores de vários ramos do saber humano já perceberam que essa forma holística de analisar o mundo apresenta certas limitações sistemáticas, principalmente pela quase impossibilidade de empiricização.

Autores como Hegel, na Filosofia, e Milton Santos, na Geografia, destacaram esse fato e propuseram que a totalidade, tanto da sociedade quanto do espaço, deve ser o fundamento norteador do pesquisador. Entretanto, eles ressaltam, *a priori*, que essas totalidades são praticamente inatingíveis, pois, a cada momento que se desenvolve uma pesquisa e chega-se a uma totalidade, essa será parcial, pois estará sempre contida em outra maior e mais complexa. Sobre essa questão, SANTOS comenta:

> O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida. Todavia, considerá-lo assim é uma regra de método cuja prática exige que se encontre, paralelamente, através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes. Ora, a análise é uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo.[2]

Nesse sentido, percebe-se que toda e qualquer pesquisa de caráter social ou espacial deve ser analisada a partir de recortes[3] que serão momentos de apreensão do fenômeno, tendo como finalidade uma maior compreensão da complexidade que é a realidade. "Geograficamente" falando, pode-se afirmar que uma investigação que pretenda analisar determinadas realidades espaciais, independentemente da escala utilizada, deve ser precedida do entendimento de que aquele espaço que será objeto empírico de verificação faz parte de um conjunto maior, no qual os elos de influência entre parte e todo são recíprocos.

Não há conteúdo sem forma, nem forma sem conteúdo

Um segundo ponto importante na pesquisa em Geografia está relacionado diretamente ao objeto de estudo, tema da discussão desta parte do trabalho, que é o espaço geográfico. Muitos autores, ao longo da evolução histórica dessa ciência, limitaram suas pesquisas ao circunscrever a análise ao concreto, como se ele fosse *per si* o objetivo final do trabalho. A geografia, dessa forma, limitar-se-ia a verificar as formas existentes, sem atribuir nenhuma relação com a realidade da qual faz parte; o espaço seria essencialmente o concerto, a forma.

Essa percepção do espaço geográfico, no entanto, já foi superada por inúmeros pensadores da Geografia. A forma que lhe é peculiar vem acompanhada de um conteúdo social, sem o qual sua existência seria nula. Ele é "um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações"[4] , que apresenta um alto grau de complexidade, cuja materialidade explicita uma face da realidade, ao mesmo tempo que oculta outras. Por isso mesmo é que se torna necessário ir além das formas contidas na paisagem, pois

> O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade.[5]

Assim, percebe-se que, em hipótese alguma, haverá separação entre o espaço e a sociedade, salvo à guisa de sistematização para a investigação da pesquisa empírica. Destaca-se esse fato pela importância de perceber que a realidade é como tal, existindo independentemente da ciência. Em verdade, é o cientista quem a desagrega metodologicamente, com a finalidade de melhor compreendê-la.

A dialética entre o espaço e a sociedade

Passo a passo, foi feita, nesta parte do trabalho, uma análise sistemática e metodológica dos procedimentos que envolvem uma investigação geográfica. O primeiro deu ênfase à necessidade da visão holística na pesquisa em Geografia; o segundo destacou a importância da relação indissociável do binômio forma-conteúdo. No entanto, uma dúvida surge no desenvolver desta análise: como efetuar esta investigação? Que mecanismos podem ser utilizados para que essa verificação seja cientificamente exeqüível? Tentar-se-á equacionar, de forma simplificada, as dúvidas sobre esse último ponto, tão importante quanto todos os outros supracitados.

É através do mecanismo da dialética que se torna possível, numa pesquisa, a análise da relação forma-conteúdo, ou espaço-sociedade. A partir desse método de análise, o espaço passa a ser uma condição para que os processos da sociedade se realizem, assim como a sociedade passa a ser essa mesma condição para os processos espaciais. Claro que cada qual através de seus próprios mecanismos. Nesse sentido, considera-se o fato de que

> As sociedades refletem e reproduzem no espaço todas as suas características. Este processo implica nas cristalizações das relações que se desenvolvem entre os homens, e entre eles e o espaço, no lugar. Entretanto, o espaço é compreendido (...) ao mesmo tempo, como produto e produtor destas relações.[6]

Assim, o espaço é analisado como produto dos fenômenos sociais, bem como condição e meio para sua realização, um mediador, que é, paradoxalmente, mediado pela sociedade, numa troca infinitamente recíproca. As formas existentes são resultados dos processos sociais, assim como foram condição *sine qua non* para a realização dos mesmos processos.

O lugar como referência para a análise

Como já foi comentado anteriormente, a totalidade espacial apresenta limitações que dificultam a sua apreensão empírica. Assim, faz-se necessária uma fragmentação da análise visando ao conhecimento de uma das suas frações (como totalidades menores). Existem várias categorias dimensionais que podem ser aplicadas à pesquisa geográfica. A escolha de cada uma delas dependerá do objetivo e dos métodos propostos para a pesquisa. Dentre as mesmas, neste trabalho, para a investigação, foi escolhida a categoria ***lugar***, pelo fato de a mesma conter elementos epistemológicos que nortearão a problemática. Antes, porém, faz-se necessária a explicação das referências teóricas utilizadas na elaboração do conceito, tal como é posto na análise.

Lugar: conceito e ferramenta

É do consenso de todos os geógrafos que a Geografia pode trabalhar o espaço a partir de diversas escalas. Não a escala cartográfica, matematizada, mas a escala geográfica que revela os níveis dimensionais de abordagens do fenômeno. Fundamentalmente, pode-se pesquisar os processos que atuam no âmbito global, nacional, regional ou local de forma diversa, seja perpassando e relacionando-os, seja individualizando-os como momentos singulares de apreensão dimensional do espaço.

O lugar vai ser eleito como a categoria dimensional a ser analisada, pela compreensão de que o mesmo comporta plenamente as relações que a pesquisa objetiva investigar, pois é no lugar *que ocorre a ação, é lá que os fenômenos ganham materialidade* e evidenciam-se como realidades objetivas ou subjetivas. O cotidiano do espaço revela as singularidades que identificam cada lugar como único, influenciado também pelos processos que impactam no âmbito global. Segundo CARLOS, o lugar é

> O espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado através do corpo. (...) (Ou seja) a porção do espaço apropriável para a vida através (...) dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua...[7]

Indubitavelmente, a cidade é um dos lugares (ou o conjunto de lugares) onde as *coisas* do cotidiano acontecem. É através dela que a sociedade produz e reproduz parte da sua história, ao mesmo tempo em que faz a própria cidade se reproduzir como materialidade. A maioria dos fenômenos que se desenvolvem no âmbito global tornam-se materialidade no lugar.

Em busca da imagem da cidade

Na investigação da cidade como *locus* principal da vida da sociedade no mundo atual, alguns questionamentos significativos devem ser mencionados, pois auxiliam a compreensão da complexidade do pesquisar a urbe. O primeiro desses questionamentos é: *qual seria, se é que há, a imagem da cidade?* Partindo-se do princípio de que realmente essa imagem existe, *como poderíamos percebê-la empiricamente?*

Em primeiro lugar, é salutar dizer que não existe uma imagem da cidade. Existem várias imagens que constroem uma imagem da cidade. É através dos seus fixos, do seu conteúdo e estrutura social, além do seu processo de evolução histórica, que

uma gama enorme de imagens vão construindo o imaginário das cidades. Esse imaginário pode ser definido como o *conjunto de elementos materiais e subjetivos que constituem a essência de uma cidade.* Não se apresenta de forma única, pois ele vai ser definido a partir das particularidades de quem busca a sua apreensão. Dessa forma, irão influenciar na construção do imaginário de uma cidade a conjuntura política, socioeconômica e cultural de quem a investiga. SERPA, sobre essa questão, diz que

> As imagens que formamos da "nossa" cidade são deturpantes, modificam relações espaciais, formas e escalas, esquecem alguns detalhes, enquanto valorizam outros de forma exagerada. Aquilo que se vê está baseado na forma exterior, mas o modo como interpretamos e organizamos estas informações também afeta o que é visto.[8]

Para pesquisar-se a imagem, ou as imagens, que a cidade possui, deve-se, em primeiro plano, perceber a dimensão histórica na qual a mesma está inserida. Nela estão presentes (claramente ou de forma submersa) elementos do passado justapostos àqueles da modernidade e da contemporaneidade. As formas são os elementos aparentemente mais fáceis de apreender na imagem de uma cidade, pelo fato de refletirem parcialmente a materialidade dos fenômenos. PINHEIRO & SILVA reforçam muito bem esse fato, quando dizem que

> É na cidade, e através da escrita, que se registra a acumulação de conhecimentos. Na cidade escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, vez que se fixa em uma memória que, ao contrário, da lembrança, não se dissipa com a morte. A cena escrita da cidade permanece. E não são somente os textos que a cidade produz e contém (...) que contêm esta memória, a própria arquitetura urbana (ou se preferem, a escrita enigmática do texto urbano) cumpre também este papel. O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de contar a experiência daqueles que os construíram, revela o seu mundo...[9]

Entretanto, a percepção das formas não pode ser desvinculada do conhecimento e do entendimento do conteúdo que a cristalizou, pois, invariavelmente, as mesmas formas que refletem algumas imagens podem ocultar outras, impossibilitando a construção de um imaginário real do lugar.

A Salvador nas obras de Dorival Caymmi

A discussão teórico-metodológica sobre a questão espacial, bem como sobre as suas categorias dimensionais, desenvolvida acima, é o alicerce principal da investigação, pois solidifica as argumentações que serão propostas neste tópico. Então, será agora analisada a forma como Dorival Caymmi aborda, em suas obras, ou melhor, a forma como o mesmo faz uma "leitura" do espaço geográfico da cidade do Salvador no conjunto de sua obra, verificando quais as características que norteiam essa leitura como um todo.

Vale ressaltar, contudo, que a investigação da pesquisa fará uma tentativa de perceber quais as características geográficas que o autor impõe na sua obra e como, de forma dialética, esse mesmo espaço influenciou na construção de suas canções. É importante destacar isso pelo fato de que não era objetivo de Caymmi fazer verificações espaciais em sua obra. Ele utilizava a totalidade espacial, junto com a totalidade social, como elementos de composição da ***realidade*** na qual estava inserido.

Também não é objetivo da análise questionar ou abordar as contradições, se é que elas existem, entre as abordagens do autor em relação à cidade e o que a realidade nos impõe como verdade. Tampouco discutir se há ou não contradições ideológicas na vida do cantor e compositor, que influenciam na abordagem da cidade, ocultando ou evidenciando fatos. A pretensão é apreender o que existe de geográfico nas suas obras.

Quem é Dorival Caymmi?

Tranqüilidade seria a palavra conveniente para definir o Dorival Caymmi que emana nas suas canções, um dos maiores compositores baianos cujo tema principal é a exaltação da sua terra natal (a Bahia), juntamente com a cidade de Salvador – suas singularidade e particularidades. Nascido na referida cidade em 30 de abril de 1914, Caymmi prosou e versou a paisagem baiana e soteropolitana como poucos, em seu jogo de múltiplos ritos.

Teve um papel importante na construção da imagem da cidade, ao mesmo tempo em que foi por ela influenciado. Desenvolveu vários trabalhos em Salvador, antes de tentar a sorte como cantor de rádio. Em 1938, foi para o Rio de Janeiro, com o objetivo de realizar o curso preparatório de Direito, ou, quem sabe, trabalhar como jornalista, pelas experiências de outrora. Entretanto, por incentivo de amigos, trilhou os caminhos da vida a partir das músicas. Muitos cantores e compositores da época e da atualidade foram e são influenciados por Caymmi.

Na análise da obra do autor, percebe-se uma interessante homogeneidade, no interior de sua vasta heterogeneidade. Essa verificação é revelada a partir de três grandes elementos geográficos da cidade de Salvador que encantam Dorival. O primeiro e, talvez, o mais importante deles é o mar; o segundo, não menos importante que o primeiro, a força cultural que emana do povo que reside na cidade; e, por último, guardando íntima relação com o segundo, as características que a religiosidade imprimiu no espaço urbano.

O encanto das águas de Salvador

O fato de ter morado nas proximidades da praia, em Salvador, e de ter vivenciado as maravilhas e tragédias que o mar proporciona, fez de Caymmi um homem deslumbrado com as águas. Mais que o fato de ter morado na orla marítima, cedo ele percebeu que o mar era

uma das dádivas da cidade. Assim, o mar foi uma das suas mais importantes fontes de inspiração. Em suas obras, ele consegue, sob várias óticas, exprimir os sentimentos de admiração, medo, respeito e paixão por esse encanto que a natureza reservou e deu de presente para a fundação da Salvador colonial.

Dentro de suas canções, que, como já foi mencionado, muitas vezes não especificam o local exato, o mar (ou as águas) é (são) uma referência geográfica. Sobre Salvador, ele tem como principais músicas: a Lenda do Abaeté, Dois de Fevereiro, Saudade de Itapuã, Festa de Rua, Itapuã, dentre outras. Essas são citadas como especificamente da Cidade, por, de alguma forma, fazer menção a algum lugar seu em particular. Dos bairros mais "cantados e prosados", Itapuã destaca-se, pelo fato de o cantor e compositor ter passado parte de sua vida no referido local.

Um fato, no entanto, é interessante nas canções de Dorival Caymmi que fazem referência ao mar. Observa-se que o autor não aborda o mar como um puro e simples elemento natural. Ele faz uma perfeita articulação entre o mar e a população que o desfruta. Muitas vezes, esse elemento natural é reificado, ganhando quase vida própria. O mar não aparece apenas como um dado na paisagem, compondo o "cenário". Ele é "ator" em cena, dando vida ao espaço que coabita com a sociedade.

Na "*Lenda do Abaeté*", a lagoa é tida como um mito que atrai e amedronta as pessoas que a utilizam:

> De manhã cedo se uma lavadeira, vai lavar roupa no Abaeté
> Vai se benzendo por que diz que ouve, ouve a zoada do batucajé...
> (...) O pescador deixa que seu filhinho, tome jangada faça o que quiser
> Mas dá pancada se o filhinho brinca, perto da lagoa do Abaeté...[10]

O mar é meio para alcançar e agradecer as graças alcançadas em "*Dois de Fevereiro* e *Festa de Rua*":

> Cem barquinhos brancos nas ondas do mar...
> Uma galeota a Jesus levar

A Conceição da Praia está embandeirada
De tudo quanto é canto minha gente vem[11]
Dia 2 de Fevereiro. Dia de festa no mar
Eu quero ser o primeiro pra salvar Yêmanjá[12]

Em *"Itapuã"* e *"Saudade de Itapuã"*, o mar, junto com a **pedra que ronca**, a areia e o vento, também enobrecem a beleza do bairro de Itapuã, compondo um rico cenário com e para as pessoas que lá residem.

(...) A pedra que ronca no meio do mar
Tem no seu dorso sentada, Yayá
(...) a pedra é morada da moça do mar.[13]
(...) Ô vento que faz cantigas nas folhas, no alto do coqueiral,
Ô vento que ondula as águas eu nunca tive saudade igual.[14]

É marcante a forma como Caymmi articula o mar aos seus personagens. O elemento natural faz parte intrínseca da vida dos habitantes. Em cada verso, ele deixa transparecer a sua importância na vida dos pescadores, das mulheres e namoradas dos pescadores, enfim, de todos aqueles que estão com a vida, de uma forma ou de outra, relacionada ao mar, inclusive ele próprio.

Lendas e mistérios: a cultura da cidade

Além do mar, como uma referência para a cidade de Salvador, outro elemento bastante destacado nas canções de Dorival Caymmi é a riqueza cultural da população, principalmente aquela que está associada à pluralidade religiosa, característica da cidade. Fruto da miscigenação oriunda do processo de colonização, a Salvador cantada e prosada pelo compositor é claramente um misto entre a fé católica, descendente dos invasores portugueses, e os cultos do candomblé, originários dos escravos que foram expropriados de sua grande "nação" africana. De forma menos expressiva, também exprime espacialmente a associação que os índios faziam entre o espaço e alguma entidade mitológica.

Essa diversidade cultural e principalmente religiosa é materializada no espaço, o qual possibilita o processo de reprodução do fenômeno. Dessa forma, o autor, ao analisar os diversos lugares que compõem a cidade, destaca, em várias das suas obras, os seus traços culturais, seja com uma menção a um elemento fixo, como uma igreja, seja com uma articulação entre o espaço e sua importância para alguma entidade religiosa, ou até mesmo uma importância do espaço para qualquer momento da vida cotidiana da população.

Nesse contexto, podem-se destacar como obras importantes que retratam ou exprimem elementos culturais e (ou) religiosos da cidade, as já citadas *Lenda do Abaeté*, *Dois de Fevereiro* e *Festa de Rua* e também *O que é que a baiana tem?*, *Santa Bárbara*, *Você já foi à Bahia?*, *Bahia com H*, dentre outras. Vale destacar que, em algumas obras, o autor refere-se à Bahia genericamente, não especificando a Salvador. Contudo, particulariza, ao longo dos seus versos, elementos que compõem a cidade.

Em *"O que é que a baiana tem?"* destaca o papel da mulher baiana como intimamente ligado às tradições religiosas e a importância do Bonfim no contexto:

> (...) Só vai no Bonfim quem tem...
> Um rosário de ouro, uma bolota assim
> Mas quem não tem balangandans não vai no Bonfim..[15]

Esse mesmo traço é reconhecido em *"Santa Bárbara"*, ao comentar a tradição da festa da referida santa na Baixa dos Sapateiros, tendo o mercado como referência para as comemorações:

> (...) Santa Bárbara chegou, seu dia chegou
> Tem pagode no mercado, tem pagode bom...
> Na Baixa dos Sapateiros vai ter fuzuê...[16]

Em *"Você já foi à Bahia?"*, além de reificar a cultura da Bahia, destaca Salvador como referência da época do colonialismo, com seus belos sobrados e sacadas; na *"Lenda do Abaeté"*, estreita o relacionamento entre os habitantes e a lagoa, destacando o papel

dessa última no cotidiano da população; em "F*esta de Rua*" e *"Dois de Fevereiro"*, o espaço é elemento de reprodução da herança cultural africana, expressa a partir do candomblé.

Intermináveis seriam as passagens nas quais Dorival Caymmi deixa bem clara a importância do local para as manifestações culturais da cidade de Salvador. Em cada uma das suas estrofes e versos, percebe-se a sensibilidade do cantor e compositor em apreender a "totalidade" da cidade que ele compõe no seu imaginário. Mesmo que, para os olhos de outros citadinos, essa totalidade seja parcial.

Conclusão

O exercício de tentar apreender o espaço geográfico a partir da obra "literária" de Dorival Caymmi reforça aquela idéia de Imanuel Kant de que "pode-se abstrair tudo da realidade, menos a idéia de tempo e espaço[17]", pois, indiscutivelmente, o pensamento humano é sempre dado temporal e espacialmente. As noções de espaço, bem como de seu complemento indissociável, o tempo, estão sempre presentes nas obras desse importante compositor baiano.

Ao construir suas canções, Caymmi tenta reproduzir, com grande romantismo, traços que fazem parte do cotidiano da cultura baiana, bem como os principais elementos naturais que compõem a paisagem. Nesse processo, ele deixa bem clara sua paixão pela velha Salvador. É uma relação dialética, pois, ao mesmo tempo em que utiliza esses componentes para elaborar suas composições, ele próprio consegue construir, ao longo de suas obras, um imaginário da cidade, que é percebido por aqueles que não a conhecem. Dessa forma, não se pode definir quem influenciou quem. Se foi a cidade que deu margem ao imaginário de Caymmi, ou se foi ele que, através de seus versos, nos fez perceber a cidade à sua maneira.

É evidente que o compositor não exprime as contradições espaciais tão claramente perceptíveis para qualquer um que

venha a conhecer Salvador. Contradições que se refletem na cultura, na economia e no social como um todo. Se SANTOS afirma que *"o espaço é a morada do homem, mas também pode ser a sua prisão*[18] *"*, Caymmi vê o espaço de Salvador apenas como morada, como um belo local de morada.

A totalidade espacial que compõe a cidade de Salvador como lugar, percebida nas obras de Dorival Caymmi, é uma falsa totalidade. Na realidade, é um processo interessante e nostálgico de *fetichização* da cidade. É uma visão fragmentada da realidade. É um olhar parcial sobre a cidade e sobre o urbano que a constitui. No entanto, é fecundo perguntar: Quem consegue apreender todos os aspectos da totalidade sócio-espacial? Ou seja, quem consegue apreender a realidade complexa de um lugar como um todo? É um exercício que se deve eternamente buscar. Entretanto, sabe-se que, a cada alcance de uma totalidade, outra mais complexa se apresentará.

Caymmi faz, através dos seus instrumentos, uma análise da cidade de Salvador a partir de suas perspectivas, de sua vivência, recortando o que lhe foi significativo. O que é retratado é simplesmente esse fato. Salvador tem uma representatividade histórica para ele, que tenta exprimi-la através de suas canções. É uma visão romântica, sem dúvida nostálgica, de uma cidade mítica e complexa, mas também fortemente desigual.

Notas

[1] Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

E-mail: janiosantos@yahoo.com.br

[2] SANTOS, Milton. *Espaço e Método*,-1985.

[3] Na geografia, esstes recortes são dados, principalmente, a partir das categorias dimensionais de análise do espaço: paisagem, território, região e lugar

[4] SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*, 1997.

[5] SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*, 1997.

[6] SANTOS, Janio & SERPA, Angelo. *A produção espacial do comércio e serviços nas periferias urbanas: um estudo de caso em Salvador*, 1997. ~~, p~~p. 45-65

[7] CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*, 1996

[8] SERPA, A. *Urbana baianidade, baiana urbanidade*, 1998.

[9] PINHEIRO, Délio J. F. & SILVA, Maria A. Cidade-texto. In: ~~*in*~~ *A escrita das cidades*, 2001.

[10] A Lenda do Abaeté - Dorival Caymmi.

[11] Festa de Rua - Dorival Caymmi.

[12] Dois de Fevereiro - Dorival Caymmi.

[13] Itapoan - Dorival Caymmi.

[14] Saudade de Itapoan - Dorival Caymmi.

[15] O que é que a baiana tem? - Dorival Caymmi.

[16] Santa Bárbara - Dorival Caymmi

[17] KANT, Imanuel *Crítica da razão pura*, 1996.

[18] SANTOS, Milton *Espaço e Método*, 1985.

Referências

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. 150 p.

CAYMMI, D. *Cancioneiro da Bahia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1947. 156 p.

DORIVAL Caymmi. São Paulo: Globo, 1996. (MPB Compositores, 14).

KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 2 v. (Os Pensadores).

PINHEIRO, D. J. F.; SILVA, M. A. da. *A escrita das cidades*. Salvador: UFBA, Mestrado em Geografia, 2001. Texto introdutório à disciplina GEO-783 - O espaço geográfico na literatura.

SANTOS, J.; SERPA, A. A produção espacial do comércio e serviços nas periferias urbanas: um estudo de caso em Salva-

dor. *Geousp*: espaço e tempo, São Paulo, n. 8, p. 45-65. 1997.

SANTOS, M. *Espaço e método.* 3 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

______. *Metamorfoses do espaço habitado:* fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 124 p.

______. *Técnica, espaço, tempo:* globalização e meio técnico científico informacional. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 190 p.

SERPA, A. *Urbana baianidade, baiana urbanidade.* Salvador: [s. n.], 1998. 182 p.

Conhecendo a cidade de Salvador em "Os dias do medo"

Sandra Regina Martins[1]

Os Dias do Medo é um romance escrito por Ariovaldo Matos em 1979, que narra os dias vividos por Antônio Petrucci. Não apenas os dias de medo passados em 1937, quando o então presidente Getúlio Vargas, através de um golpe de Estado, decreta o Estado Novo e fecha a Câmara dos Deputados e o Senado, mas sua história desde menino, até tornar- se Senador da República, após o término do Estado Novo, em 1945. Ariovaldo Matos, baiano e jornalista, estreou com o romance *Corta-Braço* (1955)[2] , que narra a luta de posseiros para a construção de um bairro em Salvador. Em 1960 e 1965, respectivamente, editou *A Dura Lei dos Homens* e *Últimos Sinos da Infância*, livros de contos, um dos quais, *A Construção da Morte*, foi filmado por Orlando Senna. Em 1970, reuniu, no volume *Teatro*, duas de suas peças: *A Engrenagem* e *O Desembestado*, esta última encenada em São Paulo, Salvador e Curitiba, tendo sido adaptada para a TV Cultura por Antunes Filho. Em 1975, publicou *Anjos no Rin-*

gue, contos. Teatrólogo, foi autor também das peças *Irani ou as Interrogações*, *Bibi telefona* e *E todos foram heróis*, *cada qual ao seu modo*, encenadas em Salvador. *O Ringue*, durante anos, ficou proibida pela Censura Federal. Em 1978, ganhou os dois prêmios para livros de contos e peça teatral instituídos, em âmbito nacional, pela Fundação Cultural da Bahia. Foi detentor de vários outros prêmios nacionais e estaduais, inclusive com *Os Dias do Medo*. Preso em 1964 e 1970 pelo crime de ter idéias, foi editor-chefe do "Jornal da Bahia", cronista político da Rádio Cultura e fundador dos semanários *Sete Dias* e *Folha da Bahia*. Tem contos traduzidos em francês, romeno e russo. Foi, ainda, autor dos romances *Quinteto de Ondina* e *Anjos Caiados*.

O livro, inicialmente, retrata a cidade de Salvador no começo do século XX, quando Vincenzo Petrucci e seu irmão Leonardo partem da cidade de Nápoles, na Itália, rumo ao Brasil:

> ... diga que de Nápoles ele saiu em busca de São Paulo, mas não esteve a contento, brigou com um primo, e foi para a Bahia com o tio Leonardo, e maluco pelo mar e as coisas do mar, tio Leonardo embrenhou-se Pituba adentro e meu pai passou a morar na rua do Tijolo, uma pensão mais ou menos para proletários. (p.201).

Na pensão, seu pai conhece sua mãe, Sophia, baiana de São Sebastião de Passé, que ali às vezes trabalhava como doméstica. Seu pai trabalhava com couro:

> ... trabalhava e contava e foi trabalhando/contando/bebendo, a verdade é que ele bebia muito, foi assim que se casou, levando minha mãe para os fundos de sua lojinha no Taboão, uma casa encardida, me lembro, limo verde-escuro nas paredes do quintal de terra sempre molhada, vez que para aquela área convergiam as calhas dos sobrados laterais, mas nós (Tônio - era como o pai de Antônio Petrucci o chamava - seu pai e sua mãe) não nos demoramos alí... Papai decidiu transformar em casa atijolada a palhoça de tio Leonardo na Pituba, e foi ótimo, maravilhoso, eu que era sempre doentinho passei a quase não ter doenças, meu pai não parava de cantar. (p. 201-2)

Souza (1990, p. 11) argumenta que, na cidade de Salvador do começo do século XX,

> ... a ocupação urbana concentrada ainda se resumia, praticamente, aos limites das primeiras cumeadas e áreas adjacentes, no entorno do núcleo histórico, e à faixa de área plana, na borda da baía, até a península de Itapagipe, hoje Itapagipe. As demais ocupações, em direção a pontos mais afastados da orla, como Barra, Rio Vermelho, Amaralina, e de áreas mais internas, como Campinas, Pirajá e Cabula, eram espaçadas e se situavam ao longo de estradas e caminhos que se estendiam nas linhas de cumeada. As áreas de vales não eram ocupadas e, quando aproveitadas, o eram basicamente para culturas de subsistência.
>
> Essas características básicas da ocupação inicial mantiveram-se praticamente inalteradas até os anos quarenta, do século XX, quando mudanças nacionais e regionais, gestadas em período um pouco anterior, acabaram por se refletir no processo de estruturação urbana de Salvador e, conseqüentemente, na sua base espacial.

Sobre a Pituba, há o seguinte registro:

> Morávamos na Pituba, o mar na porta, uma casa de remediados, a única de telha-vã naquelas redondezas. As outras, disseminadas ao longo da praia, cobertas com palhas de coqueiros, eram habitadas por pescadores. (p.21)

Após a mudança para a Pituba, seu pai percorria longo caminho até chegar à sua oficina de couro:

> Todos os dias, cedinho, ao sair para o trabalho, caminhava muitos quilômetros. Alcançando a encosta de Brotas, galgava-a e punha-se a esperar o bonde, puxado a burros, que o deixaria na Baixa dos Sapateiros, onde o Taboão começa. Localizava-se no Taboão, bem distante da Pituba, a sua oficina. Acanhada, fria, escura, encravava-se em um dos sobradões de três a quatro andares, quase à borda do despenhadeiro, lá em baixo, perto, a rua do papel. Dali, como que em privilegiado mirante, podíamos

> ver a colina do Bonfim, no alto a Igreja solitária, e então ele fazia o sinal da cruz, olhando-me como se eu devesse repetir aqueles movimentos. Obedecia, imitava-o, mas preferia espiar à esquerda e reparar no porto improvisado, na Ilha de Itaparica, adivinhando as rochas da Barra, e, além, no mar que se estendia, imenso, mar que tio Leonardo conhecera pedaço a pedaço, mar que para mim era o grande ventre do mundo. (p.22)

Tônio, quase no final da narrativa, quando então adulto e conhecedor de várias partes do mundo, faz questão de distinguir entre mar e oceano:

> ... herdei de meu tio Leonardo esse amor ao mar. O mar, e não o oceano, compreenda, o mar me seduz. Faço uma distinção, talvez arbitrária (e nisso sigo meu saudosíssimo pai), entre mar e oceano. O mar, para mim, supõe a existência de terra alcançável. O oceano, não. O oceano, se não me infunde medo, me intranqüiliza. À vista do mar, renasce-me no coração não sei que sentimentos de retorno às minhas origens primeiras, misteriosas, transcendentais... (p.156).

Esse mar – ventre do mundo – era o mar alcançado pelas terras de Salvador: "... a Bahia é uma cidade do mundo. Excluída a paisagem, basicamente ela nos chegou de fora, coisas e gentes se amalgamando, portugueses, negros da África, árabes, turcos." (p. 22)

O mar de Salvador, o mar da Pituba, que Tônio, seu tio Leonardo e seu pai, em várias partes da narrativa, demonstram grande afinidade. Uma afinidade que seu pai tinha por toda a cidade. No respeito à Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, na alegria dos banhos de mar, no caminhar pelas trilhas de Brotas, de mata fechada, com muitas cobras:

> Juntos fizemos, inúmeras vezes, aquele percurso, para outros demasiadamente longo e cansativo, para nós, o rei e seu filho, uma festa de inesquecíveis repetições... e prosseguíamos e sentíamos como nossos os prados e os enladeiramentos que se sucediam, terras e areais da cidade que muita lentamente se iam expandindo na direção da orla atlântica. (p. 22-3)

Santos (1997, p.264) argumenta que o novo espaço exerce grande fascínio ao migrante, fascínio que se transforma em afinidade:

> Ao contrário do que deseja acreditar a teoria atualmente hegemônica, quanto menos inserido o indivíduo (pobre, minoritário, migrante...), mais facilmente o choque da novidade o atinge e a descoberta de um novo saber lhe é mais fácil.
>
> O homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo...

A narrativa descreve Vincenzo Petrucci de modo semelhante ao dessa argumentação:

> Era todo o seu mundo: a memória, a oficina, a casa, os amigos, aqueles repetidos caminhos nunca tediosos, as apetitosas lavadeiras de Itapuã, eventuais encontros com os marinheiros. Em certas tardes, quando lhe dava na veneta, fechava a oficina mais cedo e, de cambulhada com mascates, meganhas, gentes outras que eu não identificava, descíamos a ladeira íngreme, quase sempre barrenta, que terminava em pequena praça, a poucos passos da rua Guindaste dos Padres, e então andávamos em direção ao mar da baía de Todos os Santos e perto do porto permanecíamos a olhar os navios estrangeiros que chegavam para descarregar caixotes, além de volumes mais pesados, trilhos, sempre muito trilhos, em troca recebendo sacas e sacas de açúcar, fardos de fumo, toros e toros do precioso jacarandá hoje tão vasqueiro em nossa terra. Cacau? Não se falava ainda, que eu me lembre.
>
> Se divisávamos algum navio de bandeira italiana, meu pai se excitava. E, todo contentamento, apressava-se em afretar uma catraia e partíamos para abordá-lo e ele gritava para os marinheiros e em muitas oportunidades subíamos aos conveses, cativando-os, e aos oficiais, com ofertas de quinquilharias com-

> pradas a dez-réis às mulheres que, na Pituba e em Itapuã, trabalhavam no aproveitamento artesanal das cascas de coco seco. (p. 25 e 27)

No início da segunda década do século XX, o pai de Tônio morre. Sua mãe casa-se com um conhecido de seu pai, também italiano, Giuseppe Camposanto. A família muda-se para Santo Antônio Além-do-Carmo:

> Um sobrado de socavão, térreo e dois andares, alugado a um árabe. Ali fora organizada a nova oficina, aproveitadas algumas das máquinas manuais de papai. Habitávamos o primeiro andar. No segundo havia estoques de couros, peles, etc... No térreo e no socavão, as luzes sempre acesas – candeeiros de grossas mechas –, funcionavam as oficinas.
>
> O Sr. Giuseppe decidira-se pela produção, em quantidades sempre crescentes, de calçados populares, inclusive tamancos, chinelos e alpercatas grosseiras. O artesão, munido de ambições novas, convertia-se num arremedo de empresário industrial, participando de todas as etapas do processo produtivo. (p. 45)

Tônio vai estudar em uma escola no Largo de Santo Antônio, onde também estudavam os filhos dos ricos da Rua Chile.

A prosperidade nos negócios permitiu que Giuseppe oferecesse à família, no segundo e no quarto domingo de cada mês, após a missa das onze na Igreja da Piedade, almoços em uma pensão de italianos na rua de Baixo (hoje Carlos Gomes), perto do Cassino Bahiano. Seguiam-se passeios pelo Campo Grande e jantares no Hotel Sul-Americano, esquina da Ladeira de São Bento com a atual Carlos Gomes.

Pouco tempo depois, mudaram-se para um imóvel de dois andares, na avenida Sete de Setembro, trecho das Mercês. A escolha deveu-se "... à boa qualidade da vizinhança, à esquerda um alto funcionário da Alfândega, a direita, e apesar de francês, um homem educado, o engenheiro Émile Lauzimier Deschamps, técnico da Chémins de Fer". (p. 67)

Tônio, para diminuir a tristeza das lembranças de seu pai, de seu tio, da vida livre na Pituba, dedica-se totalmente aos estudos. Sente-se prisioneiro no sobrado das Mercês, como também se sentia prisioneiro no Santo Antonio Além-do-Carmo.

A dedicação aos estudos, a influência do Sr. Giuseppe, devido à prosperidade nos negócios, o descontentamento com a própria vida, traçaram o destino de Tônio, que se tornou advogado e político. Infelizmente um político corrupto e mal intencionado.

A cidade de Salvador, na terceira década do século XX, para Tônio e líderes de seu partido, é representada apenas pelos votos que pode oferecer-lhes:

> Pituba? Mas, meu filho, aquilo é o fim do mundo. Ali só existem uns dez eleitores, se tantos. São Salvador é uma cidade em forma de U. A Penha e a Ribeira, estendendo-se pelo Porto dos Tainheiros, fazem a principal extremidade: muitos milhares de eleitores. Rio Vermelho e, já escasseando, Amaralina, formam a outra extremidade do U. Um eleitorado rarefeito. (p. 122)

Em certas partes da narrativa, percebe-se como Tônio transfere todas as suas emoções para os lugares. Muitas vezes, temendo as conseqüências de suas atitudes, acreditava ouvir seu pai: "... tudo isto é muito pobre, é muito sujo, Tônio; ainda há frestas na pocilga, filho, fuja, limpe-se na luz do sol, limpe-se nas águas da Pituba, limpe-se!" (p. 131).

O ódio adquirido pelo Sr. Giuseppe era transferido para Milão, sua cidade natal, enquanto sentia amor pela Calábria de seu pai:

> Calabreses, acreditai-me, eu vos amei! Extensas e duradouras viagens pelas cidades e vilarejos da Calábria. Milão? Nunca! Milão?, admiti, mas só se fosse para mijar, o máximo possível, nas suas avenidas e ruas, nas praças e nos jardins, só se fosse para defecar nas estátuas de seus heróis... (p. 8 e 77)

A narrativa de Antônio Petrucci é escrita no final da sexta década do século XX, por seu secretário Aberlardo D' Antunes, outro perso-

nagem do livro, um baiano soteropolitano que odiava Salvador: "...confesso, já naqueles anos, bem jovem, minha aspiração era a de sair da Bahia, era a de ganhar o mundo, o Rio em primeiro lugar. A Bahia era e é uma terra de velharias, de pessoas abelhudas, gentes pobres e feias, sem movimento, sem atrativos." (p. 16)

Após sua morte, solteiro e sem filhos, Antônio Petrucci deixou a maior parte de sua herança para Abelardo, em troca de algumas obrigações:

Ainda no que se refere às disposições testamentárias, unicamente lamento as canseiras de duas obrigações:

> a) devo manter permanentemente floridos dois túmulos no classe média cemitério da Quinta dos Lázaros... o do pai do senador, Sr. Vincenzo Petrucci, e o de um certo Arimar Cardoso, de quem o senador, quando jovem estudante, foi colega na Faculdade de Direito, fim dos anos dez, início da década vinte (a mãe de Tônio e seu padrasto Giuseppe tinham sido enterrados no cemitério do Campo Santo);
>
> b) devo, igualmente, todos os anos, em janeiro ou fevereiro, comprar jangada já bastante usada, atapetá-la com flores as mais alegres, provê-la com garrafões de vinho tinto, de sempre mais caros salames e queijos populares calabreses, e fazer com que uma lancha a reboque, vazia de gente tal jangada, até os começos do oceano norte baiano. E ali abandoná-la ao sabor e aos caprichos das águas, 'bem onde as ondas não fraquejam e não morrem'. Papai, eu, tio Leonardo, Lisa, guiados pelo bom Deus, nós encontraremos as jangadas, ano após ano. Faça o que eu mando, Abelardo, ou perseguirei você até o mais abissal dos infernos! (p. 9).

Considerações finais

A proposta da realização de uma leitura geográfica do espaço através da análise de um romance é, no mínimo, uma atividade de grande satisfação, e, de fato, uma possibilidade.

Entendendo-se o espaço geográfico como o conjunto de indivíduos, suas ações, produção, objetos, lugares, em um constante pro-

cesso interativo, cuja apreensão é realizada através do entendimento desse processo, teremos a análise dos romances urbanos como uma das formas a serem utilizadas para apreensão e representação do espaço geográfico das cidades, visto que, além de apresentarem elementos reais em sua ficção, narram a relação dos indivíduos com os objetos, lugares, objetivando que o leitor compreenda essa relação.

Notas

[1] Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia.

[2] O Romance *Corta-Braço* foi analisado geograficamente: SILVA, A.M..; SANTOS, E.M.C. e MARTINS, S.R. 'A Geografia através da Literatura: duas abordagens do Romance "Corta-Braço"', e publicado em Cadernos de Geociências número 6. Salvador: Instituto de Geociências da UFBA, 2001, p.27-39.

Referências

MATOS, A. *Corta-braço.* 2 ed. Salvador: EGBA; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

______. *Os dias do medo.* São Paulo: Livraria Cultura, 1979.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.* 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308 p.

______. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia.* 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 124 p.

SILVA, A. M.; SANTOS, E. M. C.; MARTINS, S. R. *A geografia através da literatura: duas abordagens do romance "Corta-Braço".* Cadernos de Geociências, Salvador, n. 6, p. 27-39. 201.

SOUZA, A. M. G. *Invasões e intervenções públicas: uma política de atribuição espacial em Salvador, 1946-1989.* 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

Centro histórico de Salvador–Bahia: a "mística" do lugar e a (des) concentração de sua espacialidade

Tânia Regina Santos Braga Torreão[3]

É inerente aos animais, sejam eles humanos ou não, a capacidade de interpretar, de "sentir" os lugares, de estabelecer com eles uma afetividade que é fruto de interpretações e considerações estritamente pessoais. Falo de uma capacidade de "olhar o mundo" em sentido amplo, que ultrapassa a dimensão dos nossos próprios horizontes e que não é privilégio exclusivo dos seres humanos, mas também de todos os animais irracionais. Os elefantes velhos, por exemplo, sem função na manada, migram para morrer, e o lugar de sua morte é o lugar onde seus ancestrais também se fazem presentes, se eternizam; o lugar de sua morte é o local de paz dos seus signos.

Assim como os elefantes, os homens também têm essa "memória afetiva" reflexa no amor à sua casa, no amor aos seus espaços de vivência com ao amigos etc. Mas de onde virá essa memória? Por que hierarquizamos esse sentimento de amor em relação aos lugares? É aí que começo a descortinar o que quero dizer com tudo isso.

Acredito que não haja possibilidade de tentar explicar essa hierarquia do gostar, a não ser adotando a "lógica da birra" das crianças: "*gosto porque gosto, e pronto*". Uma única exceção a essa regra talvez esteja reservada para os lugares históricos, que carregam o peso dos signos construídos dentro de uma dinâmica processual, cuja identidade é refletida na própria identidade do povo que a adota e habita.

Nessa perspectiva, o Centro Histórico de Salvador, especialmente o Pelourinho – é bom que se ressalte, muito antes da reforma –, já carregava o peso dessas significações construídas pela *História* e pelas *estórias* presentes e pretéritas. As singularidades que se fazem sentir nesse espaço, inclusive, têm sido muito bem exploradas na literatura, nas artes plásticas, na dança e no cinema. Quem de nós, por exemplo, não construiu um rosto para a prostituta Lindinalva, enterrada em um caixão branco e levada em procissão pelas ruas do Pelourinho? Quem não imaginou o personagem Quincas Berro d' Água acompanhado dos amigos de copo, descendo a ladeira do Taboão e cantarolando sambas de roda? Quem não se solidarizou com a dor da viuvez de Dona Flor, cujo marido, um malandro tipicamente baiano, morre em pleno carnaval, cercado pelas cabrochas da Bahia, bem no Largo do Pelourinho?

Duas obras, com variadas interpretações sobre o mesmo espaço tomado pelo contraste, *Pelo Pelô : história, cultura e cidade*[4] e *O centro da cidade do Salvador*[5] mostram uma cidade que só pôde ser construída, ou, melhor dizendo, entendida, no âmbito daqueles que aceitam o seu emaranhado de diversidades. Daí surgem alguns interrogações de caráter prático. Como delimitar esse Centro? Como atribuir-lhe limites cartografáveis, se esse espaço não se encerra dentro de si mesmo? Com base nessas dificuldades, será então possível o estabelecimento de uma "cartografia sentimental", para auxiliar na complementação daquele que não consegue "enquadrá-lo"?

Os planejadores da modernidade, dos quais não se excluem inclusive os Geógrafos – cujo domínio da ciência tem como instrumento a cartografia –, não conseguiram, até agora, fechar os limites do Centro Histórico "dentro de uma caixinha". Esse espaço e sua dinâmica sempre extrapolam as tentativas de delimitação.

A obra *Pelo Pelô: história, cultura e cidade*[3] é bem representativa dessa dificuldade. Em três artigos, três delimitações diferentes para o mesmo espaço. A primeira é definida pela Secretária de Planejamento Municipal e é a adotada pela Arquiteta Angela Franco: "A área central de Salvador é composta pelo Centro Histórico, e mais os bairros de Nazaré, Garcia, a Baixa dos Sapateiros, e a Zona do Comércio e Cidade Baixa."

A segunda é a adotada pelos também arquitetos Marco Aurélio Filgueiras Gomes e Ana Fernandes, para quem a área pode ser dividida em quatro subáreas. São elas : "A primeira vai do Largo do Teatro (atual Praça Castro Alves) até a antiga Sé; a segunda, vai da Sé até o Terreiro de Jesus; a terceira do Terreiro até o Taboão, e a última subárea é a Rua da Vala, atual Baixa dos Sapateiros"

A terceira é a adotada por Luiz Vilhena no início do século XIX: "O Centro Histórico de Salvador congrega os bairros do Pelourinho, o Carmo, o Comércio e o Pilar e mais cinco bairros satélites: Santo Antônio Além do Carmo, Palma, Desterro, Saúde e São Bento."

É interessante ressaltar que a tentativa de explicar as dificuldades de delimitação espacial do Centro Histórico, abordando uma perspectiva geográfica mais humanística, não ignora a importância que têm as teorizações mais convencionais. De fato, não se pode desconsiderar que o espaço a que nos referimos é um produto sociohistórico das variadas transformações realizadas no tecido urbano por que passou Salvador ao longo desses 453 anos de fundação. Porém é também produto de uma *fetichização da baianidade*, que permite a convivência de elementos contradi-

tórios, como tradição cultural e exploração mercadológica do "modo de ser" do baiano.

Calmo, doce, hospitaleiro, festeiro, malandro e preguiçoso, são esses os nossos referenciais. Bons ou ruins, é assim que o mundo nos conhece, e, melhor (ou pior?), é assim que o mundo nos quer ver. Dorival Caymmi, por exemplo, se delicia em divulgar que foi capaz de demorar sete anos para completar a letra de *Morena do Mar.* O Centro Histórico, nesse contexto, apresenta-se como um espaço sintetizador da multiplicidade de tendências que se refletem em nossa cidade.

Naquele espaço, muitas lágrimas negras rolaram dos rostos infelizes daqueles que foram obrigados a abandonar e a reconstituir, em uma realidade adversa, os referenciais de uma pátria que lhes foi usurpada. Naquele espaço, a prostituta Lindinalva – personagem fictício do romance *Jubiabá* de Jorge Amado – foi enterrada em um caixão branco, signo de uma pureza das "moças virgens", pelo seu único amor, Antônio Balduíno, um "negro de dentro" que, em sua concepção subserviente de paixão, preservava a imagem da patroa pura, traída pelas circunstâncias do destino.

É assim que esse espaço se configura, independentemente da folclorização. O Centro Histórico de Salvador é, sem dúvida, um dos nossos maiores referenciais de baianidade e, por isso, é tão difícil delimitá-lo, a não ser utilizando esses referenciais de memória que integram o nosso conhecimento.

Notas

[1] Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia.

[2] O Romance Corta-Braço foi analisado geograficamente: SILVA, A.M..; SANTOS, E.M.C. e MARTINS, S.R. 'A Geografia através da Literatura: duas abordagens do Romance "Corta-Braço"', e publicado em Cadernos de Geociências número 6. Salvador: Instituto de Geociências da UFBA, 2001, p.27-39.

[3] Geógrafa, Mestranda co Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

[4] GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. (Org.). Pelo Pelô: História, cultura e cidade. Salvador, EDUFBA/FAU/MAU, 1995. Revista do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

[5] 2 SANTOS, Milton. O centro da cidade do Salvador. Salvador, Progresso, 1957. Tese de Doutorado realizado em Strasbourg – França.

[3] Publicação da Escola de Arquitetura e Urbanismo e do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, editada em 1996.

Publicação da Escola de Arquitetura e Urbanismo e do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, editado em 1996.

Referências

AMADO, J. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. 67 ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. 130 p.

______. *Jubiabá*. 31 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. 321 p.

GOMES, M. A. de F. (Org.). *Pelo Pelô: história, cultura e cidade*. Salvador: EDUFBA; Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1996.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

O homem e o lugar – Pelourinho um olhar no tempo e no espaço social de Quincas Berro D'água...

Marlene Pires d'Aragão Carneiro[1]

A abordagem que nos propomos a fazer assinala o momento anterior à revitalização do Pelourinho, na época de 1930 até 1967 (primeiros esforços no sentido de restauração e transformação da área). O ponto de partida é a obra de Jorge Amado.
Para melhor apreensão do espaço que serviu de cenário para o desenrolar da novela *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água*, tomamos a definição de Bonnure, que realça a qualidade dos centros urbanos, afirmando ser "a partir de uma aglomeração urbana que apresenta a maior animação e conhece a mais forte atividade, sob todas as suas formas." (In: Santos, M., 1959, p.18).
O sítio urbano do Pelourinho, cuja área tombada constitui, "no coração de Salvador, uma pequena cidade, dentro da cidade", representa um patrimônio de cultura: tem sido um mirante para pintores, poetas, romancistas, escritores como Jorge Amado.
Isso ganha mais sentido quando sabemos que

> ... não podemos pensar sem signos. O modo dessa representação, essa linguagem e sua lógica constitutiva terminam por ser o elemento de comunicação do sistema sociocultural, o modo de representação e o significado do próprio sistema. Logo, o lado do social, do econômico e do cultural, a estrutura informacional constitui um dos elementos básicos de apreensão do real. (Ferrara, 1993, p.6).

Percebe-se, aqui, a importância da disciplina "O Espaço Geográfico na Literatura", que oferece subsídios à leitura crítica do espaço geográfico na compreensão do real e do imaginário, na dimensão criadora do processo de análise conjunta das realidades socioespaciais.

Ao tecer essas considerações, pontuamos nossa intenção em decifrar alguns aspectos da realidade do Pelourinho, à luz da obra de Jorge Amado, *A morte e a Morte de Quincas Berro d'Água.*

"Quincas e sua gente", nasceram em casa de pernambucanos, amigos do autor, sob o "calor da amizade." Essa novela conta que: "Quincas Berro d'Água mergulhou no mar da Bahia e viajou para sempre, para nunca mais voltar.":

> A família do morto – sua respeitável filha e seu formalizado genro, funcionário público de promissora carreira; tia Marocas e seu irmão mais moço, comerciante com modesto crédito num banco afirma não passar toda a história de grossa intrujice invenção de bêbados inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos cuja paisagem deverá ser as grades da cidade e não a liberdade das ruas, o porto da Bahia, as praias de areia branca, a noite imensa. (p.3)

> Não era ele homem de respeito e de convivência, apesar do respeito dedicado por seus parceiros de jogo o jogador de tão invejada sorte e a bebedor de cachaça tão longa e conversada. (p.3-4)

> Os patifes que contavam, pelas ruas e ladeiras, em frente ao Mercado e na Água dos Meninos, os momentos finais de Quincas (até um folheto com versos de pé-quebrado foi composto pelo repentista Cuíca de Santo Amaro e vendido largamente), desrespeitavam assim a memória do morto, segundo a família. (p.5)

A notícia da morte de Quincas foi dada por “um santeiro estabelecido na ladeira do Taboão” (nome que se deve à existência de tábuas que serviam de passagem, postas sobre um riacho que corria no sopé da ladeira do Pelourinho):

> O santeiro, velho, magro, de carapinha branca, estendia-se em detalhes: uma negra, vendedora de mingau, acarajé, abará e outras comilanças, tinha um importante assunto a tratar com Quincas naquela manhã. Ele havia prometido arranjar certas ervas difíceis de encontrar, imprescindíveis para obrigações de candomblé. A negra viera pelas ervas, urgia recebê-las, estavam na época sagrada das festas de Xangô. (p.8)

> Era um morto pouco apresentável, cadáver de vagabundo falecido ao azar, sem decência na morte, sem respeito, rindo-se cinicamente, rindo-se com certeza de Leonardo, do resto da família”. Cadáver para necrotério, para ir no rebecão da policia servir depois aos alunos da Faculdade de Medicina nas aulas práticas, ser finalmente enterrado em covas rasas, sem cruz e sem inscrição. Era o cadáver de Quincas Berro d’Água, cachaceiro, debochado e jogador sem família, sem lar, sem flores, sem rezas. (p.14)

> O cachaceiro-mor de Salvador, o filósofo esfarrapado da rampa do Mercado, o senador das gafieiras, Quincas Berro d’Água, o vagabundo por excelência eis como o tratavam nos jornais, onde por vezes sua sórdida fotografia era estampada. (p.31-2).

O conjunto do Pelourinho com sua fisionomia do período colonial, dos casarios, igrejas (N. Senhora do Rosário dos Pretos, Ordem Terceira do Carmo e do Convento do Carmo) da Cruz do Pascoal, do Beco do Mota, da Ladeira de São Miguel e de muitos outros lugares, compõem a paisagem que serve de cenário dessa história pitoresca.

Nenhum outro lugar, sem dúvida, servira tão bem, como pano de fundo para essa novela de Jorge Amado, pelas características da época e da população local, o cotidiano que movimenta o lugar: “a parte de uma aglomeração urbana que apresenta a maior

animação e conhece a mais forte atividade, sob todas as suas formas", como antes já foi dito.

Como "não se pode construir a identidade fora do mundo social", nessa obra, o autor imprime identidade especial, na maneira de ser e na forma de existir dos seus personagens.

A prostituição, na área do Pelourinho, data da década de trinta, pelo deslocamento em massa de prostitutas, provenientes de vários locais. Os jornais da época reproduziam notícias sobre a questão, como, por exemplo, nos clichês que se seguem:

> Uma chaga humana e, portanto social, religiosa, econômica, política, integral, em suma, que é por sem dúvida, o drama da prostituição... (A Semana, 12 de novembro de 1967).
>
> Vinha sendo deslavado cinismo, por anos e anos, compactuada por todos nós, a exibição ostensiva, a localização imprudente, a aceitação tácita do meretrício no bairro do Pelourinho. (Jornal da Bahia, 29 de abril de 1959).

Junto à prostituição, havia a degradação física e moral do espaço. Em Quincas Berro d'Água, vê-se a fala política e o exercício político no processo dialógico estabelecido em todo o relato, quando busca idealizar a vida popular do lugar e o comportamento social de sua gente:

> ... aquela gentinha do Tabuão, a ralé em cuja companhia Quincas se comprazia.
>
> A ladeira do Tabuão não era lugar onde uma senhora pudesse ser vista à noite, ladeira de má fama, povoada de malandros e mulheres da vida. (p. 30).
>
> [Quincas]... o rei da gafieira, o patriarca da zona do baixo meretrício. (p. 32).

É interessante perceber o contraditório nas relações socioespaciais do Pelourinho, ao se analisar o problema do meretrício nessa área e constatar-se a presença física da igreja e sua

ritualística, de cuja atividade participam pessoas de outro nível social que não o do lugar em questão, tais como "casamentos de pessoas da classe média e alta na Catedral", a benção popular dos franciscanos às terças-feiras, por exemplo.

Neste ponto indaga-se:

Afinal, quem é Quincas Berro d'Água?

Notas

[1] Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

Referências

AMADO, J. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Rio de Janeiro: Record, 1953. 130 p.

FERRARA, L. A. *Leitura sem palavra*. São Paulo: Ática, 1993. 72 p.

REVISTA MUNICÍPIOS EM DESTAQUE. Paraíba, ano XVII, n. 70. 1996.

REVISTA TERRA. São Paulo, ano 6, n. 3, mar. 1997.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

______. Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da Cidade do Salvador. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 32. 1959. p. 17-30.

A cidadania de Quincas Berro D'água - o olhar de quem chega e sente o gosto de ficar

Jussara Guedes[1]

"O Pelourinho é um desses lugares que é um mundo..."
Milton Santos

Reencontrar a literatura, neste momento, é retomar o prazer em buscar o conhecimento, e o autoconhecimento. Através do mundo da poesia, do conto, da crônica, e até mesmo da catarse, é possível permear o caminho dos signos, das imagens materiais e imateriais. É possível, pois, elaborar uma leitura própria, singular, sem, contudo, descampar para a alienação. Ao contrário, ao construir a própria interpretação da realidade, acontece a contextualização sociopolítica e socioeconômica nas diferentes escalas. Desse modo, a simples absorção do conhecimento não forma cidadãos, sujeitos da própria história, mas autômatos manobráveis pelas sedutoras imagens.

Nesse sentido, aborda-se a questão da cidadania apresentada por Jorge Amado no contexto do Pelourinho, na obra intitulada *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Faz-se referência à cidadania de Joaquim Soares da Cunha e de Quincas Berro D'água, a partir do questionamento: o que é cidadania ?

> A cidadania pode começar por definições abstratas, cabíveis em qualquer tempo e lugar, mas para ser válida, deve ser reclamada. (...) Com o homem do burgo, o burguês, nascia o cidadão, o homem de trabalho livre, vivendo num lugar livre, a cidade. (Santos, 1987: 8,9.)

Desse modo, o enfoque da cidadania de Joaquim e de Quincas é dado por dois ângulos: o primeiro é no contexto do Pelourinho, onde há um conjunto de forças interdependentes no qual se comprimia uma população heterogênea e pobre. O segundo trata da inserção dos atores locais (do Pelourinho) na divisão social do trabalho, o que leva a uma cidadania desigual e estratificada. Na verdade, ambos os aspectos constituem um verdadeiro conjunto, no qual há um processo permanente de mudança.

Quincas representa as contradições do homem e da sociedade, retratadas por Jorge Amado. O seu rompimento com a família é também um rompimento com a sociedade. Ao romper com a estrutura familiar, nega a sua própria estrutura social, isto é, rompe com a estrutura burguesa.

O autor suscita a problemática da identidade popular e do embate que se dá entre o povo e a burguesia. Faz emergir o enfrentamento que se dá de modo velado, no qual o sistema político-econômico adota estratégias pouco éticas, o que vem a se reproduzir na escala das relações sociais ocorridas no lugar, a exemplo do Pelourinho.

Cedo ou tarde segundo os defensores da ordem (a família de Quincas), o cidadão seria reintegrado em sua respeitabilidade. Seria louvada a sua conduta de funcionário da Mesa de Rendas Estadual, de esposo e de pai, de "cidadão", enfim. Seriam apontadas as suas virtudes às crianças como exemplo.

Jorge Amado chama a atenção da sociedade para a questão do poder institucionalizado, o qual permeia o pensamento e as atitudes dos indivíduos, impregnando-os de um senso que os impede de chegar à reflexão e à analise – o preconceito –, fazendo com que

o mundo seja como é, "povoado de céticos e negativistas, amarrados, como bois na canga, à ordem e à lei, aos procedimentos habituais, ao papel selado."(p.16). Assim, na sociedade, o indivíduo vale pelo selo que o representa. Isso, entretanto, não dá cidadania ao homem. Quincas -Joaquim é um cidadão?

O fato de ter sido um "homem de bem" e ter optado, depois, por ser um "malandro" subtrai-lhe a condição de cidadão?

Nesse sentido, traça-se um paralelo entre Joaquim e Quincas. O primeiro, funcionário, esposo e pai exemplares, que demonstrava falta de "entusiasmo como se aquilo o enfastiasse e não lhe sobrasse coragem de dizê-lo." (p.48). Quanto a Quincas, "relembramos fatos, detalhes e frases capazes de dar-lhe a justa medida. Fora ele quem cuidara, durante mais de vinte dias, do filho de três meses de Benedita..."(p.60).

Nessa perspectiva, o autor apresenta Quincas como um homem que, num determinado momento de sua vida, parte em busca do processo de construção da própria cidadania, numa aventura na qual as conseqüências não são avaliadas. No primeiro momento de sua vida, Quincas foi um homem adequado aos padrões, sem manifestação de vontade própria. No segundo momento, ele demonstra ao mundo não só o desejo de construir a própria identidade, mas o faz exercitando a cidadania na solidariedade aos seus amigos. No entanto, à proporção que Quincas encarna a própria miséria humana, estampa-se a cidadania estratificada.

Assim, percebe-se que o cotidiano é a escala da desalienação, o lugar da descoberta e não somente o recriador da submissão aos mecanismos de manipulação. Na cidade, especialmente no Pelourinho, Jorge Amado demonstra que há a interdependência, a solidariedade e a espontaneidade. O ajustamento efetivo dessas variáveis no lugar oferece a possibilidade da construção da cidadania, a partir de um processo endógeno.

Desse modo, a desalienação proporciona uma apreensão liberta do espaço, e esse, como objeto de estudo da Geografia, tem

na disciplina, "O Espaço Geográfico na Literatura", a efetiva possibilidade de ser apreendido. Isso ocorre à medida que o conhecimento é construído a partir da leitura de cada um, leitura essa feita sob um olhar carregado de emoção, especialmente o olhar de quem chega e, através da literatura de Jorge Amado, descortina o mundo colonial do Pelourinho e sente o gosto de ficar.

Notas

[1] Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

Referências

AMADO, J. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. 67 ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. 130 p.

SANTOS, M. *Uma definição da Cidade do Salvador.* Salvador: [s. n], 1958. Mimeografado.

______. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.

______. *O espaço do cidadão.* São Paulo: Nobel, 1987. 142 p.

______. Salvador: centro e centralidade na cidade contemporânea. In: GOMES, M. A. de F. (Org.). *Pelo Pelô: história, cultura e cidade.* Salvador: EDUFBA; Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1996.

Uma revisão literária da percepção dos lugares na cidade do Salvador[1]

Suely dos Santos Coelho[2]

Introdução

Este trabalho busca apreender, na obra *Histórias de Salvador - Cidade da Bahia*, de Geraldo da Costa Leal, um relato da experiência nos lugares, valorizando a relação homem-lugar. Segundo Tuan (1983: 151), "o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significados", requisitos que dependem do tempo de vivência constituído de experiências "em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repensadas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar." (p. 203). No entanto, o mesmo autor considera que a "importância dos acontecimentos na vida de qualquer pessoa está mais diretamente relacionada com a sua intensidade do que com a sua extensão" (p.203). Busca-se, na literatura, uma fonte de inúmeros exemplos de subjetividade, a forma de o homem representar a sua experiência com o espaço, ou seja, as vivên-

cias urbanas, o ser e estar na cidade nos seus diferentes graus. Sabendo que o texto literário apresenta uma projeção particular das vivências do autor, outras fontes de informação serão utilizadas na interpretação de uma representação coletiva e das vivências cotidianas na cidade do Salvador. Fragmentos urbanos impregnados de subjetividade pelos citadinos serão selecionados da obra em estudo e analisados por meio do conceito de *topofilia* proposto pelo geógrafo chinês Yi Fu Tuan (1980), *topocídio* uma contribuição do Geógrafo britânico Porteus (*apud* Amorim F.,1996: 142) e *topo-reabilitação*, do Geógrafo Oswaldo Amorim Filho (1996).

Segundo Odile Marcel,

> ... a literatura, como representação das formas urbanas, tem o poder metafórico de conferir aos lugares um sentido e uma função. É nessa medida que as obras literárias, em prosa ou verso, têm contribuído para a recuperação, a identificação, a interpretação e a crítica das formas urbanas. (Marcel *apud* Pesavento, 2002: 09).

A Geografia Humanística, ao priorizar as percepções, representações, imagens, atitudes e valores dos homens para com o mundo vivido, alia-se à Literatura, em busca de respostas sobre como uma coletividade relaciona-se com as formas urbanas e quais os seus desejos e anseios em termos de qualidade ambiental e urbana. Para Tuan (1983), "uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas (...) chamar a atenção para áreas da experiência que de outro modo passariam despercebidas (p.180).

Aspectos gerais do autor e da obra

Geraldo da Costa Leal nasceu em 1923, no Distrito de Santo Antônio Além do Carmo, em Salvador. Diplomado em Odontologia, exerceu a profissão durante quarenta anos e dedica-se atualmente à atividade de pesquisa das tradições e histórias da cidade

do Salvador*. Autor dos livros *Perfis urbanos da Bahia* (2002), *Um cinema chamado saudade* (1997) e *Histórias de Salvador - Cidade da Bahia* (1996), Leal revela, em seus livros, lugares, paisagens e elementos valorizados da cidade do Salvador: os teatros, os cinemas, o elevador Lacerda, os bondes, as ladeiras, a demolição da Igreja da Sé, e descreve aspectos do mundo vivido: as festas, o futebol, os galegos, as atividades religiosas, as praias, as regatas, a vida escolar, dentre outros. No livro em estudo, *Histórias de Salvador - Cidade da Bahia*, o autor complementa as informações coletadas através de pesquisa em arquivos, bibliotecas, livros e jornais, com a história oral de muitos dos protagonistas dos acontecimentos retratados entre os anos de 1920 a 1960.

Os conceitos geográficos

Yi Fu Tuan considera que "os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar" (1983: 158) e introduz o conceito de *topofilia* que incorpora sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética por lugares e paisagens valorizadas, "incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão." No entanto, a familiaridade das pessoas com o meio onde se vive pode gerar, ao contrário de afeição, o desprezo, a repulsão e a aversão por lugares que são considerados feios ou desagradáveis por provocarem "sentimentos de repulsa, desconforto ou medo" (Amorim F., 1996: 145). Para definir tais sentimentos pelo lugar, Tuan (1980) propõe o conceito de *topofobia.*

O *topocídio* é um conceito proposto pelo geógrafo britânico Porteous (*apud* Amorim F.,1996: 142) e significa um contínuo processo de degradação ou aniquilação deliberada de lugares, paisagens naturais ou construídas, ou ainda monumentos valorizados. Porteus enfatiza o caráter traiçoeiro e secreto dos proces-

sos que conduzem ao *topocídio*, isto é, ao desaparecimento definitivo de lugares e paisagens carregados de sentimentos topofílicos. Técnicos e (ou) planejadores responsáveis por projetos urbanísticos, ao darem prosseguimento a planos traçados sem a participação da população residente em áreas de intervenção, provocam danos muitas vezes irreversíveis "aos lugares, às paisagens, aos espaços vividos e às porções significativas da natureza." (Amorim F., 1996: 142).

A *topo-reabilitação* é uma iniciativa de restaurar ou recuperar lugares, paisagens e conjuntos ambientais, com vistas

> ... à melhoria da qualidade de vida dos homens, manutenção da sua memória coletiva ou individual e preservação de sua identidade cultural e seus valores. A única forma de minimizar os vários tipos de topocídio é maximizar, entre todos os grupos da sociedade e de todas as maneiras, a topofilia (...) para tanto é necessário que as forças da topo-reabilitação superem as forças topocídicas. (Amorim F., 1996: 142).

Desenvolver ações que venham a consolidar a troca de "experiências topofílicas, no sentido do prazer de sentir, amar, vivenciar autenticamente um lugar, guardando imagens de um espaço e de suas paisagens, vividas em seu íntimo e captadas através do olhar e dos sentimentos" (Lima, 1996: 164) é um desafio que se lança diante dos profissionais empenhados no planejamento urbano, turístico, ambiental com base local, ou seja, um planejamento que alie linguagens e ações entre os diferentes agentes que produzem o espaço urbano.

As intervenções devem priorizar as especificidades do lugar para, dessa forma, "dotar seus habitantes de 'patriotismo cívico', de sentimento de pertencimento, de vontade coletiva de participação e de confiança e capacidade de sonhar com o futuro da urbe." (Borja, 1996: 89). De acordo com Borja, o princípio legitimador do poder local é o da proximidade: "Esta permite que a organização representativa e a estrutura administrativa

estabeleçam uma relação direta e imediata com o território e a população." (Borja,1996:87). A proximidade adquirida através do levantamento qualitativo, possibilitará a intensificação da legitimidade e a conseqüente "renovação da democracia" (idem,: 90). Dados condizentes com a realidade, quando incorporados ao processo de planejamento, motivarão a participação popular em ações de parceria entre a comunidade e o poder público. As adesões serão facilitadas à medida que mais credibilidade for sendo adicionada ao processo. Ao constatar a concretização de expectativas e anseios da comunidade, moradores anteriormente alheios às discussões e aos debates, poderão se dispor a dar continuidade aos planos de intervenção.

Lugares, paisagens e elementos valorizados na cidade do Salvador

Ao assumir o poder em 12 de janeiro de 1912, dois dias após o bombardeio que descaracterizou alguns pontos da cidade e tornou-os áreas em potencial para intervenções urbanísticas, o Governador J.J. Seabra deu início a um impactante projeto de renovação urbana. Ao invés de conservar os monumentos, ele demoliu inúmeras construções, a exemplo da Igreja Nossa Senhora da Ajuda. Situadas em locais de fluxo intenso de pedestres, as Igrejas são capazes de se consolidar como elementos catalisadores de sentimentos topofílicos.

De acordo com Tuan, "o próprio caminhar adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos do lugar." (1983: 200). Ignorando os sentimentos coletivos relacionados às formas urbanas, diversas obras demolidoras foram desencadeadas pelo poder público em prol de interesses diversos. Esse generalizado topocídio, caracterizado pelo aniquilamento de lugares, pôde ser detectado em alguns trechos da obra de Leal (1996): "colocaram um busto de bronze que já arrancaram

(p. 26); “essa casa foi o Abrigo do Salvador, demolido para ampliação da Escola Técnica” (p. 44); “foi desmanchado para construção do frigorífico” (p. 45); “foi iniciada a sua tumultuada demolição (...) para favorecer os bondes” (p. 68); “passou a ser local de filmes sem qualificação e (...) começou a ser demolido” (p. 51) e “diversas casas foram demolidas nas Ruas do Carro e Tingui, em frente ao Campo da Pólvora, na administração do interventor Landulfo Alves, com a finalidade da construção de um edifício para abrigar o Fórum. Por algum tempo eram vistos escombros” (p. 157).

O Teatro São João

Ambientes que centralizam atividades culturais e de lazer podem gerar sentimentos de afeição coletiva. A topofilia é, nesse caso, intensificada a cada ida ao teatro, ao cinema ou ao parque. Inaugurado em 13 de maio de 1812, o Teatro São João, localizado na Praça Castro Alves (o nome original da praça era Rua da Quitanda ou Portas de São Bento), foi palco de acontecimentos memoráveis: lá o poeta Castro Alves recitou “O Livro e a América”, “Ode ao Dois de Julho” e “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, na ocasião da entrega dos donativos arrecadados para as famílias dos mortos na guerra do Paraguai (Leal,1996: 49). O antigo teatro serviu de palco ao ator e compositor Xisto Bahia, um dos primeiros artistas da música popular, nascido em 1841, o qual revelou-se, no decorrer dos anos, como um excelente tocador de viola, compositor, letrista, violonista e cantor. Segundo o depoimento do maestro Guilherme de Melo, Xisto Bahia, era engraçadíssimo com seus lundus, aos sons agudos e metálicos do violão (Leal, 1996: 220). O lundu, de origem africana, era uma dança sensual e popular entre os escravos, cujo som era facilmente confundido com o batuque das senzalas. O lundu foi introduzido nas festas familiares da burguesia da época e chegou aos palcos com encenações do cotidiano. As modinhas e os lundus

eram exigidos nos teatros e recatadamente apresentados nos salões. Leal (1996) cita a intervenção da polícia proibindo, e posteriormente permitindo com restrições, a apresentação desse ritmo e dessa dança no Teatro São João. Ambiente acolhedor dos amantes da arte, das encenações teatrais, dos ritmos dançantes do início do século XX, o Teatro São João consolidou-se como elemento urbano centralizador de sentimentos topofílicos. Lastimável foi o incêndio que terminou por destruir o que já havia entrado em decadência. Leal (1996) cita as sucessivas publicações nos jornais da época relatando o declínio do lugar (p. 50).

Os Saveiros

Presente no imaginário coletivo dos que habitam ou freqüentam as áreas litorâneas da cidade do Salvador, os saveiros evocam sensações de liberdade, de calmaria, de paixão pelo mar e o que este representa. Segundo Tuan,

> Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura (Tuan, 1980: 131).

De acordo com Leal (1996) as mercadorias procedentes do interior do Estado chegavam ao Mercado Modelo e em outras feiras por intermédio dos saveiros: "Vinham nos grandes saveiros com suas gigantescas velas que cruzavam a Baía de Todos os Santos (...) eram muitos os saveiros que enfeitavam o mar". Segundo o depoimento do arquiteto e projetista Lev Smarceviski, a rampa do Mercado Modelo, hoje abandonada, poderia voltar a servir de porto de confluência dos saveiros do Recôncavo, como ocorre em vários portos do mundo. O Recôncavo baiano ainda é muito rico em produtos que poderiam ser transportados pelos saveiros e serem

vendidos na rampa a preços mais acessíveis. Ele defende a construção de um museu do saveiro, de modo a preservar para o turismo a história da embarcação (A Tarde, 10/06/2001).

Atualmente, nas cidades do Recôncavo e do baixo sul baiano, os artífices e mestres mantêm viva a arte milenar de construção de saveiros em madeira, nos estaleiros rudimentares, utilizando como ferramentas o machado e o graminho (uma espécie de ábaco que fornece as formas e dimensões das diversas peças utilizadas na construção de saveiros). O graminho dá ao barco a mesma homogeneidade de forma que tinha no passado. Aliada aos instrumentos de trabalho está a transmissão oral das informações teóricas, realizada através de cantigas ritmadas de roda (A Tarde, 19/08/2001). De saveiros (embarcações que faziam o transporte de mercadorias e diversos elementos da cultura do recôncavo baiano) aos barcos de passeio e escunas, a orla da Ribeira ainda mantém, para visitantes e moradores, a imagem turística, de lazer e de descontração, consolidada no decorrer dos anos. Hoje, para os mais saudosistas, é possível contemplar os velhos saveiros reformados no Clube do Saveiro, na Ribeira. O saveiro enfrenta um crescente topocídio. No entanto, a proposta de mantê-lo integrado às funções anteriormente desempenhadas expressa uma tentativa de topo-reabilitação, ou seja, de resgate e intensificação da topofilia.

Os Bondes

Ainda sobre os meios de transporte, temos o exemplo dos bondes. Semelhantes quanto à forma, mas de uso diferenciado, os bondes marcaram intensamente a vida urbana a partir de 1898, quando foram eletrificados e tiveram seus itinerários prolongados com um maior número de linhas. Além do transporte habitual de passageiros, o bonde também atendia a serviços funerários, de transporte de mercadorias e cargas e de festejos comemorativos. Para cada ocasião, o bonde era devidamente decorado ou

adaptado, daí a importância dos assentos fixos e encostos móveis. Lembretes, anúncios publicitários e ditos populares impressos nos encostos dos bancos eram lidos durante os percursos - "cinco passageiros em cada banco" - "é proibido falar com o motorneiro" - "é proibido fumar nos três primeiros bancos", dentre outros, conforme Sant'ana (1996: 132). "Existiam, também, os bondes para conduzir os doentes para os hospitais, além dos mistos para transportar mercadorias e compras das feiras. Neles eram conduzidos imensos balaios das feiras" (Leal, 1996: 80). "Os bondes funerários possuíam detalhes em preto, mas no caso do defunto ser criança ou virgem os detalhes eram brancos e os desenhos das flores sempre dourados" (Leal, 1996: 79). O bonde "material rolante", o nome já informa qual a sua finalidade: conduzir material para consertar ou corrigir defeitos de linha ou de bonde "era todo fechado e com portas e janelas, e conduzia, além de material necessário, algumas máquinas ou tornos e os operários especializados no assunto" (Sant'ana, 1996: 256).

Para José Lemos Sant'ana,

> ... o bonde era uma coisa extraordinária, soberba, excepcional, para ser usado por pessoas capacitadas. Quando passava para o "Colégio Senhor do Bonfim" ou para a missa do padre Edmundo, na igreja da Penha, olhava pasmado para o bonde que passava. Eu parava de andar só para olhar o bonde, do qual uma coisa me intrigava. Como é que aquele arco passava nas emendas do fio? Parecia arte mágica (Sant'ana, 1996: 131).

A proximidade com o mar, possibilitada pela mudança da residência de José Sant'ana, de Pojuca - BA para Itapagipe, remonta ao sentimento de afeição partilhado pelos dois lugares de vivência: "Itapagipe me aproximou do mar, dos bondes e de muita novidade (...) ali estavam ainda muitas ruas sem calçamento e casas de beira de bica, afora o próprio areal da praia a lembrar as areias de Pojuca, onde nos espalhávamos, nós os meninos, em piculas e correrias (Sant'ana, 1996: 217). Os bondes viveram seu

período áureo até meados dos anos 40, perdendo espaço para os trolebus na década de 50. Na gestão de Hélio Machado (1955-1959) o bonde cedeu lugar, em definitivo, ao ônibus.

Para Tuan, na apreensão do que está ao seu redor, os homens utilizam os sentidos e em função de possuírem órgãos similares, compartilham de percepções comuns. A percepção visual predomina; no entanto, "... somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos. Em parte, talvez, porque não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar os olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons." (Tuan, 1983: 09). Quanto aos sinos das igrejas, Leal (1996) relembra:

> Ficamos habituados a ouvi-los e entendíamos sua linguagem. O meio dia era anunciado com as 12 badaladas. À tardinha, no fim do dia, na hora da Ave Maria, ouvíamos as seis pancadas. Nas torres de todas as igrejas existiam sinos, umas com maior, outras com menor quantidade, mas com tonalidades graves e agudas. Entendíamos perfeitamente o toque. Quando o sinal era de alegria, os menores bimbalhavam, mas a sonoridade ininterrupta e grave dos maiores indicava acontecimentos tristes. (Leal, 1996:77).

A percepção auditiva é desenvolvida em diversos locais; no entanto, em alguns ambientes propícios à musicalidade, podemos aguçar nossos ouvidos às diversas tonalidades e ritmos.

Associação dos Empregados do Comércio

Local escolhido para concertos, recitais líricos e declamações, o salão da Associação dos Empregados do Comércio construído em 1917, localizado na esquina da Rua Chile com a Rua do Tira-Chapéu, ao lado da Câmara Municipal de Salvador, aguarda a conclusão das obras de restauração prometidas como parte das comemorações dos 100 anos da Rua Chile. As obras devem incluir a recuperação das pinturas existentes no teto do

salão nobre, onde estão os retratos dos fundadores, o elevador, um acervo literário de cinco mil títulos (há publicações com mais de 100 anos), o piano "Essenfelder", dentre outros móveis antigos (A Tarde, 31/07/2002). Segundo Leal, havia um interesse generalizado em se conhecer as obras dos poetas e recitar suas poesias, as atividades escolares tinham o objetivo de familiarizar os alunos com as trabalhos dos poetas e desenvolver o gosto e o hábito da leitura (p. 34). Muitos são citados dentre os declamadores, a exemplo de Lula Parola, pseudônimo de Aloísio de Carvalho. Jornalista e poeta lírico, cantou em seus textos a cidade do Salvador e manteve, no jornal A Tarde, a coluna "Cantando e Rindo (p.34). "O entusiasmo pela preservação nasce da necessidade de ter objetos tangíveis nos quais se possa apoiar o sentimento de identidade." (Tuan, 1980: 217).

Os Largos do Papagaio e da Madragoa, na Ribeira

Segundo Tuan (1983), "muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente." (p. 180). Assim o são os Largos do Papagaio e da Madragoa, ambos localizados no bairro da Ribeira, em Salvador.

"Os Largos de Roma, do Papagaio e da Madragoa ofereciam espaços onde a meninada podia se divertir. À noite, em quase todos os bairros, era costume as famílias colocarem cadeiras nas portas para conversarem sem risco de qualquer natureza" (Leal,1996: 19). Tal costume ainda é facilmente constatado em uma simples visita ao bairro da Ribeira, em Salvador. A sensação de estar em uma "cidade do interior", longe da correria que permeia os centros comerciais, gera em moradores e visitantes um sentimento comum de afeição pelo bairro, destacando o privilégio de estar próximo ao mar e a convivência aprazível entre os moradores.

Os Largos do Papagaio e da Madragoa se mantiveram, no decorrer dos anos, como locais escolhidos para o "bate-papo", o "namoro" ou para ficar "à toa". O acesso facilitado pelo terreno plano da Península Itapagipana, como também o fato de se constituírem como locais de passagem de pedestres e veículos, possibilitou a manutenção desses locais como pontos marcantes do bairro. Fruto da reivindicação dos moradores, tais espaços, há tempos abandonados pela administração municipal, vêm sendo submetidos a projetos de requalificação de espaços públicos. Tanto no Largo da Madragoa quanto no Largo do Papagaio, os projetos de intervenção foram comunicados e discutidos com a comunidade, através da Associação dos Moradores de Itapagipe – AMAI, e estão sendo implementadas obras para a construção de quadras poliesportivas, *playground* e áreas de lazer (A Tarde, 23/04/2002).

Segundo relatos de antigos moradores da Ribeira, o Largo do Papagaio era um antigo campo de futebol, que possuía, em suas proximidades, um charco com sapos e até cobras, e foi transformado em uma praça com coreto, calçamento, iluminação e arborização, durante a administração do prefeito Antônio Carlos Magalhães. Denominada de Praça Simões Filho, uma homenagem ao fundador do jornal "A Tarde", o local, hoje, continua sendo conhecido como Largo do Papagaio. No Largo da Madragoa, existia um coreto com duas subidas, as laterais eram de grade, com dois grandes portões: um, defronte ao Colégio Estadual Costa e Silva e o outro, no lado esquerdo, defronte à antiga Farmácia Britto. As grades externas foram retiradas, e o coreto conservado até 1948. (Coelho & Serpa, 2002: 47)

Tais esforços de topo-reabilitação na Ribeira visam a resgatar visualmente e no imaginário dos habitantes do lugar o prazer estético da apreciação da paisagem e o emergir de lembranças pessoais de cada morador do bairro: "a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar." (Tuan, 1980: 114). Para Paulo Henrique Santos,

> ... a memória, pessoal ou de grupo, confere assim o sentimento de identidade. Ao recuperar aspectos das experiências anteriores, o ato de lembrar ou recordar o faz na perspectiva de integrá-los às ações do presente. A recordação, no entanto, não é um procedimento meramente consciente ou desejado. Muitos fragmentos do passado são relembrados espontaneamente: as recordações sensíveis, movidas por sinais como os odores, os sabores e os sons, trazem formas de lembranças recônditas na consciência (Santos, 2001: 26).

Hidroporto da Ribeira

Visitantes e moradores do bairro da Ribeira não podem reviver os momentos que antecediam a descida de um hidroavião no hidroporto, porque o que dele restou não é capaz de recontar a agitação que ocorria nas imediações. "Ficávamos todos admirados com as histórias dos aviões que desciam dentro d'água, no Aeroporto dos Tainheiros, em Itapagipe" (Leal, 1996:101) e, segundo o relato de Sant'ana, "a descida do avião sobre o mar parecia, pelo número de pessoas, que toda a península ocorrera à Ribeira e aos Tainheiros para assisti-la. Não era. Era todo o povo daquele trecho mais próximo que vinha como estava: homens de pijama, mulheres de robe, meninos correndo descalços. Mesmo porque a coisa era rápida." (Sant'ana, 1996:1 64). O topocídio é, nesse exemplo, caracterizado quando um completo aniquilamento do lugar é causado, de modo a impossibilitar recordações do passado.

Conclusão

Ao efetivar um programa de transformação do cenário urbano na cidade do Salvador, entre os anos de 1920 a 1960, alheio às particularidades existentes nos sentimentos, nos valores e na vida cotidiana dos moradores, os segmentos dominantes aniqui-

laram lugares valorizados, monumentos e elementos urbanos. Medidas adotadas pelo poder público, como o alargamento de vias, a modernização do sistema de transportes, a mudança de antigos aspectos arquitetônicos das ruas, praças e edificações urbanas visavam à criação de uma infraestrutura moderna. Esse topocídio generalizado em vários pontos da cidade provocou simultaneamente a perda de identidade coletiva por esses espaços e acentuou o poder e privilégios da classe dominante.

Atualmente, nos deslocamentos diários, o morador ou visitante visualiza, pelas ruas da cidade do Salvador, o passado constantemente reiterado, através da seleção dos símbolos, reafirmando o domínio das classes dirigentes. Resistindo e mantendo vivos os elos afetivos com o lugar, por meio da transmissão da história oral de seu bairro, de peças infantis, de cantigas de roda, do artesanato, reuniões com os moradores, algumas associações de bairro consolidaram-se e reivindicam, com sucesso, projetos em prol do interesse da comunidade, principalmente de resgate (topo-reabilitação) de referenciais.

Os referenciais podem ser, dentre outros, fragmentos da história de um bairro, produto da reivindicação de seus moradores, espaços públicos, locais de passagem, vias de acesso, estabelecimentos comerciais: lugares que o tempo transformou em espaços-vividos, conhecidos, cheios de significado. Assim, esses referenciais resultam da vivência consolidada através do acréscimo de sentimento "topofílico" ao longo dos anos e como componentes experienciados do espaço pelos moradores com maior intensidade. Se restaurados, podem reforçar a identidade do lugar. Requalificar referenciais significa restaurar e (ou) intensificar os sentimentos de afeição de seus moradores pelo espaço em que vivem. Não apenas os referenciais de maior visibilidade e (ou) acessibilidade devem ser considerados, mas também os menos notáveis, que tenham sua importância como referenciais para habitantes de microáreas inseridas no bairro.

Notas

* Nota dos organizadores.

[1] Este artigo se constitui como parte das atividades desenvolvidas na disciplina *Espaço Geográfico na Literatura*, junto ao Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Bahia, sob a orientação da Prof[a] Dr[a] Maria Auxiliadora Silva e do Prof. Délio José Ferraz Pinheiro.

[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

Referências

AMORIM, F. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. (Orgs.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1996.

BORJA, J. As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão européia e latino-americana. In: FISCHER, T. (Org.). *Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

COELHO, S. *A percepção do bairro através dos diferentes modos de transporte*. 2002. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

LEAL, G. da C. *Histórias de Salvador: Cidade da Bahia*. Salvador: [s. n.], 1996.

MESTRES evitam desaparecimento dos saveiros. *A Tarde*, Salvador, 19 ago. 2001.

PATRIMÔNIO ameaçado em prédio na Rua Chile. *A Tarde*, Salvador, 31 jul. 2002.

PENSAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 393 p.

PRAÇAS terão obras de reurbanização. *A Tarde*, Salvador, 23 abr. 2002.

SANT'ANA, J. L. de. *Bambangas: (memórias)*. Salvador: FORMU, 1996. 165 p.

SANTOS, P. H. D. *Cidade e memória: dimensões da vida urbana em Caetité: 1940-1960*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SAVEIROS baianos ameaçados de extinção. *A Tarde*, Salvador, 10 jun. 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

______. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980. 288 p.

Os Jornais

Patrimônio ameaçado em prédio na Rua Chile. A Tarde. 31/07/2002.

Praças terão obras de reurbanização. A Tarde. 23/04/2002.

Mestres evitam desaparecimento dos saveiros. A Tarde. 19/08/2001.

Saveiros baianos ameaçados de extinção. A Tarde. 10/06/2001.